

Muitas estações estão paradas ou funcionam mal

TRATAMENTO DOS ESGOTOS É SÓ FACHADA

Muitas estações de tratamento de esgotos construídas em Portugal nos últimos anos estão paradas ou funcionam mal. A revelação foi feita pelo professor Maggiolly Novais, do Laboratório de Engenharia Bioquímica do Instituto Superior Técnico no Terceiro Encontro Nacional de Biotecnologia. De uma situação de indiferença pela protecção do meio ambiente, passou-se à construção positiva de muitas estações de tratamento que, por «erros humanos, negligências e falhas mecânicas concorrem para o aparecimento de problemas», sublinhou.

Pág. 9



Pré-cimeira EUA-URSS: Reagan parte para a Islândia

Pag. 13



José Gomes

Amadora: Estrela brilha no céu

Amadora: cidade com cerca de 300 mil habitantes, está completamente entregue a um sonho — ver o seu maior clube na I Divisão do futebol português. Para isso, o «Estrela» trabalha, comandado pelo presidente José Gomes e treinado por Fernando Cabrita, contando no «team» com «internacionais» como Norton de Matos, todos apostados no mesmo. Adversário temível é o Vitória de Setúbal. Por isso, os amadorenses não querem nos seus jogos juizes setubalenses.

Págs. 14, 15 e 16

Idosos: essas vítimas de rejeição por uma sociedade injusta(1)

Não há uma política de velhice, tudo é empírico, ao correr dos ventos...

Carlos Jorge

Pessoas idosas constituem um estrato social extremamente marginalizado, não apenas nos aspectos materiais, mas sobretudo, no campo das relações sociais e da participação comunitária, como se a idade e a consequente perda do estatuto de trabalho, advinda da passagem à reforma, lhes cortasse direitos e obrigações fundamentais e justificasse a rejeição de que são vítimas. Isto passa-se numa sociedade que se considera desenvolvida e democrática, em que grande percentagem da população se diz cristã, mas que, no geral, se comporta de forma desumana e segregadora.

Portugal não tem um órgão para a terceira idade

Em Portugal, não há uma política de velhice, tudo é empírico e ao correr dos ventos.

Governantes, deputados, instituições da mais variada espécie, ex-companheiros de trabalho, mesmo familiares, esquecem, segregam e rejeitam pessoas idosas.

Mas, é espantoso que, salvo algumas excepções, idosos, segregados ou não, e outras vítimas se resignem perante tão afrontosa e injusta iniquidade e se conformem com a miséria, a fome própria e de outrem, como se, com o seu silêncio, não fossem responsáveis pela perpetuação, o adiamento de tão desumanas situações.

Existe uma Secretaria de Estado da Juventude, Comissões Parlamentares da Juventude e das Mulheres. Mas ao contrário dos outros países da CEE e dos países socialistas, em Portugal não há um órgão institucional de nível superior que oriente e cuide expressamente da problemática do envelhecimento e das condições de vida das pessoas idosas e dos deficientes.

Nem tão-pouco as organizações de idosos e de deficientes usufruem, como nos outros países, do direito constitucional de participação a nível nacional, comunitário e institucional nos planos económico, sanitário e social e, particularmente na orientação e gestão de tudo que diga respeito a este estrato social; nem lhes é dada a possibilidade de divulgarem a nível nacional a problemá-

tica do envelhecimento e as carências dos idosos, cuja «voz» também é suprimida com a passagem à reforma.

No entanto, representantes do Governo português estão presentes nas grandes reuniões sobre o envelhecimento, realizadas pelas Nações Unidas e por outros organismos internacionais e recebem as importantes recomendações, autênticos códigos orientativos aí aprovados...

Tudo letra morta por falta de vontade política, pois segundo a óptica dos governantes protectores do capital, os idosos são uma pesada carga, uma massa inútil condenada pela filosofia economicista dos teóricos do neoliberalismo ao serviço do grande patronato e dos grandes grupos financeiros.

No entanto, sem darem por isso, as pessoas idosas têm uma grande e crescente força, pois não são apenas o actual milhão e meio de indivíduos com mais de 60 anos, cerca de 14,3% da população total nacional, porque todas as pessoas sem distinção de idades são idosas potenciais e, como tal, futuras vítimas que encontrarão uma «fossa» ainda mais iníqua que a presente, se continuarem insensíveis à segregação dos mais idosos e não compreenderem a necessidade urgente de modificar esta sociedade de exploração dos homens.

Os idosos não podem conformar-se

Porque o trabalho e a segurança social no relativo a seguros sociais são dois mundos bem distintos, a grande maioria dos países

tem dois ministérios independentes para cuidarem destas matérias, tal como já aconteceu em Portugal, com melhores resultados do que presentemente.

A reforma é uma situação de inactividade profissional voluntária, que deve resultar de uma decisão pessoal depois de satisfeita a idade ou o tempo de serviço que faz jus a tal direito, sem nada que possa forçar a pessoa idosa a reformar-se (forma de despedimento mascarado).

Porém, valha a verdade — que dá para pensar — muitos idosos, carecidos de preparação para a vida de reforma, desconhecendo do processo de envelhecimento, alguns individualistas e sem sentido associativista, ao reformarem-se, cortam com qualquer tipo de actividade produtiva, social ou benévola, dizendo que estão cansados de uma vida de trabalho.

Assim, se tornam simples consumistas — mesmo da miséria —; isolam-se, sem qualquer reacção, sem saberem como ocupar de forma ordenada, variada e útil o tempo de que passariam a dispor, sem aspirações e formas de lazer, até por falta de hábito, pois nunca tiveram tempo nem possibilidades para tal usufruto; perdem o contacto com os ex-companheiros, esquecendo que parar é morrer e que a inactividade acelera a inevitável redução das capacidades físicas e intelectual, em breve, começam a julgar-se inúteis e entram na péssima fase da solidão angustiante.

Cabe ao Estado financiar a Acção Social

A Acção Social, em Portugal, em vez de ser orientada, coordenada e financiada pelo Estado e concretizada pelo Poder Local, é financiada pelo Regime Geral da Segurança Social e concretizada pelos Centros Regionais de Segurança Social, quando não financiada e concretizada exclusivamente por instituições privadas de solidariedade social (cuja acção devia ser supletiva da do Estado), como é o caso da Misericórdia de Lisboa, que cobre todo o concelho de Lisboa no que se refere a apoios sociais e não só.

Em país algum o Estado se serve das receitas de contri-



buições da Segurança Social para financiar prestações sociais e acções que, por dependerem da solidariedade nacional, como é o caso da Acção Social, são da responsabilidade do Estado.

Porém, tão grave abuso não se limita à Acção Social, pois o Regime Geral, cujas receitas já estão reduzidas de muitos milhões de contos pelas dívidas de entidades patronais e pelas consequências do desemprego, tem ainda de financiar os défices dos regimes reduzidamente contributivos.

Deste modo, o Estado em vez de subsidiar a Segurança Social, como consignado na Constituição da República, serve-se, cada ano, de muitos milhões de contos em prejuízo do valor das pensões e subsídios.

Como se tal «sangria» não bastasse, para satisfazer o apetite do grande patronato, o Governo decide reduzir de 1% a taxa de contribuições para a Segurança Social e para o seguro de desemprego, o que certamente agravará a situação económica dos pensionistas, cujas pensões, de 1976 até finais de 1985, perderam mais de 70% do poder de compra.

Mas, não há que nos admi-

ramos num país onde a distribuição do rendimento nacional bruto atribui menos de 50% aos rendimentos do trabalho (salários e contribuições para a Segurança Social), quando nos outros países da CEE lhes são atribuídos 65 e 70 por cento, e mesmo mais.

Por isso, não admira o elevado número de crianças, idosos e inválidos a estenderem a mão à caridade, quando não a esgravatarem em caixotes de lixo à procura de meios de subsistência!

Os Centros Regionais carecem de vocação para a Acção Social

Os Centros Regionais de Segurança Social, para além da sobrecarga de tarefas de outras áreas, carecem duma maneira geral, de sensibilidade e de vocação para o desenvolvimento da Acção Social, cuja prossecução deveria, como nos outros países, estar confiada ao Poder Local, que, de acordo com o plano de orientação nacional, cuidaria da protecção social das comunidades, tendo em conta as necessidades e potencialidades de cada localidade, as quais ninguém conhece melhor do que as au-

tarquias.

Então seria possível melhorar o atendimento das necessidades, evitar duplicações de serviços e de infra-estruturas nas áreas da infância, da juventude e dos idosos.

Entretanto, considera-se do maior interesse que seja feita uma mais estreita aproximação entre os Centros Regionais de Segurança Social para uma melhor coordenação de acções e para um urgente levantamento das necessidades e das potencialidades de cada concelho no concernente aos vários grupos etários.

Por outro lado, julga-se do maior interesse a urgente realização de um encontro nacional sobre a problemática do envelhecimento, em todos os seus aspectos tendo como referência as recomendações aprovadas na Assembleia Mundial sobre o Envelhecimento, com a participação de técnicos, de organismos oficiais, autarquias, IPSS, organizações de reformados, etc.

A seguir:

A Política «Económica» torna a situação preocupante.

Constâncio quer saber o que é o PRD

O que é, politicamente, o PRD? Esta a questão que Vítor Constâncio coloca no primeiro artigo que assina na «Acção Socialista» como secretário-geral do PS.

«Aparentemente o que é acontece é que o PRD passa hoje de um discurso vagamente moralizante a um discurso de pura sobrevivência», constata o novo líder socialista, adiantando logo de seguida: «Não tem, porém, (o PRD) ainda um discurso político com objectivos claros e coerentes. Nada de politicamente útil se poderá fazer com os democratas que militam no PRD enquanto este não esclarecer em definitivo de que lado está».

No seu artigo, Constâncio visa também o PCP e conclui ser o PS a «única resposta credível» ao «bloco conservador de direita»:

«Perante uma direita que parece unir-se sob a égide de um PSD com pretensões maioritárias e uma esquerda fragmentada e bloqueada pela existência de um PC agarrado ainda à vulgata marxista com o qual nada é possível», compete ao PS, na óptica do seu dirigente, liderar a «alternativa de esquerda democrática».

«A única resposta credível — acrescenta — está em fazer do PS o fulcro da renovação e da reunificação de toda a esquerda democrática portuguesa, de todo o espaço que vai do centro-esquerda moderado, da autêntica social-democracia, até ao socialismo democrático».

Este artigo de Vítor Constâncio vem alimentar as divergências que, após uma «trégua» de alguns meses, que sucedeu à eleição de Mário Soares e à sua sucessão à frente dos socialistas, caracterizou a vida dos partidos da oposição, situados à esquerda do PSD.

Nos últimos dias, face à estratégia «bipolarizadora» defendida por Constâncio e à sua tentativa de polarizar a esquerda em torno do PS, o PRD e o PCP reagiram, o primeiro recusando que o Poder possa ficar reduzido à alternância entre dois grandes partidos, e o segundo, enfrentando o seu afastamento da Convenção da Esquerda, voltando a acusar os socialistas de posicionamento à di-

reita.

Este retorno a polémicas de sempre entre a oposição situada à esquerda do PSD, para além das causas próximas que descobrem velhas clivagens, assenta na incapacidade (ou impossibilidade) destes partidos se constituírem em alternativa a Cavaco Silva.

PRD: que futuro?

Centro de algumas das dificuldades da oposição parlamentar à esquerda do PSD, tem sido o PRD, um partido que desde a sua formação tem tido dificuldade em assumir uma linha política coerente.

Para o seu secretário-geral, Lencastre Bernardo, a próxima Convenção do partido irá clarificar a situação e «neste mês de Outubro começa o futuro» para os renovadores.

Na base deste optimismo — expresso num momento em que as sondagens apontam para uma descida vertiginosa do partido — está a próxima assunção de responsabilidades de direcção por parte do ex-Presidente da República, Ramalho Eanes. Isto sucederá dentro de pouco mais de uma semana, no Porto.



Lencastre Bernardo, numa entrevista ao jornal «Renovação», órgão do PRD no concelho de Oeiras, alude às modificações que a Convenção irá introduzir nos estatutos do partido dizendo que serão mínimas, mas que houve «especial atenção» no lugar e funções a atribuir ao actual presidente do PRD, Hermínio Martinho, dado que este posto irá passar para Ramalho Eanes. Martinho deverá, assim, assumir a vice-presidência dos renovadores.

Sobre a liberdade de voto dos deputados do PRD, Bernardo Lencastre diz que «não é posta em causa», sendo apenas introduzidos «ligeiros ajustamentos, com o objectivo de reforçar, de forma indiscutível, a afirmação de estabilidade que o PRD trouxe à vida política nacional».

A propósito da transferência de Macau

Delegações de Portugal e da China voltam a reunir-se em Pequim

Delegações de Portugal e da República Popular da China reúnem-se em Pequim nos próximos dias 21 e 22 para prosseguirem as negociações sobre a transferência da administração de Macau, território sob a administração portuguesa. Trata-se da terceira ronda de negociações que foram classificadas sempre de cordiais e amistosas nos comunicados conjuntos emitidos depois de cada uma das rondas anteriores, de 30 de Junho a 1 de Julho e a 11 e 12 de Setembro.

As delegações, que integram cinco elementos de cada lado, são chefiadas respectivamente pelo embaixador português Rui Medina e pelo vice-ministro dos Negócios Estrangeiros, Zhou Nan, que já liderara a delegação que negociou com Londres a devolução à China da soberania sobre a colónia britânica de Hong-Kong, em 1997.

Foi de resto a 20 de Maio último que os governos de Lisboa e Pequim anunciaram, em simultâneo, a intenção de encetar negociações sobre o futuro de Macau. Mesmo antes de definida a data do início destas, e em declarações feitas enquanto decorriam as conversações sobre Hong-Kong, as autoridades chinesas anunciaram sempre o interesse em manter o actual sistema socioeconómico do território, no âmbito da política de «um país de dois sistemas» preconizada pelo líder chinês Deng Xiaoping para os territórios reunificados com o continente.

O governo chinês, segundo declarações feitas pelo chefe da delegação negociadora chinesa Zhou Nan, pouco antes da primeira ronda, terá em consideração «as especificidades de Macau, assim como as suas semelhanças e diferenças com

Hong-Kong» e o seu «status quo».

Transferência

A parte portuguesa, segundo fontes próximas da delegação, pretendia à partida das negociações que elas decorressem tendo em conta três pontos: a não equiparação, por parte de Pequim, dos processos de Macau e Hong-Kong, a marcação de uma data de transferência posterior à da colónia britânica (1997) para Macau e a realização das rondas alternadamente em Pequim e Lisboa.

O terceiro ponto, como aliás sucedera já em relação às negociações sino-britânicas, não foi aceite pelas autoridades chinesas, apontando os analistas para a exigência de respeito por «uma questão de princípio» por parte de Pequim relativamente a territórios «colonizados». No entanto, pouco antes de ser marcada a terceira ronda das negociações em Pequim, era anunciada uma visita oficial a Portugal, em Novembro, do vice-ministro chinês e chefe da delegação chinesa, Zhou Nan.

Funcionários superiores chineses e representantes oficiosos da China em Macau e Hong-Kong, desde que foi referida pela primeira vez, em Maio de 1985, a intenção de se encetarem negociações sobre Macau, disseram sempre que estas, dadas as óptimas relações existentes entre os Estados chinês e português, decorriam mais facilmente do que as de Hong Kong.

Aliás, o obstáculo mais difícil nas negociações sobre Hong Kong — o do reconhecimento da soberania — deixou de existir há anos em relação a Macau, definido na Constituição portuguesa como apenas «território sob administração portuguesa».

Para uma visita oficial de três dias

Presidente da Venezuela chega hoje a Lisboa

O presidente da República da Venezuela chega esta tarde a Lisboa para uma visita oficial de três dias a Portugal. Jaime Lusinchi é acompanhado por uma comitiva de 28 personalidades políticas e da área económica, entre as quais o ministro dos Negócios Estrangeiros e do Fundo de Investimento.

A deslocação a Portugal do chefe de Estado venezuelano visa o estreitamento dos laços comerciais e diplomáticos com as autoridades de Lisboa.

Jaime Lusinchi é o segundo presidente venezuelano a visitar oficialmente Portugal. Em Novembro de 1976, o presidente Carlos Andres Perez esteve em Lisboa a convite do ex-Presidente da República, Ramalho Eanes. Durante a sua permanência em Portugal, foi assinado um acordo básico de cooperação

técnica e de cooperação económica e industrial. No dia 10, Lusinchi tem uma reunião com Mário Soares e no sábado tem outra com o Primeiro-Ministro. A Assembleia da República prestará honras ao presidente venezuelano, na sessão de sexta-feira, dia 10.

O programa político da visita do presidente Jaime Lusinchi prevê um encontro com embaixadores de países africanos acreditados em Portugal, solitado pelos respectivos diplomatas.

O programa económico inclui um encontro com empresários na Associação Industrial Portuguesa (AIP), que oferecerá a Lusinchi um diploma de sócio honorário. Uma fonte da AIP disse entretanto, que não está prevista a assinatura de quaisquer acordos económicos «por agora».

Comissão Política decidiu

PSD vai lançar campanha de propaganda do Governo

O PSD vai fazer ainda mais propaganda do seu Governo. Esta a conclusão da decisão tomada ontem na reunião da Comissão Política daquele partido que anunciou a intenção de lançar uma campanha de informação a nível nacional subordinada ao lema: «Governar melhor assim, governar assim é melhor».

De acordo com palavras do secretário-geral, Dias Loureiro, os sociais-democratas «estão orgulhosos» com as medidas do Governo no campo da saúde, habitação, economia, agricultura e segurança social pelo «que devem transmitir de todos os modos possíveis ao povo português». Neste sentido, prosseguiu aquele responsável partidário, os militantes do PSD irão ser colocados «ao serviço da difusão» das recentes medidas governamentais.

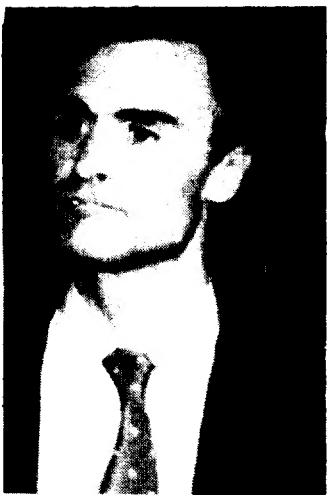
Dias Loureiro, que falava aos jornalistas no final da reunião daquele órgão de cúpula do seu partido comentou desta forma a posição dos vários ministros que se recusaram a participar em reuniões com comissões especializadas do Parlamento: «Não recusamos dialogar, fazemos mais do que isso. Sugerimos que se recorra a

fazer uso da prerrogativa regimental de perguntas e respostas ao Governo».

Quanto ao Congresso da JSD, Loureiro sublinhou que a direcção do seu partido «não se vai pronunciar» sobre as próximas eleições para os corpos dirigentes da sua organização juvenil por considerar aquele organismo como «uma estrutura autónoma». afirmou desconhecer se Cavaco Silva tem preferência por qualquer dos candidatos à liderança da JSD.

Distrital de Braga quer eleições?

Entretanto, a comissão distrital de Braga do PSD preferiu curiosas declarações por ocasião do primeiro aniversário da vitória eleitoral do seu partido. Assim: «A única alternativa real e verdadeira ao actual Governo do PSD é um novo Governo do PSD,



reforçado na sua base de apoio através de eleições e presidido pelo estadista de eleição que é, para bem de todos os portugueses, o prof. Cavaco Silva».

Para os sociais-democratas de Braga, os resultados da ascensão do PSD ao poder «são evidentes», apontando como dados concretos «um Governo empreendedor e eficaz, a melhoria das condições de vida dos portugueses e um novo clima de confiança e esperança que se instalou no país».

ANASD: encontro com Cavaco

A Associação dos Autarcas Sociais Democratas (ANASD) manifestou ontem a sua «clara oposição ao projecto de regionalização do PCP, quer sobre o conteúdo, quer sobre a forma».

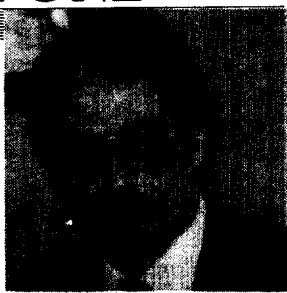
Estas as declarações do presidente do Conselho Directivo daquela Associação no final de uma reunião de duas horas com Cavaco Silva, em que a regionalização foi um dos temas abordados.

«É inadmissível que uma região seja limitada a um distrito», afirmou Lívio Borges manifestando-se contrário ao facto de o projecto de regionalização do PCP ter sido «discutido em assembleias municipais».

Além da regionalização, foram abordados temas como o da implantação do PSD na área autárquica «através de acções de formação política e autárquica» e o da «melhor articulação entre as estruturas do partido e as da ANASD», disse aquele autarca.

Além de Cavaco Silva participaram ainda na reunião Dias Loureiro e elementos da Comissão Política Nacional do PSD.

António Pedro



"A palavra de ordem do Congresso de Copenhaga é salvaguardar a Paz e o Futuro da Humanidade"

O Congresso Mundial dedicado ao Ano Internacional da Paz vai realizar-se de 15 a 19 deste mês em Copenhaga. Nele participarão personalidades de todos os países do mundo e dele se espera uma eficaz chamada de atenção para os perigos da guerra e a necessidade da paz.

António Pedro, um dos responsáveis da organização em Portugal do Ano Internacional da Paz, falou-nos, ao telefone, deste Congresso, onde vai igualmente estar presente uma delegação portuguesa.

«Como sabe, a palavra de ordem do congresso de Copenhaga é «Para salvaguardar a Paz e o Futuro da Humanidade», e o objectivo número um é proporcionar um diálogo aberto e construtivo entre as diversas forças que nele participam, como contributo para que o perigo de uma guerra nuclear seja eliminado».

«Que características e quem compõe a delegação portuguesa que vai a Copenhaga?»

«A delegação terá cerca de 40 pessoas de todas as regiões do país e de todos os sectores políticos e sociais. Desde deputados a sindicalistas, de operários a intelectuais, mulheres, jovens, pessoas ligadas à Igreja e a numerosas associações recreativas e culturais. É o mais diversificada possível. Além disso teremos como convidado especial o marechal

Costa Gomes. Carlos Paredes, que iria actuar durante o Congresso, infelizmente não poderá deslocar-se porque entretanto adoeceu».

«Que tipo de participação vai ter a delegação nacional?»

«Olhe, em Copenhaga funcionarão 30 meses e estarão representados 150 países. Nós presidiremos a três mesas — numa, sobre «Soluções pacíficas de conflitos regionais», cabe essa tarefa ao marechal Costa Gomes; no Fórum sobre Problemas de Desarmamento e Ecologia, será a vez de Maria Santos, deputada de «Os Verdes»; noutra ainda, sobre «Zonas declaradas livres de armas nucleares» o presidente é Eufrásio Filipe, da Câmara do Seixal. Além disso a própria delegação irá organizar-se no sentido de participar em diversos foruns ou mesas-redondas — das muitas que lá se vão efectuar — para assim poder dar o seu próprio contributo às discussões e assimilar as experiências dos outros».

«Falou em 150 países representados em Copenhaga?»

Para ser mais exacto dir-lhe-ei que estarão neste Congresso representantes de todos os países do mundo, sem excepção, e ainda numerosas organizações como a OLP, a Fretilin e outras que lutam pela paz e a liberdade. São 2500 delegados no total e para poder fazer uma ideia dir-lhe-ei que dos EUA irão 200

delegados, da URSS 50, da Suécia e do Japão 100 cada, etc.»

«A nível internacional quem são as figuras mais destacadas?»

«Foram convidadas numerosas personalidades de todo o mundo. Não estou em condições de adiantar nada sobre quem aceitou ou não, quem vai estar ou não. Sei que se espera que os seis chefes de Estado que fizeram o apelo à URSS e aos EUA para cessarem os ensaios nucleares e para pararem a corrida aos armamentos deverão estar em Copenhaga. Trata-se dos presidentes do México, Índia, Grécia, Tanzânia, Suécia e Argentina.»

«A ONU declarou 1986 como Ano Internacional da Paz. O que é que em Portugal se tem feito, no âmbito do AIP?»

«Bom, tem-se feito muita coisa, embora não tanto como certamente todos nós desejaríamos. A organização desta delegação é uma iniciativa que a Comissão Portuguesa está a levar a cabo exactamente nesse âmbito. Mas desde que essa comissão foi constituída (30 de Outubro de 85), já realizámos a Assembleia do Ano Mundial da Paz, em Lisboa, em Abril passado; a Marcha da Paz, também em Lisboa, em Junho; e prevê-se ainda este ano a realização de mais três marchas da paz, em Beja, Braga e Porto. Isto, é claro, independentemente de dezenas de iniciativas já programadas em todo o País. O encerramento do

AIP será em Dezembro com uma grande iniciativa cujo carácter ainda não foi definido com rigor. Por fim, iremos também participar activamente na Semana do Desarmamento decretada pela ONU, de 24 a 30 deste mês, em colaboração muito estreita com o CPCC, que neste momento tem previstas numerosas iniciativas integradas na campanha de «Uma Casa para a Paz.»

«Falou em Comissão Portuguesa para o Ano Internacional da Paz. Que características?»

«A Comissão Portuguesa arrancou com 32 organizações e 140 personalidades. Hoje tem mais de 500 organizações (câmaras, associações, sindicatos, etc.) e mais de 3000 personalidades provenientes de todo o País. A constituição da Comissão Portuguesa é, na verdade, extremamente ampla, diversificada e representativa.»

«Uma palavra sobre o encontro Reagan-Gorbachov...»

«Pode constituir, juntamente com o acordo de Estocolmo, um passo importante para o desanuviamento e desarmamento, se, é claro, forem tomadas medidas sérias nesse sentido, pois o importante é não se ficar pelas declarações de princípio. É urgente e indispensável cessar os ensaios nucleares e evitar o armamento do espaço cósmico. É o futuro da Humanidade que está em causa.»

Ribeiro Cardoso

TRANSTEJO — TRANSPORTES TEJO, E.P.

AVISO AO PÚBLICO

CONCURSO PÚBLICO

Para exploração dos bares dos barcos da carreira
T. PAÇO-MONTIJO

Até às 12.00 horas do dia 5 de Novembro a Transtejo — Transportes Tejo, E.P., aceita propostas com vista à exploração de cada um dos bufetes dos barcos afectos à carreira do T. Paço-Montijo.

As propostas deverão ser formuladas em conformidade com o programa de concurso e condições contratuais, que os interessados poderão consultar na sede da Transtejo, Rua do Ouro, 181 — 4.º, durante as horas normais de expediente.

— Esclarece-se que deverão ser apresentadas tantas propostas quantos os barcos, caso os interessados concorram a mais do que um barco.

Informa-se ainda que no caso de vir a escolher-se um único concessionário, será celebrado um contrato relativamente a cada um dos barcos.

EXT. SÉNECA

Tels: 52 00 92, 82 27 76, 82 35 31

MINISTÉRIO DA SAÚDE

HOSPITAL DE SANTA MARIA

FORM. e MONT. de 1 EQUIPA DENTÁRIA

— Cons. Estomatologia Conc. Púb. 13/86-IE

FORM. e MONT. DE DIVERSO EQUIP. DE HOTELARIA

Serv. Hoteleiros Conc. Púb. 14/86-IE

As respectivas condições encontram-se patentes todos os dias úteis das 9 às 12.30 horas e das 14 às 17.30 horas, na Secretaria do Serviço de Aquisições (IE).

A abertura das propostas terá lugar nos dias 3 e 10 de Novembro às 10.30 horas no referido Serviço.

Lisboa e Hospital de Santa Maria, 6 de Outubro de 1986

Pe'l'O Director do Serviço de Aprovisionamento

J. d'Almeida Ribeiro

TRIBUNAL TRIBUTÁRIO DE 1.ª INSTÂNCIA DE LISBOA — 1.º JUÍZO ARREMAÇÃO

3.ª Praça

Faz-se público, que pelo 1.º Juízo do Tribunal Tributário de 1.ª Instância de Lisboa, no dia 14 de Outubro de 1986, pelas 10 horas, neste Tribunal — Rua Bramcamp, n.º 5 — 4.º em Lisboa, vão à praça os bens abaixo descritos, penhorados a SANCO-Indústria e Comércio de Peles, Lda, com sede na Rua Mouzinho da Silveira, n.º 12 em Lisboa, no processo executivo n.º 4013/83.

BENS PENHORADOS

Verba n.º 1 — Um compressor-GREIFE tipo 699 n.º 1411 motor tipo — 1LA30982YF — 40 n.º 10746 e duas pistolas de cravar peles, tudo em bom estado de conservação.

Verba n.º 2 — Uma máquina de cortar pelicas «MACLET» tipo MCT — n.º 141-motor n.º 990260-Rabor, em bom estado de conservação.

Verba n.º 3 — Uma máquina de costura «PFAFF»-cabeça-463-6/07-BS motor «Suben» tipo-M60340 T2 n.º 405, em bom estado de conservação.

Verba n.º 4 — Uma máquina de costura «PFAFF»-cabeça-463-6/01, 900/01-BS motor «Quickstop» tipo-NDK 700/22 — n.º 651065.

Verba n.º 5 — Sete máquinas de costura para coser peles, cabeças FF 30591-FF30703-FF30699-FF01815-FF01807, motor 81530-25481-25661-81440-81436-25517-06763, todos marca Success «ALLBOOCK-ASCHFIELD», todos em bom estado de conservação.

Verba n.º 6 — Uma máquina de escrever Olivetti-letra 36 e uma máquina de calcular eléctrica «FACTA» n.º 39047, tudo em bom estado de conservação.

Verba n.º 7 — Uma estufa eléctrica em INOX, s/marca em razoável estado de conservação.

Verba n.º 8 — Sete mesas de refeição e vinte oito cadeiras forradas a fórmica em bom estado de conservação.

Verba n.º 9 — Um relógio de ponto SIMPLEX, em bom estado.

Verba n.º 10 — Nove armários vestuários com três corpos cada, tipo ANDY em bom estado de conservação.

Verba n.º 11 — Dez conjuntos de estantes tipo ANDY e dez prateleiras cada, dez bancadas de trabalho tipo ANDY.

Verba n.º 12 — Duas mesas de cravação com aquecimento em madeira em bom estado de conservação.

Verba n.º 13 — Dez cadeiras de ferro giratórias em bom estado de conservação.

Verba n.º 14 — Uma secretária metálica com tampo em madeira, com três gavetas de cada lado.

Verba n.º 15 — Quinhentas peles de borrego curtidas.

Verba n.º 16 — Duas peças de forro de cinquenta metros cada, em tafetá.

Verba n.º 17 — Duas peças de pano cru para forro.

Verba n.º 18 — Cento e cinquenta pés de pele de porco.

Verba n.º 19 — O direito ao arrendamento e trespasso da fábrica sita na Rua Vale Formoso, n.º 94 — 5.º Dt.º em Lisboa composta de uma divisão ampla com aproximadamente 500 m² e cinco casas de banho e refeitório, pelo qual é paga a renda mensal de 75 000\$00.

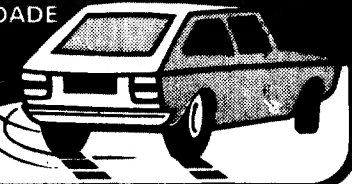
São citados quaisquer credores incertos ou desconhecidos da executada bem como os sucessores dos credores preferentes.

Lisboa, 7 de Outubro de 1986

O Juiz de Direito
(JOÃO CORDEIRO DIAS)
Liq. Trib.
(F. LOPES).

«DL» 9/10/86

O PISO MOLHADO REDUZ A ADERÊNCIA
MODERE A VELOCIDADE

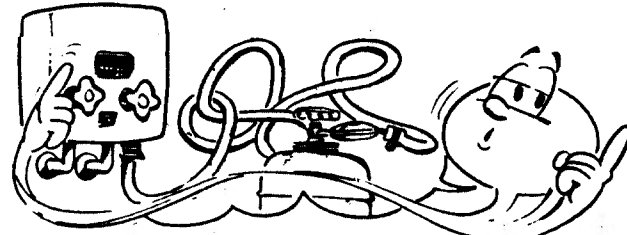


SABE QUE O ALCOOLISMO É UMA DOENÇA?

É uma doença que mata! Se quer saber mais sobre o problema, venha assistir a uma reunião dos

ALCOÓLICOS ANÓNIMOS

2.ª, 4.ª, 6.ª às 19 horas
Trav. do Corpo Santo, 32



DGE / CAMPANHA DE SEGURANÇA NA UTILIZAÇÃO DE COMBUSTÍVEIS GASOSOS

"Excelentes" as relações entre Portugal e a Zâmbia

«As relações entre Portugal e a Zâmbia são excelentes», afirmou-nos ontem Peter Kwambolopa, embaixador da Zâmbia em Lisboa, país que, entretanto, acaba de encerrar a sua missão diplomática na capital portuguesa, alegando para o facto razões orçamentais. O diplomata zambiano fez questão em afirmar que não existem quaisquer outros motivos.

Sublinhou mesmo que há tempos o Presidente Kaunda revelara, numa conferência de imprensa, que a Zâmbia seria obrigada a encerrar algumas das suas missões diplomáticas caso não se verificasse uma melhoria na situação económica.

O embaixador da Zâmbia admite mesmo que a embaixada do seu país em Lisboa venha a ser reaberta e salientou-nos que a residência do embaixador, um imóvel adquirido pelo seu Governo, continua.

Realçar as «excelentes» relações entre a Zâmbia e Portugal foi uma preocupação constante do nosso interlo-

cutor ao longo de toda a conversa. Não confirmou nem referiu quaisquer factos que possam ter contribuído para a decisão do governo zambiano, mas alguns silêncios, algumas reticências e uma alusão final ao papel do ANC no futuro da África do Sul sugerem-nos que, se por um lado as relações entre Portugal e a Zâmbia são «excelentes» e não razões políticas a contribuir para o encerramento da embaixada, por outro lado também não haverá grandes razões políticas para fazer o esforço de a manter.

Peter Kwambolopa, que por motivos que nos referiu

estarem relacionados com a desactivação da embaixada já adiou a sua partida por diversas vezes, chamou-nos a certa altura a atenção para as declarações feitas há tempos por um alto responsável africano que lembrava a Portugal o seu interesse em, relativamente às questões africanas, olhar mais para o futuro do que para o presente.

«O ANC vai ser o poder na África do Sul», afirma-nos o embaixador da Zâmbia, como quem pretende lembrar que os

interesses e o futuro dos portugueses que vivem na África do Sul estariam melhor acautelados se Portugal tivesse uma posição de claro e inequívoco apoio ao ANC.

Até agora, no âmbito da decisão do governo zambiano de reduzir o número das suas missões diplomáticas, só há notícia do encerramento das embaixadas em Portugal e na Arábia Saudita.

Foi-nos repetidamente afirmado pelo embaixador Peter Kwambolopa não existência de outras razões a não ser,

como já referimos, as que decorrem de uma preocupação orçamental justificada pela crise económica do seu país.

De qualquer modo o encerramento da embaixada da Zâmbia em Lisboa, as notícias em tempos divulgadas segundo as quais a República Popular de Angola poderia eventualmente transferir a sua embaixada para Madrid, e outros rumores que vão correndo em meios políticos e diplomáticos, são factos que se prestam a conclusões importantes. Portugal pode

estar a perder o seu lugar histórico em África, a perder capacidade negocial. Pode não ser já o interlocutor privilegiado, título que o Governo português gosta de ostentar perante a comunidade internacional. Os caminhos de África podem vir a passar cada vez menos por Lisboa se por esses caminhos se continuar a enviar hostilidade ou, no mínimo, ambiguidade envolta em alguma hipocrisia, em lugar de cooperação e amizade.

Augusto Vilela

Líderes parlamentares marcaram

Lei das Finanças Locais discutida dia 16

O primeiro plenário da nova sessão legislativa da Assembleia da República, que se realiza no dia 16 de Outubro, será ocupada com a discussão da Lei das Finanças Locais.

Isto mesmo decidiu a conferência de líderes parlamentares, ontem realizada, que destinou ainda o primeiro dia da nova sessão, apressado para 15 do corrente, a reuniões de comissões parlamentares. A 21 do mesmo mês realizar-se-á a eleição do Presidente da Assembleia da República.

Fernando Amaral, o Presidente em exercício, é até agora o único candidato contando desde já com o apoio não só do seu próprio partido, mas também com o do PRD. Desconhece-se se o PS apresentará alguma candidatura, mas se o fizer, apenas por uma questão de princípio, será Tito de Morais.

Entretanto, a conferência de líderes apreciou a carta enviada ao Presidente da Assembleia da República pelo Ministro Adjunto e dos Assuntos Parlamentares, Fernando Nogueira, que sugere a realização de uma sessão plenária de perguntas ao Governo em vez da comparecimento de três ministros em comissões especializadas solicitada para ontem. Sobre o assunto não foi tomada nenhuma decisão.

Reunião interrompida

Posição diversa tomou a Comissão Parlamentar de Saúde que interrompeu a sua reunião ao ter conhecimento da recusa do Governo a responder directamente às solicitações das comissões especializadas.

Recorde-se que a Comissão de Saúde havia convocado a Ministra Leonor Beza para prestar esclarecimentos so-

bre a aplicação do PIDAC (Plano de Investimentos e Desenvolvimento da Administração Central) no seu sector.

A interrupção dos trabalhos foi votada favoravelmente por todos os partidos, excepto o PSD. O seu representante, Jardim Ramos, considerou que a posição do Governo, ao preferir responder em sessão plenária, em vez de dar informações separadamente às comissões, «não visa a obstrução dos trabalhos parlamentares, mas a optimização das relações entre os dois órgãos de soberania».

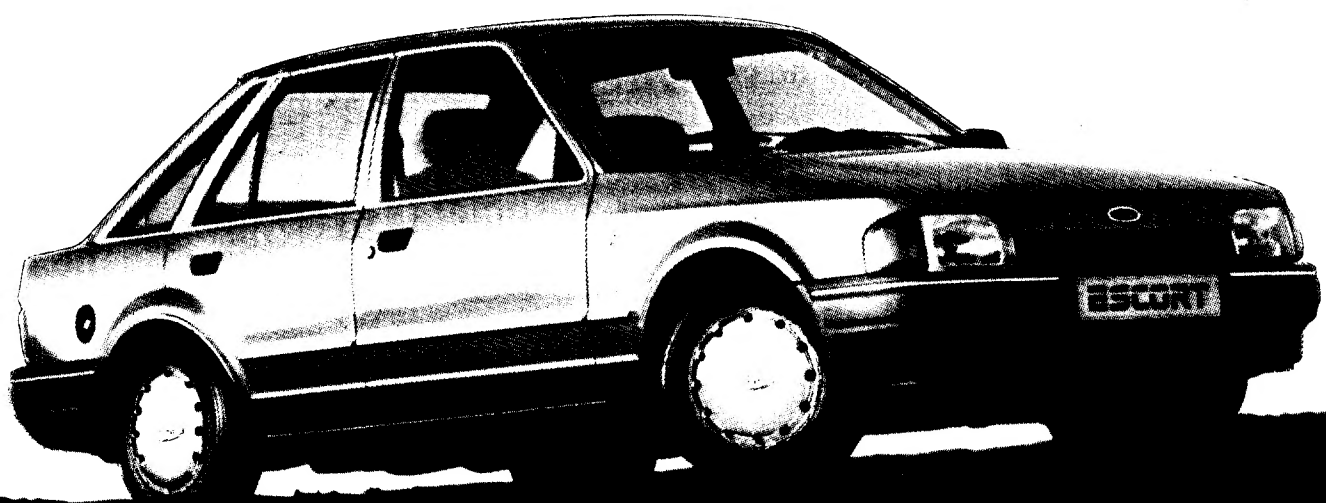
Por seu lado o centrista Nogueira de Brito, presidente da Comissão Parlamentar de Saúde afirmou que o «Governo tem uma visão errada das relações com a Assembleia da República».

Extinção da Petroquímica

Hoje, o Parlamento realiza a sua primeira sessão plenária com período de antes da ordem do dia. Da ordem de trabalhos faz ainda parte a ratificação do decreto sobre a extinção da Petriquímica, um projecto do PRD sobre passagem na Rádio e TV de produções dramáticas portuguesas e ainda a ratificação de uma convenção internacional sobre direitos do Homem e liberdades fundamentais.

Amanhã há também reunião plenária, de manhã, estando prevista a ratificação dos decretos lei governamentais sobre a EPAC e a Silo-

Novo Escort o temperamento de um vencedor

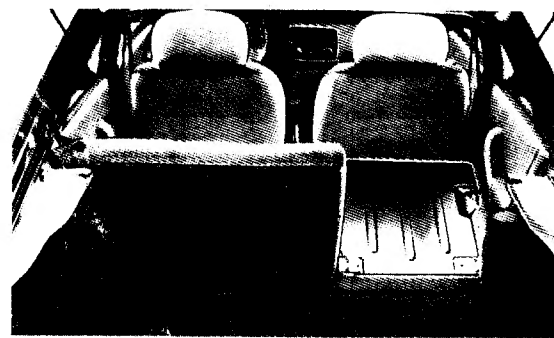


O novo FORD ESCORT tem todas as características que fizeram dele o carro mais vendido do mundo desde 1981. E mais algumas que o tornam ainda melhor... O novo ESCORT tem um «design» mais atraente, rigorosamente estudado para atingir melhores índices de penetração no ar. Este sucesso de aerodinamismo, combinado com uma vasta gama de motores de alta eficiência, reflecte-se na economia, na performance e na personalidade invulgarmente desportiva deste novo ESCORT.

Conduzi-lo é um prazer! O conforto e requinte dos novos interiores, com banco rebatível, e a nova suspensão ainda mais confortável, tornam qualquer viagem mais agradável e repousante. O novo ESCORT é um carro

que exige a preferência dos seus passageiros. Nada foi esquecido. Tudo foi pensado para que o melhor supere o melhor.

Conheça-o no seu Concessionário FORD.



MOTORES: 1.1, 1.3, 1.4, 1.6i e 1.6 turbo
VERSÕES: CL, Ghia, XR3i e RS Turbo
CARROÇARIAS: Sedan de 3 e 5 portas, Cabriolet e Station
Todos com caixa de 5 velocidades.



QUALIDADE E INOVAÇÃO

Beleza divide Ordem dos Médicos

Gentil acusa secção do Porto e pede audiência a Cavaco Silva

O bastonário da Ordem dos Médicos considerou ontem à noite de «grave» a atitude assumida pelo presidente da Secção Regional da Ordem dos Médicos ao aceitar dialogar com a ministra da Saúde à revelia dos órgãos nacionais da Ordem, que sobre este ponto se encontra profundamente dividida. Enquanto o presidente, Gentil Martins, «cortou» a semana finda com a ministra da Saúde, a Secção Regional do Norte e o seu presidente, Guimarães dos Santos, vieram a público marcar a sua dessolidarização sobre tal decisão. Em reforço de Guimarães dos Santos e da sua alegada pré-campanha à sucessão de Gentil Martins, a Secção Regional de Medicina Dentária considera «nada ter a ver com as causas que levaram à degradação das relações Ordem/Ministério da Saúde».

As declarações ontem à noite

feitas por Gentil Martins ao «Jornal das 23 horas» da Rádio Renascença considerando «grave» a atitude do presidente da Secção Regional da Ordem dos Médicos, poderão agudizar ainda mais as relações entre os médicos do Norte e do Sul inscritos na Ordem. Aliás, Gentil Martins criticou, também, a falta de diálogo da ministra da Saúde, considerando que o «Governo deve ter autoridade para mandar, mas não autocraticamente».

Gentil Martins revelou que o Conselho Nacional da Ordem já pediu para ser recebido pelo Primeiro-Ministro, caso Leonor Beleza insista em continuar com uma atitude não dialogante.

A Ordem dos Médicos formulou a Leonor Beleza seis pedidos de audiência, não tendo obtido qualquer resposta, disse Gentil Martins.

O presidente da Ordem frisou

na entrevista à Rádio Renascença que o Conselho Nacional da Ordem «não cortou relações com Leonor Beleza» e que a classe médica também tem uma dignidade a defender.

Ao atacar a posição de «diálogo» do presidente da Secção Regional da Ordem, Guimarães dos Santos, o presidente nacional, Gentil Martins, apelidou-a de «grave», por se enquadrar nos objectivos dos que pretendem enfraquecer a Ordem e, por outro lado, pelo visado se ter comprometido anteriormente a não o fazer. «O seu compromisso ficou registado em acta», lembrou Gentil Martins.

O bastonário da Ordem dos Médicos lamentou a atitude de Guimarães dos Santos, por não ter conseguido com esse diálogo qualquer tipo de solução. Segundo Gentil Martins, «há muito que anda a ser feita campanha no

sentido de diminuir a acção do actual bastonário da Ordem e de promover a outra candidatura.

A posição da Secção de Medicina Dentária do Norte da Ordem dos Médicos, que acima referimos no essencial, foi ontem tornada pública. No respectivo comunicado, a secção nortenha de Medicina Dentária acrescenta que «não pode, porque recusa, ser envolvida em qualquer situação de ruptura de diálogo», salientando que «enquanto existirem interlocutores válidos para a discussão dos assuntos de interesse para a classe, é o Governo o privilegiado alvo desse diálogo».

A Secção de Medicina Dentária refere que «só através do diálogo se pode aplicar o projecto de carreira do médico dentista, já que existem actualmente cerca de 300 licenciados».

Segundo o ex-presidente do Instituto António Sérgio

Lei das régies-cooperativas "é inconstitucional"

A lei das régies-cooperativas, na qual o Governo se baseou ao elaborar os estatutos da nova agência noticiosa que pretende criar, «é inconstitucional» — sustenta o especialista em cooperativismo Ferreira da Costa, num parecer a que a Anop teve acesso.

O prof. Ferreira da Costa, antigo presidente do Instituto António Sérgio, afirma no documento que o Decreto-Lei 31/84 definidor das régies-cooperativas «envergonha os cooperativistas e enlameia a defesa que António Sérgio fez das régies-cooperativas».

O decreto-lei (afirma Ferreira da Costa no documento que circula em meios institucionais com capacidade para se pronunciarem sobre a criação de uma nova agência noticiosa decorrente da extinção da Anop e da alteração estatutária da NP), «não se encontra de acordo com os princípios estabelecidos no código cooperativo nem na Constituição».

Uma das razões apontadas é o facto de o decreto prever, quanto aos aspectos dos direitos dos cooperantes e da realização do capital social, formas expressamente não cooperativas traduzidas na

atribuição de votos em função do capital realizado.

Para poderem ser consideradas verdadeiras cooperativas, as régies-cooperativas deveriam, na opinião de Ferreira da Costa, observar «os princípios da democracia interna, manter a regra da porta aberta e visar o serviço e nunca o lucro», o que diz não acontecer no decreto-lei que, pela primeira vez, se pretende aplicar.

Ferreira da Costa recorda que, segundo a Constituição, qualquer organismo pertencente ao «sector cooperativo deve ser gerido pelos cooperadores».

O cooperativista é ainda de opinião que a missão das régies-cooperativas deve ser «evitar os excessos da privatização ou das nacionalizações e beneficiar o interesse geral, nomeadamente os utentes finais».

MINISTÉRIO DO TRABALHO E SEGURANÇA SOCIAL

Secretaria de Estado da Segurança Social

CENTRO NACIONAL DE PENSÕES

AVISO

Para conhecimento dos pensionistas que optaram pelo recebimento das suas pensões através de crédito em conta na Caixa Geral de Depósitos, informa-se que, a partir do corrente mês de Outubro, será creditado na conta que indicaram, o valor correspondente à sua pensão.

Mais se informa que o referido crédito será efectuado no dia 7, para os pensionistas cujo último número de beneficiário seja par, e no dia 10 para os pensionistas cujo último número de beneficiário for ímpar.

Quando qualquer destes dias coincidir com Sábado, Domingo ou Feriado Nacional as respectivas contas só serão creditadas no primeiro dia útil seguinte.

Lisboa, 3 de Outubro de 1986

O Presidente da Comissão Instaladora
do Centro Nacional de Pensões

Pedro Villaverde Gonçalves

A REDE DA ÁGUA PASSA POR SUA CASA...

Aproveite as novas facilidades
de leitura e cobrança da EPAL



No seu interesse utilize a sua conta bancária para liquidar os seus débitos à EPAL.

Para beneficiar deste serviço, basta contactar o seu Banco.

Passará a receber da EPAL uma factura-aviso. Este aviso, com a informação exacta do montante a pagar, funcionará como recibo a partir da cobrança bancária.

Para que não se perturbe o ciclo do fornecimento da água ao domicílio, procure aproveitar as novas modalidades de leitura e cobrança que a EPAL criou para si.

Para mais informações, contacte os serviços da EPAL.

Construir hoje a qualidade de vida do amanhã

EPAL



EMPRESA PÚBLICA DAS ÁGUAS LIVRES

Aluno morreu de meningite mas a escola continua aberta

Está aberta e a funcionar tão normalmente quanto possível a escola oficial n.º 5 do Ensino Primário, situada na Portela de Sacavém. Um aluno do estabelecimento, Francisco de Azevedo Paes de Villas-Boas, de 6 anos, faleceu anteontem no hospital de D. Estefânia, vítima de «Sepsis Meningococita», ou seja, uma das várias formas de meningite.

Como a criança frequentou a escola até à passada sexta-feira, admitiu-se que a doença tivesse sido lá contraída. Esta manhã, porém, a directora da escola disse-nos não ter conhecimento de mais nenhum caso idêntico

anterior ou posterior ao da criança falecida, no estabelecimento que dirige.

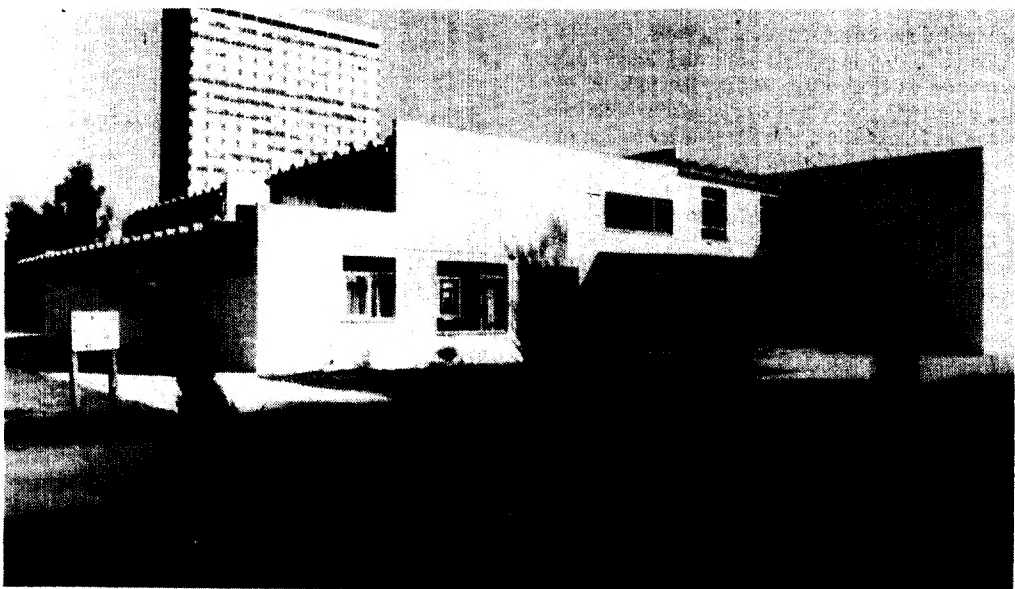
Também da Delegação de Saúde de Sacavém não houve ordem para encerramento da escola nem da adopção de medidas profiláticas oficiais. Apenas na porta do estabelecimento foi afixado um parecer subscrito pelo subdelegado de Saúde em que este, «depois de ter contactado os superiores hierárquicos», conclui que não é de encerrar a escola e propõe «que os conviventes com o falecido consultem o seu médico assistente para avaliar a necessidade ou não de quimioprofilaxia.» O parecer foi emitido ontem às 16 e 30, depois de a directora ter procedido à participação, oficialmente, às 8 e 30.

Ontem, uma enfermeira de Saúde Pública esteve à tarde na escola, prometendo voltar hoje à tarde para observar as crianças que frequentam a classe do falecido. Este era aluno da segunda classe do turno da tarde. Os seus dois irmãos frequentam a Escola

Secundária da Portela.

A Escola Primária n.º 5, espaçosa, arejada e limpa, abriu há três anos e disse a sua directora que não é costume terem problemas de higiene por falta de água, a não ser pontualmente, como ontem aconteceu.

Hoje, a frequência do turno da manhã estava bastante desfalcada, nalgumas salas reduzida em 50 por cento, mas a directora fez questão de salientar que alunos filhos de pediatras estavam hoje na escola como normalmente, o que por si é prova de que a situação não será grave.



No distrito de Setúbal há milhares de alunos ainda sem aulas

Mais de 1600 alunos do sétimo ano unificado de escolaridade das cidades de Setúbal e Almada não sabem quando iniciarão as actividades escolares pelo atraso das construções ou pela inexistência de instalações.

Esta informação, divulgada pela estrutura distrital de Setúbal do Sindicato dos Professores da Grande Lisboa, acrescenta que 500 alunos da Escola Primária N.º 10 de Setúbal não têm aulas devido ao atraso das obras em curso; degradação de instalações está a prejudicar a abertura das aulas nas escolas Mendonça Furtado (Barreiro) e Emídio Navarro (Almada), afectando 2500 alunos, 1200 alunos da Secundária de Corroios N.º 2 e 515 da Escola C+S de Sines ainda não começaram as aulas por falta de equipamento; 1200 alunos da Escola Secundária de Sampaio (Sesimbra) ainda não iniciaram as aulas por dificuldades de organização de horários; nas Escolas Secundárias de Alcácer do Sal, Grândola e St.º André e nas Preparatórias de Alvalade-Sado e Grândola, mais de 1600 alunos ainda não têm aulas por falta de professores.

No conjunto das preparatórias e secundárias do distrito de Setúbal faltam colocar 1035 professores (20 por cento dos necessários), referindo-se as situações mais graves à falta de 200 professores na disciplina de Português, 146 na de Trabalhos Manuais e Oficiais, 79 na de Música, 102 na de Geografia e 69 na de Educação Física.

Outro indicio de ruptura no distrito é o número excessivo de alunos nas escolas. Assim, nos grandes centros urbanos as esco-

las vão funcionar com o dobro e mesmo o triplo de alunos, com um horário de funcionamento que vai das 8 e 30 às 23 e 30 horas. As turmas funcionarão em muitos casos, com mais de 40 alunos.

Todos os espaços disponíveis das escolas foram aproveitados para salas de aula, incluindo bibliotecas e cantinas. Com falta de pessoal auxiliar e administrativo, muitas escolas não poderão funcionar com refeitório e cantinas.

«Se todo este estado de coisas tem um peso cada vez maior nos índices de reprovação, torna-se cada vez mais um factor de abandono escolar», afirma a estrutura sindical.

Embora o Ministério da Educação recomende que as turmas com alunos deficientes não ultrapassem os 20 alunos, o número de alunos é de tal modo elevado nas escolas que essas turmas chegam a ter 25 e mais alunos.

Por outro lado, o MEC ainda não deu autorização para que os 400 alunos do ensino secundário carecidos de apoio em aulas suplementares, disponham desse apoio, donde: ou a autorização não chega e os alunos são votados ao abandono, ou a autorização acabará por chegar quando os horários dos professores já estiverem feitos.

Neste momento — alerta o comunicado sindical, ter-se-á de

recorrer a horas extraordinárias, calculando-se que, a nível do País, o MEC irá gastar em horas extraordinárias, 700 mil contos.

Livros cada vez mais caros

O aumento do material escolar ronda os 30 por cento em relação aos preços praticados em 85. Só em livros, cada família pagará por cada criança, no ensino primário 1400 escudos; no preparatório, 4500, no sétimo de escolaridade, de 5000 a 6000 escudos, no oitavo ano de escolaridade 6990 escudos, no nono 6970, no 10.º 7490 e no décimo segundo, 10 120 escudos (por livros para apenas 3 disciplinas).

O MEC não adiantou ainda quais os meios de que dispõe para implementar a concretização do preceito da gratuidade da escolaridade obrigatória apontada pela Lei de Bases do Sistema Educativo. Tais medidas tornam-se prementes num distrito com 60 mil desempregados e milhares de trabalhadores com salários em atraso.

A falta de escolas para o ensino primário leva a que 70 das 350 escolas que abriram a 1 de Outubro não funcionem em edifícios construídos para o efeito, mas em casas de habitação, lojas, pavilhões, etc. Os concelhos mais abrangidos são os de Almada (16), Setúbal (7), Santiago do Cacém (7), Seixal (com 5) e Barreiro (com 3).

Quanto à colocação de professores neste grau de ensino, numa altura em que já estão preenchidas todas as vagas para o próximo ano, são ainda 250 os professores que não têm colocação.

PETROGAL

REVISÃO SALARIAL NA EMPRESA

Alguns meios de comunicação social publicaram notícias sobre a revisão salarial na Petrogal em que são transmitidos valores tendenciosamente especulativos. Por isso o Conselho de Gerência vem por este meio informar que:

- 1 — A Tabela Salarial teve um aumento de **13,9%** com arredondamento à meia centena de escudos seguinte o que conduz a **13,95%**;
- 2 — As retribuições que função são da tabela salarial não sofreram alterações no valor das suas percentagens;
- 3 — As retribuições estabelecidas em valor absoluto não sofreram alteração, com excepção da senha de refeição que passou de 450\$00 para 500\$00 sendo atribuída com uniformidade e simplificando-se o processo da sua utilização.
- 4 — Foi ampliada de 3 para 6 escalões a progressão salarial interna com evolução baseada predominantemente num sistema de **avaliação por mérito**;
- 5 — Em consequência, o conjunto do acréscimo da Massa Salarial para uma mesma e estática população laboral é de **14,43%**;
- 6 — Esta revisão salarial foi já subscrita, em 29 de Setembro p.p., pelos Sindicatos da UGT e, em 3 deste mês, pelos Sindicatos da CGTP.

Lisboa, 9 de Outubro de 1986

O Conselho de Gerência da Petrogal

A "história" que um homem tem para contar

Após 14 anos a fugir à justiça agora é livre mas passa fome

Dias Brito

«Quis liquidar a minha dívida à sociedade. Pretendi libertar-me da ansiedade em que vivi catorze anos. Desejei ser livre, andar de cara levantada e afinal caí na pobreza, e na indigência, em risco de perder a casa onde me abriga com a mulher e uma neta», diz-nos Joaquim Augusto das Neves, um serralheiro civil de 51 anos que trabalhou cerca de doze anos nos estaleiros Sadonaval, em Setúbal.

Conta-nos a sua vida, nem mais nem menos dramática do que a de muitos que em momentos de irreflexão, ou pressionados por factores conjugados a que não conseguiram opor-se, infringiram as regras de boa conduta que o normativo penal impõe na defesa cega dos costumes, bens e pessoas.

Conta-nos a sua odisseia sem dramatismos ou a teatralidade dos que pretendem impedir o fado carpido capaz de arrancar faíscas ao coração mais empedernido.

Fala-nos numa voz tranquila, olhos nos olhos, no tom de quem conta uma história que vem já dos tempos antigos, desde os princípios do mundo, quando a sociedade deixou de ser mãe para se assumir como madrasta. Fala como se em referência a outra pessoa desconhecida de nós dois, mas tão real e presente como nós dois ali frente a frente a desmitificar instituições chamadas de sociais.

«Há catorze anos cometi um crime. Um crime de furto. Dificuldades da vida que não enfreitei como devia, sabendo perfeitamente o que ia cometer sem a fácil desculpa das más companhias ou incitamentos de outros, tomei parte num assalto a estabelecimento de electrodomésticos com mais três indivíduos» — conta.

EM) «Quiseram os fados», continua Joaquim Azevedo que nasceu em Massarelos, um dos bairros mais típicos do Porto, e por ali viveu até se emburhar nos actos previstos e punidos pelo Código Penal «que os outros três fossem apanhados enquanto eu iria até França onde arranjer trabalho. Porém a saudade de mulher e dos filhos fizeram com que regressasse pouco depois, como pode ver pelo meu passaporte».

«Respondi à revelia, prossegue, e apanhei nove anos o que se compreende com os outros a alijarem as responsabilidades para cima de mim. Tinha sido e foi a minha primeira e única prevaricação.»

Perante tal situação, Joaquim Azevedo resolve fixar-se na região de Setúbal, onde não era conhecido e ali acabaria por criar os filhos juntamente com a mulher, trabalhando cerca de ano e meio



numa empresa e depois perto de doze nos estaleiros Sadonaval com agrado dos superiores e amizade dos colegas.

Só que o receio de ser descoberto, de ser apanhado pelos braços da Justiça, tornaram-lhe a vida num verdadeiro inferno. Cada vulto junto de casa era um oficial de diligência, cada polícia de giro andava na sua peugada, cada batidela na porta eram punhadas no coração, perturbaram-se os movimentos intestinais causando-lhe violentas cólicas.

Catorze anos neste fadário, sempre a temer o desmoronamento da vida que a pouco e pouco criara, da imagem que construiu entre vizinhos, colegas e amigos.

Entretanto, ia contando e contabilizando a seu favor os efeitos das amnistias que tanto fazem sonhar os reclusos. Tal como estes, também Joaquim Augusto de Azevedo era recluso, prisioneiro de si próprio entre as grades da incerteza, da

angústia que lhe amargurava os dias e as noites nas vigílias das insónias.

A primeira amnistia vinda com o 25 de Abril de 1974 reduziu-lhe a pena para quatro anos e meio; a segunda foi na ocasião da visita do Papa, em 1984; a terceira a da eleição de Ramalho Eanes para Presidente da República; um perdão judicial em 1985 e posteriormente a quarta amnistia da eleição de Mário Soares a chefe de Estado, levaram a sua dívida para com a sociedade ficasse reduzida a 90 dias — uma pequena gota amarga no mar de fel que representaria o cumprimento dos nove anos.

Por não querer que na empresa se soubesse do seu passado nem eventuais implicações no meio social, pediu a rescisão do contrato e em vez de se apresentar na cadeia de Setúbal foi fazê-lo no Estabelecimento Prisional do Porto (Custodias), longe de sua casa, para assim pôr termo à situação de clandestinidade em que vivia.

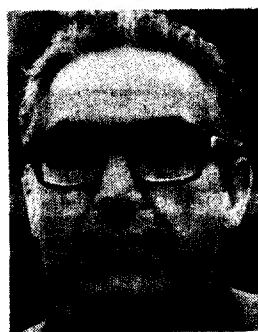
Só que agora para a sua dívida, cumprida a pena entre 30 de Junho e 28 de Setembro últimos, encontra-se sem emprego e com carências de toda a ordem para sobreviver, ele, sua mulher e uma neta que vive consigo.

O Instituto de Reinserção Social deu-lhe quatro mil escudos no dia em que terminou o cumprimento da pena, para a viagem e alimentação. Cobrou-lhe mais dois recibos de 3500 e 3000 escudos que segundo informaram serão enviados em Outubro e Novembro respectivamente. E é tudo quanto aquela instituição diz poder fazer por um homem que pretende voltar a ocupar o seu lugar na sociedade. Foi no entanto dirigido para o Centro Regional de Segurança Social de Setúbal onde lhe deram um subsídio de 3 contos e «tenha paciência mas não podemos dar mais». Deve já alguns milhares de escudos de electricidade e de renda de casa.

Nesta situação Joaquim Azevedo resolveu tornar pública a sua situação e a vida que foi a sua e que pretendeu esconder da empresa onde trabalhou e dos amigos, na esperança de voltar a arranjar trabalho. Quer assim alertar a opinião pública e os poderes instituídos para a total falta de apoio que os indivíduos que pretendem regenerar-se e reintegrar-se na sociedade enfrentam.

Aqui fica a história de Joaquim Augusto de Azevedo um homem que vive em Setúbal há 14 anos, a bem com toda a gente como mandam as regras que a sociedade impõe e que um dia, uma só vez, esqueceu.

Mário Castrim



O Fado é a Canção

Nacional por excelência. A mágoa, a dor, a saudade, o amor, o vinho tinto, a rija pega de toiros, Santo António de Lisboa, a Senhora dos Remédios, tudo isto existe, tudo isto é Portugal e por consequência tudo isto é fado. E é por isso que se diz que o fado é a Canção Nacional...

Sejam pois bemvidos à minha casa de fados, onde a televisão instalou as suas câmaras para, conforme é tradição todos os anos, gravar um programa com interpretações minhas e doutros artistas cá da casa.

Os senhores telespectadores certamente vão gostar. Que eu sou o melhor fadista português não me cabe a mim dizê-lo mas, se ninguém o disser, não terei de facto outra alternativa.

A minha casa de fados é a melhor em todos os aspectos.

Aqui fica o convite aos senhores espectadores: venham até cá, venham saborear uma excelente refeição, conhecer pessoas simpáticas, beber um copo, passar um serão agradável. Se algum turista me está a ver e ouvir, please, s'il vous plaît bitte, venham escutar a canção nacional, o característico fadô.

Pois estimados telespectadores, o meu serão de hoje começa com um fado clássico *Aquela azenha velhinha*, e representa uma homenagem a todos aqueles fadistas que cantavam unicamente por amor ao fado.

Aqueles fadistas que nunca aceitavam dinheiro e faziam do acto de cantar o fado um verdadeiro sacerdócio. Entre um copo de três e um beijo de amor, eis que a guitarra solta o seu lamento e as palavras rompem, doridas, da garganta do cantor. Mergulha-se numa espécie de ritual. Nunca ao fadista lhe passaria pela cabeça vender a sua arte como se fosse uma qualquer mercadoria. Para esses fadistas, para o seu glorioso exemplo, aqui ficam as minhas homenagens.

Quanto ao mais, os senhores telespectadores já sabem: fico à vossa espera, na minha Casa de Fados, para um good drink, O.K.?

Vai ser condecorado nos EUA

Herói da II Guerra descendente de açorianos

Manuel Toledo, descendente de uma família de açorianos vai receber em Abril próximo a mais alta distinção concedida aos veteranos americanos da II Grande Guerra, «The AMVET of the year Award» — o capatece de prata.

Para além deste «Award», Manuel Toledo já foi distinguido em termos militares com a «Purple heart and Cluester», a medalha de bronze, medalhas por boa conduta e outras concedidas pelos «Veterans of Foreign Wars».

Manuel Toledo, cujos pais eram originários da ilha Terceira, alistou-se no Exército americano em 1981, servindo na 7.ª Divisão de Infantaria. Combateu nas ilhas Alentian, no Alasca, onde sofreu vários ferimentos nomeadamente numa perna, vista e nos pés. Em 1944 voltou a ser ferido em combate, desta vez, nas ilhas Marshall, tendo sido atingido no peito. Em Julho de 1945, foi exonerado do serviço militar.

Em causa vários acidentes mortais

População de Águeda de Cima vai endurecer luta contra JAE

A população de Águeda de Baixo, no concelho de Águeda, anunciou ontem a sua intenção de cortar a Estrada Nacional N.º 1. Como justificação foi referido que a Junta Autónoma de Estradas (JAE) ampliou a EN-1 naquela localidade para três vias, sem construir qualquer passagem desnívelada, facto que «tem conduzido à sucessão de inúmeros acidentes de viação e atropelamentos, com alguns casos mortais».

No sentido de avisar os utentes da

via, o povo de Águeda de Baixo, com o apoio da Junta e da Assembleia de Freguesia, colocou placas referindo «traçado de morte», «JAE enganou-se» e «nós passamos aqui, mas a Junta Autónoma de Estradas retirou as placas».

Recorde-se que, no passado no dia 3, a população daquela localidade manifestou-se junto à Estrada Nacional N.º 1 queimando pneus, o que, segundo afirmam, «levou a que nin-

guém circulasse a mais de 50 quilómetros/hora, até pela curiosidade de saber o que se estava a passar».

«Queremos que, pelo menos até ser instalada uma passagem superior ou inferior, a JAE modifique a situação que causou» — referem os populares, acrescentando que «se não forem tomadas as medidas convenientes cortam a EN-1», intenção que já deram a conhecer à Câmara Municipal e GNR de Águeda.

Aluno de escola de Setúbal morto acidentalmente por colega

Um agente da PSP que estava a fazer um serviço de gratificação junto às instalações do Banco de Portugal, em Setúbal, ficou em estado de choque ao ouvir pelo rádio do carro-patrulha em que se encontrava, a notícia da morte do

seu filho ocorrida momentos antes na escola primária que frequentava naquela cidade.

De acordo com o auto-de-notícia policial o finamento do pequeno José Capitão Guerra, de nove anos, aconteceu quando estava a

brincar com uma companheira de aula. De repente ela atirou-lhe a mala que continha um objecto cortante, perfurando-lhe o peito e causando-lhe morte imediata.

O trágico incidente teve lugar na Escola do Alto da Guerra.

Estações de tratamento de águas funcionam mal ou estão paradas

Muitas das estações de tratamento de esgotos construídas em Portugal nos últimos anos, com grande dispêndio de verbas, estão paradas ou funcionam mal, afirma um especialista do Instituto Superior Técnico.

Segundo o professor Maggiolly Novais, do Laboratório de Engenharia Bioquímica do IST «tem-se trabalhado mais pela fachada e pelas conveniências políticas de cada época», do que atendendo às necessidades reais de defesa do ambiente.

De uma situação anterior de indiferença pela protecção do meio ambiente, passou-se, na década de 70, graças a uma maior autonomia autárquica, à construção de grandes números de instalações de tratamento, o que representou uma «tendência altamente positiva», mas que não está a dar os resultados que se esperavam.

Falando durante o Terceiro Encontro Nacional de Biotecnologia, Maggiolly Novais disse que «é natural que haja erros de projecto mas principalmente há erros de operação», face aos quais «não há estação que resista». «Erros humanos, negligências e falhas mecânicas concorrem para o aparecimento de problemas e depois não há, em geral uma vontade imperativa para impor a resolução desses problemas». A estação de tratamento fica parada e os esgotos voltam a ser lançados sem tratamento nos cursos de água, poluindo-os.

Noutros casos, como acontece com a grande Estação de Alcarenha, as instalações estão construídas há anos mas até agora não foi possível arrancar com o seu funcionamento «basicamente porque a autarquia não tem estruturas capazes de a gerir».

Enquanto se procura encontrar a solução para o problema, através da constituição de uma empresa para a gestão do saneamento

básico e industrial da zona, uma centena de fábricas de curtumes continua a lançar os seus esgotos altamente poluentes no Alviela.

Falta legislação eficaz

Maggiolly Novais lamentou a falta de uma legislação que, à semelhança do que acontece noutros países, responsabilize o poluidor pelos prejuízos e citou o caso dos Estados Unidos em que a poluição dos meios naturais pode levar os responsáveis à prisão.

Referindo-se noutro ponto da sua intervenção ao problema da poluição das praias o técnico afirmou que a existência de uma estação de tratamento, mesmo em boas condições de funcionamento, não resolve o problema, pois, se é certo que os métodos biológicos são eficazes na eliminação da matéria orgânica, nomeadamente os coliformes fecais, não eliminam as bactérias causadoras de doenças.

Assim, a existência ou não de coliformes nas águas do mar não seria o melhor indicador do grau real de poluição de uma praia.

Só com a adição de cloro, após o tratamento dos esgotos, se consegue reduzir o número de bactérias mas esse cloro vai permitir, por outro lado, a formação de compostos organoclorados, nocivos à fauna aquática.

Daqui conclui Maggiolly Novais que a única forma eficaz de combater a poluição das praias será não lançar nelas qualquer esgoto, quer tratado quer em bruto, a exemplo do que já se faz na Costa de Caparica e em Monte Gordo.

Depois de citar como indústrias altamente poluentes todas aquelas que utilizam processos de fermentação (álcool, leveduras e antibióticos), cujos caldos são descarregados sem tratamento no meio aquático, Maggiolly Novais disse que os industriais portugueses deviam calcular os seus custos de produção, tendo em

conta a preservação do meio ambiente.

«Não podemos querer ser competitivos com a indústria de outros países à custa da destruição do meio ambiente porque ele é de todos nós e porque não temos outro sítio para viver», sublinhou.

Técnicos holandeses estudam ambiente em Portugal

A situação do ambiente em Portugal vai ser examinada por especialistas holandeses a pedido do Governo português.

No âmbito da primeira «auditoria do ambiente» realizada de hoje a sábado em Lisboa uma reunião entre delegações de Portugal e Holanda, chefiadas respectivamente pelo secretário de Estado do Ambiente, Carlos Pimenta e pelo director-geral do Ambiente dos Países Baixos.

O exame abordará aspectos administrativos, legislativos e executivos e no seu âmbito serão analisadas as potencialidades de Portugal o que respeita à utilização de tecnologias «limpas» e de reciclagem de resíduos, em que os holandeses são considerados especialistas, em termos de preservação e defesa do ambiente.

A auditoria decorrerá durante um ano, devendo em Julho de 1987 culminar com uma reunião bilateral entre Carlos Pimenta e o ministro do Ambiente da Holanda.

CEL-CAT

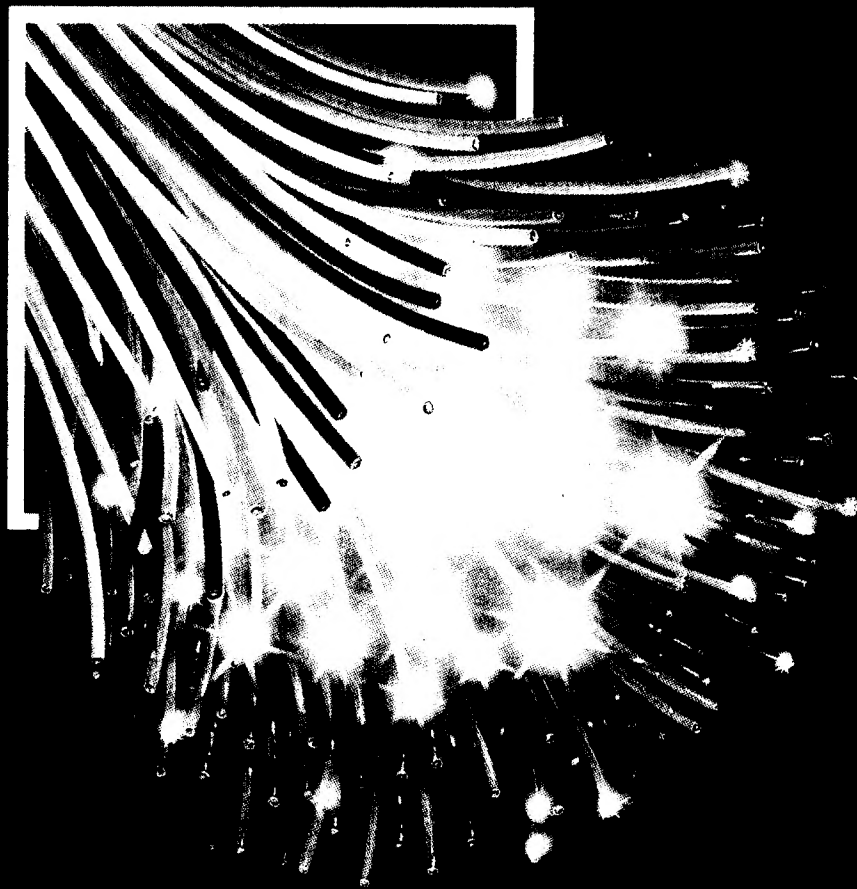
TRANSMITIMOS ENERGIA AO FUTURO

Empresa líder de mercado a CEL-CAT sempre tem estado presente em acontecimentos de relevada importância para o país, na área da Energia Eléctrica e das Telecomunicações. Situando-se na vanguarda da moderna tecnologia das

Comunicações, a CEL-CAT investe actualmente parte dos seus recursos humanos e financeiros em equipamento de fibra óptica, conduzindo mais luz ao futuro das Comunicações, consolidando o seu prestígio junto das empresas mais cotadas nas áreas da Energia e das Telecomunicações.

A CEL-CAT é a única empresa no mercado português que tem uma efectiva associação com um grande grupo internacional do ramo, apresentando-se com uma sólida estrutura financeira e um nome que inspira confiança.

A CEL-CAT transmite energia ao futuro



CELSA 88



FÁBRICA NACIONAL DE CONDUTORES ELÉCTRICOS, SARL

45 anos de experiência - Líder de mercado

Em Esposende

Dunas vão ser reserva natural

As dunas de Esposende que, seguindo a orla costeira marítima, se estendem da Foz do Cávado ao Neiva vão ser declaradas reserva natural, anunciou ontem o Gabinete de Imprensa da Câmara de Esposende.

A mesma fonte adiantou que o competente despacho será em breve publicado no «Diário da República».

A informação camarária de Esposende anuncia ainda que a Secretaria de Estado do Ambiente abriu concurso para saber o caudal da fonte do Marachão — nascente já apontada como provável solução para o abastecimento de água aos concelhos de Maia e

Porto.

No âmbito das obras em vias de execução no concelho, o Gabinete de Informação da Câmara de Esposende informou que vão iniciar-se os contactos com os proprietários dos terrenos onde está prevista a instalação da zona desportiva concelhia.

Igualmente serão reiniciados os trabalhos de saneamento na vila, estando previsto para a próxima semana idêntico trabalho em Fão.

Em estudo está, entretanto, a possível geminação com as cidades da Europa do Sul, cuja conferência se efectua nos finais de Novembro, em Valladolid.

Advogado 'entala' réu cantante

O aparecimento em cena de um novo «arrependido» — o sexto, de seu nome Luís Augusto Ferreira Gomes — e o interrogatório feito pelo advogado Artur Marques ao «arrependido» n.º 5, Mário Lamas, dominaram a sessão de ontem do julgamento do chamado «Caso FUP/FP-25».

Durante uma hora Artur Marques, advogado do réu João Aguiar Gomes, atribuiu a Mário Lamas várias contradições, cortejando as suas declarações ao juiz de Instrução Criminal em Setembro de 85 com as ora prestadas na audiência.

De tal monta são essas contradições e omissões que Artur Marques acabou por requerer ao Tribunal que não considere «boa parte deste tortuoso e fluido depoimento», baseado — disse — «no ouvi dizer», rejeitado pelo Código de Processo Penal. O colectivo reservou para mais tarde o devido despacho.

Como já aconteceu em sessões anteriores — Mário Lamas foi ouvido durante as cinco últimas

— o depoimento deste «arrependido» foi fértil quer em risos por parte dos outros réus ao ouvirem as respostas dadas quer em objecções do próprio Lamas ao advogado que o interpelava.

Ao retirar-se, o quinto «arrependido» respondeu mesmo aos risos e comentários dos arguidos com frases do género «eu bem te conheço», «vês como te topo?». Um espectáculo. Mário Lamas aguarda agora a vez de voltar a responder, como réu do segundo julgamento das FP-25, a iniciar na próxima segunda-feira, também em Monsanto.

O novo «arrependido», por seu turno, afirmou ontem que as FP-25 eram «o braço armado da FUP» e identificou os membros dos Comandos Regionais do Norte e do Sul da organização, a que disse ter pertencido.

Luís Ferreira Gomes, operário têxtil, 28 anos de idade, natural e residente em Barcelos, assumiu-se como membro das FP-25 e co-autor de cinco assaltos à mão armada no Norte e mais dois no Sul, entre

estes o cometido, para roubo de salários, na sede do «Diário de Notícias».

Além daquelas identificações Luís Gomes apontou outros presumíveis «operacionais activos» dos comandos da zona Centro e de Lisboa.

Segundo o «arrependido», do Comando da Região Norte faziam parte, além dele mesmo, os ora réus Daniel Horácio (pseudónimo «Artur»), Baptista Dias («Tiago»), Amândio («Armando»), Mário Lamas («Mário») e Maria Manuela Lara («Lara»). O Comando Sul, para o qual se transferiu por se julgar vigiado pela Polícia, actuou com os outros três membros, Teodósio Alcobia («Gordo»), Aldino («Luís») e Couto Ferreira («Borbole-ta»).

Luís Ferreira Gomes declarou-se apoiante ou simpatizante da FUP desde o início desta, «revelando» ter passado à clandestinidade para integrar a Direcção Político-Militar (DPM) do Projecto Global (PG) de Oteló. Citou depois várias ligações

FUP-FP-25, tendo chegado a afirmar que a FUP «fazia a agitação legal e depois intervinham os FP-25 no terreno assim preparado politicamente pela primeira».

Luís Gomes responde igualmente como réu no segundo julgamento das FP-25 a iniciar segunda-feira.

Novo julgamento

Apenas 13 dos 29 réus deverão estar presentes em Monsanto na segunda-feira quando se iniciar o segundo julgamento das FP-25. Dezasseis serão julgados à revelia — informou fonte judicial citada pela NP.

No primeiro dia do julgamento será realizado o segundo sorteio de jurados, destinado a escolher 10 cidadãos.

No primeiro sorteio, efectuado em 6 de Outubro, haviam sido pré-seleccionadas cem pessoas.

BOLSA DE VALORES DE LISBOA BOLSA DE VALORES DO PORTO

CONCURSO

As Bolsas de Valores portuguesas vêm seguindo, com a maior atenção, o progressivo interesse que, tanto a nível das instituições financeiras e outros investidores institucionais, como sobretudo do público em geral, vem despertando o renascimento do mercado de valores mobiliários. Interesse que se tem revelado não só no que se refere à admissão em bolsa de títulos de novas empresas, como ao movimento bolsista em geral.

Considera-se essa evolução extremamente positiva, pelo que representa de normalização e actualização do mercado financeiro e de recuperação dos mecanismos normais de financiamento das empresas.

Importa, porém, chamar a atenção para um aspecto que se entende da máxima importância para o correcto funcionamento deste mercado:

— a consideração de que investir na Bolsa não é um jogo mas uma forma de aplicação de poupanças, através de uma decisão que deve ser tomada conscientemente, na base de uma informação clara, segura e completa da situação das empresas em que se investe.

A disponibilidade dessa informação pelo público é fundamental e há que criar esquemas e mecanismos que habituem os investidores a não actuarem emotivamente ou apenas por informações de «ouvir dizer».

O papel dos órgãos de comunicação é aqui muito importante, pelo que de formativo podem trazer a quem porventura menos preparado esteja quando se dispõe a entrar nestes domínios.

Resolveram, assim, as Bolsas de Valores lançar um concurso periódico que obedecerá às seguintes regras:

1. É instituído um prémio de 100 000\$00 para o autor do melhor artigo publicado em qualquer órgão de Informação que tenha por tema a análise objectiva da situação económico-financeira de qualquer empresa que tenha valores cotados em bolsa ou pretenda fazer uma emissão pública de valores.
2. O prémio será atribuído nos próximos meses de Dezembro, Fevereiro, Abril, Junho, Agosto e Outubro, tendo em atenção os artigos publicados nos dois meses anteriores.
3. Os interessados na atribuição do prémio deverão enviar, até ao dia 10 de cada mês referido no n.º 2, a uma das Comissões Directivas das Bolsas de Valores de Lisboa ou do Porto, dois exemplares do órgão de Informação em que haja sido publicado o artigo cuja candidatura se apresenta.
4. A atribuição do prémio será feita por um júri a designar por aquelas Comissões Directivas.
5. As Bolsas de Valores darão publicidade, nos respectivos Boletins, aos prémios atribuídos, podendo também fazer a transcrição, total ou parcial, dos artigos premiados, nas respectivas publicações.
6. As Bolsas de Valores reservam-se o direito de não atribuir, em qualquer dos meses indicados, o prémio previsto, se o júri entender que nenhum dos artigos enviados para apreciação respeitar os objectivos do presente concurso ou tiver a necessária qualidade técnica ou jornalística.
7. As decisões do júri serão finais e delas não caberá recurso.

Claude Bourdet

O amigo francês de Oteló

Lurdes Ferreira

Socialista e católico, Claude Bourdet esteve em Monsanto, num gesto solidário com Oteló Saraiva de Carvalho, personagem que conheceu há alguns anos atrás em Paris. «Não acredito que esteja envolvido com o terrorismo...», disse a propósito as acusações que são imputadas ao homem que contribuiu para a queda da ditadura portuguesa e que agora é réu num processo deveras complicado.

Claude Bourdet, herói da resistência francesa, contra a ocupação nazi, onde desempenhou um papel de chefia, preso e deportado para a Alemanha em 1944, pronuncia-se sobre o momento difícil que o seu país atravessa. «Porque se visa particularmente a França?», pergunta num extenso artigo publicado no jornal «Temoignage Chrétien» de que é colaborador permanente, sobretudo para as questões do Médio Oriente. A seu aviso, enquanto não se resolver o problema palestino o terrorismo nunca mais parará, daí que considera os israelitas e os americanos como responsáveis pelo estado de coisas que a Europa vive.

Quanto ao povo francês reconhece-lhe um conservadorismo atávico, embora creia que o último triunfo da direita, em termos eleitorais, se deve «a uma certa fadiga perante um poder de esquerda pouco eficaz», e consequentemente a uma necessidade de mudança. Todavia, está convicto de que a direita não se aguenta muito tempo porque também ela se mostra incapaz de resolver seja o que for. Com efeito, o desemprego não diminuiu, a crise agravou-se e a economia caminha para uma total desorganização. Entretanto, segundo afirma, «a popularidade de Mitterrand sobe e, se houver um conflito entre ele e Chirac, não será de excluir a hipótese de dissolução da assembleia, o que implica novas eleições e, provavelmente, uma vitória dos socialistas».

Claude Bourdet, setenta e tal anos, autor de diversos livros, um dos quais «L'Europe Truquée» traduzido em Portugal com o título de «A Farsa da Europa» foi toda a vida jornalista. Nos anos cinquenta, no pós-guerra, fundou «L'Observateur», publicação que por razões

comerciais passará a chamar-se «France Observateur» depois de se submeter a uma remodelação. Mais tarde, dá-se uma cisão no interior da revista e alguns dos companheiros de Claude Bourdet lançam-se na criação do «Nouvelle Observateur». Mas a sua experiência não fica por aqui, pois foi director-geral da Radiodifusão Francesa e, ainda, membro da Direcção do jornal «Le Combat», a que já estivera ligado na clandestinidade.

Medo

Na área da escrita, «para demonstrar o poder do Estado e do dinheiro», Claude Bourdet publica, em 1972, o livro «À qui Apartient Paris» e, em 1975, «L'Aventure Incertaine» com o subtítulo «Da Resistência à Restauração». Se na época do jornal «Le Combat» a palavra de ordem era «da resistência à revolução», hoje não há revolução, mas sim a restauração daquilo que se combatia na juventude, se bem que de um modo mais velado. «No fundo, o livro trata da minha história na resistência com muito de análise política...»

Em Paris habita o medo, mas um medo sem pânico porque «as pessoas habituam-se... como no Líbano, aprendem a viver com o que as ameaça». Claro que não se pode pôr em dúvida a existência do Comité de Solidariedade com os Presos Políticos Árabes e do Médio Oriente que tem reivindicado os atentados de Paris. Claude Bourdet acha que por detrás da referida organização estão as «Fracções Revolucionárias Libanesas», cujo líder é Georges Ibrahim Abdallah, preso por acaso, em Outubro de 1984, na cidade de Lyon. De resto, compara este estranho grupo, de características familiares, à Mafia siciliana, com a sua estrutura de

clã e a sua sanha de «vendetta». De facto, as FARL, fenómeno nascido na desordem libanesa, não se comportam como uma verdadeira organização política.

Numa situação confusa e a estalar por todos os lados, como a do Médio Oriente, a esperança de paz parece estar na solução da questão palestina. «Se as propostas de Arafat, que conta com 85 por cento dos apoios dos países árabes, fossem aceites pelos americanos e israelitas, julgo que haveria um desanuviamento da tensão...» diz Claude Bourdet. Ora, o Governo francês, pelo seu lado, não deveria fornecer armas ao Iraque, o que não significa que o Irão represente um papel simpático na guerra que opõe os dois países. «É normal que os iranianos estejam furiosos contra nós, mas entre o chefe do Iraque e Komeiny o Diabo que escolha. Quanto a mim são dois assassinos, tanto um como outro são culpados de milhares de mortes...»

A verdade é que competia à França, na questão do Médio Oriente, uma outra atitude: «Se em vez de se curvar aos desejos americanos, assumisse a sua vocação protectora, talvez não se debatesse com as dificuldades que hoje vive». E os homens, admiradores da sua cultura, e que na França cumpriram parte dos estudos, certamente que não a tornariam num dos seus principais alvos. «Nós não somos piores que os outros europeus, até por vezes talvez sejamos melhores que os outros...», frisa Claude Bourdet, com aquela carga de chauvinismo muito própria dos franceses.

Moderado

No que respeita à «Accion Directe», Claude Bourdet manifesta-se muito crítico, de modo nenhum as suas posições radicais lhe parecem aceitáveis. «Desenvolvem uma política estúpida que só serve as forças da direita...» E justifica esta tese, aludindo ao facto de, na véspera de uma manifestação convocada pela esquerda contra Reagan, o presidente americano, ter explodido uma bomba, cuja reivindicação foi prontamente feita pela citada organização, e de que



Nós franceses, não somos piores que os outros europeus...

resultou uma retracção das pessoas em aderir à manifestação do dia seguinte.

Militante do PSU, desde o seu aparecimento, Claude Bourdet veio a Lisboa pela segunda vez (já cá estivera em 1975, no auge da revolução de Abril), e desta vez para apoiar Oteló que, no seu entender, «se transformou no bode expiatório dos portugueses ricos». E com firmeza acrescenta: «...É absurda e escandalosa a prisão de Oteló». Não, não acredita na acusação. Impossível, Oteló sempre foi uma pessoa da esquerda moderada, isto só pode ser uma cabala movida contra ele ou «a revanche por ter feito a revolução». Eis a opinião de Claude Bourdet.

Assim, deslocou-se a Lisboa «uma cidade lindíssima». Assim, esteve no julgamento de Monsanto que associa ao «J'Acuse» de Emilio Zola.

E numa das suas noites lisboetas, amigos levaram-no ao Botequim, reunião a que Natália Correia faltou por motivos de força maior, mas em compensação o animador do convívio foi um cantor «de bela voz... e um belo nome, cujo nome não me recordo». Vitorino? Exactamente, era Vitorino.

Espanhóis pedem adiamento das negociações de pesca

As negociações luso-espanholas sobre a questão da pesca na fronteira do Guadiana foram adiadas, a pedido de Espanha, para ocasião mais oportuna. Enquanto em alguns meios do país vizinho se afirma a necessidade de repensar o esforço ibérico perante a nova situação internacional, o subdirector-geral das Pescas portuguesas, Eurico Monteiro, revela que o adiamento se ficou a dever à «tensão social na Andaluzia», devido à situação do sector. Eurico Monteiro partiu de Lisboa na terça-feira para se encontrar com o responsável pelo comando da Marinha de Pescas de Espanha, na cidade fronteiriça de Ayamonte.

A alegação espanhola para o pedido de adiamento feito a Portugal não coincide com as afirmações do subdirector-geral de Pescas de Portugal. A posição do país vizinho foi dada a conhecer em Madrid, nos encontros preparatórios que estão a decorrer na capital espanhola entre delegações dos dois países. Os representantes consideraram num dos últimos encontros que a questão da pesca nas zonas fronteiriças deveria ser adiada.

Esta decisão, não excessivamente importante dentro do protocolo dos trabalhos, parece responder ao desejo das autoridades espanholas de chegar a Guimarães com os problemas bem maduros para que possam ser aprovados os temas mais destacados das relações entre os dois países.

A Espanha está particularmente interessada em definir junto a Portugal uma linha estratégica comum que permita aos novos sócios da Comunidade Económica Europeia enfrentar com êxito a nova situação internacional.

O governo de Madrid, por outro lado, tem em agenda um importante e ambicioso projecto de desenvolvimento da zona fronteiriça com Portugal — a denominada «fronteira da cortiça» — com a cooperação portuguesa e o apoio económico dos fundos comunitários.

Nestas circunstâncias, as autoridades espanholas não querem correr nenhum risco, ainda que

reconheçam que alguns sectores estão interessados em limitar os programas de cooperação.

O ministro português da Indústria e Comércio, Santos Martins, durante a sua recente visita a Madrid, sublinhou, precisamente, que no sector comercial — um dos mais difíceis nas relações luso-espanholas — não havia nenhum contencioso e que a Espanha estava a respeitar o acordo comercial.

O ministro, porém, reconhecia que existiam alguns pequenos obstáculos, «fruto da pouca experiência espanhola no terreno das relações comerciais internacionais».

Áreas de pesca que sirvam a todos

O subdirector-geral das Pescas lamentou em Vila Real de St. António «os adiamentos sucessivos em cima da hora» das reuniões para o acordo de pescas do Guadiana. Eurico Monteiro, que hoje devia presidir à delegação portuguesa nas negociações marcadas para Ayamonte, acrescentou que estes adiamentos «em cima da hora» provocam algumas dificuldades, nomeadamente no que respeita às explicações que é necessário dar aos pescadores.

No acordo fronteiriço do Guadiana está em causa a troca de licenças para a pesca pelos portugueses em Espanha com artes de tresmalho, alcatruzes e cerco, por licença para os pescadores espanhóis de captura de mariscos bivalves em águas portuguesas.

O responsável pela delegação portuguesa ao acordo, o último que falta estabelecer para a normalização total das relações pesqueiras entre os dois países, aproveitou a sua deslocação para uma reunião com pescadores e armadores portugueses, na Câmara de Vila Real de Santo António.

«A nossa estratégia tem sido comum e em sintonia perfeita» — disse Eurico Monteiro, ao comentar as relações entre pescadores e armadores e a delegação portuguesa a propósito das negociações deste acordo.

O subdirector geral afirmou que Portugal continua a ter «todo o

interesse em concluir este acordo do Guadiana», tendo em vista a normalização total das relações pesqueiras entre os dois países, sublinhando que o adiamento da reunião, convocada para esta amanhã, se ficou a dever «à tensão social na Andaluzia».

Nas suas palavras, a dificuldade concreta neste acordo «tem sido em encontrar uma situação equilibrada que sirva de facto o interesse dos pescadores portugueses».

«Queremos uma situação em que, em termos de valor económico e de esforço sobre os

stocks, haja de facto um ponto de equilíbrio entre aquilo que vamos dar a Espanha e o que a Espanha nos vai dar a nós» — esclareceu Eurico Monteiro.

Um acordo que não seja mau

O responsável português manifestou-se convicto de que existe também, «um grande interesse dos espanhóis neste acordo» recordando a propósito as incursões sistemáticas dos pescadores vizinhos nas águas portuguesas,

apesar da fiscalização intensiva efectuada pela Armada.

Eurico Monteiro afirmou que nas duas reuniões já efectuadas se conseguiram alguns progressos, nomeadamente no que se refere «a um melhor conhecimento das realidades de pesca de cada país».

Por esse motivo afirmou esperar que numa próxima reunião as duas delegações já possam chegar a um acordo que «se não puder ser mais amplo seja mais restrito, mas que tenha interesse para ambas as partes».

Para o presidente da Câmara de

Vila Real de Santo António, concelho onde reside a maioria dos pescadores interessados no acordo fronteiriço, «mais vale não haver acordo do que haver um mau acordo».

«O que está em causa nestas negociações é encontrar as áreas de pesca bem como o número de licenças que sirvam os interesses dos pescadores de ambos os países» — disse António Murta, manifestando uma «abertura permanente ao diálogo com os espanhóis no sentido de preservar o bom relacionamento entre vizinhos».

magazine

O seu Domingo abre-se para o Mundo!...

Quando você compra o Diário de Notícias e abre o DN Magazine ... o seu domingo abre-se para o mundo! ... Diário de Notícias DN Magazine

Ao domingo você faz desporto com os maiores atletas ...

Vive os grandes acontecimentos em muitas páginas a cores ... Você destaca o suplemento interlúdio e programa as suas noites de televisão. Agora, sim! O DN Magazine é o seu domingo em cheio!

Luto na Rádio

Mary: nunca mais a sua voz

Mary Rodrigues, uma das primeiras locutoras do então Rádio Clube Português, faleceu ontem no Hospital de Santa Cruz, em Lisboa.

Mary, nome que era popularmente conhecida, estava internada há um mês naquele estabelecimento hospitalar.

A locutora, de 80 anos, colaborou em dezenas de programas de rádio ao longo de 43 anos da sua carreira, tendo ainda recentemente participado num programa de Televisão dedicado à Terceira Idade.

Refira-se que Mary se estreou na Rádio (RCP) em 4 de Fevereiro de 1936 e aí se manteve durante mais de 40 anos.

Autora do primeiro programa feminino no Rádio portu-

guesa («De mulher para mulher»), que mais tarde se passou a chamar «Página Feminina», recebeu, ao longo da sua carreira, numerosos convites para trabalhar em emissoras estrangeiras, mas todos recusou.

Após a nacionalização do Rádio Clube passou a ter a seu cargo um programa de intercâmbio musical, de meia-hora de duração. Retirada da actividade radiofónica, ia todos os dias (como afirmava em entrevista ao «Diário de Notícias» no ano passado) às instalações da Rádio Comercial, na Sampaio Pina, onde durante muitos anos funcionara o Rádio Clube.



Loureiro Borges, pelo BPSM, e Ferreira do Amaral, do IFADAP, assinam o protocolo

Para esforço na Agricultura

Assinado protocolo

entre IFADAP e BPSM

O Instituto Financeiro de Apoio ao Desenvolvimento da Agricultura e Pescas (IFA-DAP) e o Banco Pinto e Sotto Mayor (BPSM) celebraram ontem, na sede daquele instituto, um protocolo visando a conjugação de esforços entre as duas instituições, no sentido de obter uma melhor aplicação do Regulamento 797/85 do Conselho da Comunidade Económica Europeia referente à melhoria de eficácia das estruturas agrícolas.

O acordo assinado, o nono do tipo já celebrado com outras instituições de crédito, prevê que o BPSM aceitará nos seus balcões os planos de melhoria das estruturas agrícolas que lhe sejam apresentados pelos interessados, envolvendo ou não estes planos o recurso ao crédito, remetendo ao IFADAP para análise e decisão aqueles que

apenas visem a concessão de subsídio.

Os planos de melhoria que envolvam recurso ao crédito serão analisados pelo BPSM, devendo ser remetidos ao IFADAP com a posição assumida pela referida instituição de crédito.

O protocolo estabelece ainda a obrigatoriedade do BPSM comunicar ao IFA-DAP «quaisquer incumprimentos de natureza financeira que venham a surgir no período de duração do empréstimo».

Ferreira do Amaral, presidente do IFADAP, disse entender-se com este protocolo acelerar a colaboração entre a instituição que gere o FEO-GA e a instituição de crédito com larga experiência e prestígio no apoio à agricultura. «Da nossa parte, sentimo-nos bastante satisfeitos», respondeu o presidente do BPSM, Loureiro Borges

Só o consumo de fuel diminui 15%

Indicadores do investimento contradizem o Governo

O investimento em Portugal, com excepção do sector da construção civil, continuou a não corresponder às expectativas do Governo nos primeiros oito meses do ano, segundo indicadores económicos a que a Anop teve hoje acesso.

O consumo de fuelóleo para fins industriais (com exclusão da EDP) diminuiu 15 por cento nos oito primeiros meses do ano, relativamente a igual período do ano anterior, revelaram hoje fontes oficiais.

As mesmas fontes indicam que, no período em causa o consumo de cimento e aço para a construção aumentou 0,1 por cento, o que indica uma retoma, embora tímida, no sector de construção civil e obras públicas. Contudo, este valor segue-se a um ano em que a quebra no consumo do cimento e aço atingiu 8 por cento.

Estes indicadores mostram que o investimento, com exclusão do sector da construção, continua a não reagir da forma esperada pelo Governo aos incentivos que tem posto em prática, nomeadamente a redução das taxas de juro em

8,5 pontos percentuais desde Outubro de 1985 e a liberalização da concessão de crédito para investimento.

Esta evolução poderá dificultar a meta de crescimento de 9 por cento do investimento fixada pelo Governo para este ano.

Com efeito, meios económicos contactados pela Anop assinalam que a suspensão da desvalorização deslizante do escudo, entre Novembro de 1985 e Abril de 1986, teve consequências ao nível do crescimento das exportações portuguesas, que só não foi mais grave devido à queda do dólar nos mercados internacionais que entretanto se verificou.

O fraco crescimento das exportações portuguesas nos seis primeiros meses do ano, pouco superior a 2 por cento contra uma previsão inicial de 5 por cento em 1986, tem permitido às empresas exportadoras laborar sem grande pressão por parte da procura, o que obviamente não estimula o aparecimento de novos investimentos no sector.

Ao mesmo tempo, o facto das empresas que produzem

para o mercado interno terem laborado durante os anos de 1983, 1984 e parte de 1985 com grande parte da sua capacidade subaproveitada, permite-lhes funcionar em 1986, mesmo com um inevitável acréscimo da procura, sem necessidade de proceder a curto prazo, a novos investimentos.

Daí que, embora o investimento vá crescer este ano, tanto mais que se vinha de dois anos de fortes quebras (18 por cento em 1983 e 3 por cento em 1984), deverá ficar aquém da meta dos 9 por cento estabelecida pelo Governo.

Refira-se ainda que, em Janeiro e Março, relativamente aos meses homólogos do ano anterior, a produção industrial foi inferior à verificada em 1985 em 1,5 por cento e 1,2 por cento, respectivamente, tendo sido superior em Fevereiro (2,3 por cento), Abril (5,4 por cento) e Maio (3,2 por cento).

Em média a produção industrial nos cinco primeiros meses do ano registou um acréscimo de cerca de 1,2 por cento comparativamente ao mesmo período do ano anterior.

Meios económicos contacta-

dos pela Anop sustentam que, após a situação de crise que a economia portuguesa atravessou, o arranque do investimento teria sempre de partir do sector público. Contudo, o Governo optou por restringir o investimento das empresas públicas em 1985, o que é considerado por esses meios como um erro que pode inviabilizar a meta fixada pelo Executivo.

Retoma no comércio

A maioria dos comerciantes portugueses registou, no segundo trimestre deste ano, «uma subida apreciável» nas suas vendas, revela o inquérito de conjuntura ao sector ontem divulgado pelo INE.

A subida substancial do volume de vendas, relativamente ao trimestre anterior, deveu-se, segundo o Instituto Nacional de Estatística, a uma maior animação da procura, principalmente interna, a qual foi também visível na indústria transformadora.

«Esta melhoria foi mais sentida pelos grossistas que pelos retalhistas, embora em ambos os sectores os saldos positivos entre as respostas extremas ao inquérito tenham sido os mais elevados dos últimos três anos.

Segundo encontro em Lisboa

Especialistas debatem inteligência artificial

De acordo com um documento da Associação Portuguesa para a Inteligência Artificial estão em curso 14 projectos de investigação nesta área da informática, na sua maior parte a serem desenvolvidos em departamentos universitários em colaboração com o LNEC. O financiamento global dos projectos ultrapassa os 100 mil contos.

Este documento foi divulgado durante o segundo encontro português de inteligência artificial que ontem começou em Lisboa com a participação de 200 especialistas.

Em Portugal, a investigação nesta área nasceu há 13 anos mas existem já 11 doutorados na disciplina e um total de cerca de 50 investigadores a trabalharem em projectos neste domínio.

A inteligência artificial foi definida inicialmente como a ciência que «permite construir máquinas para fazer coisas que requerem inteligência quando são feitas pelos homens» — referiu um dos responsáveis pela organização do encontro.

Actualmente ela é encarada

como «o estudo de como fazer os computadores realizarem coisas que de momento os seres humanos ainda fazem melhor» — acrescentou.

«Em Portugal a disciplina é muito jovem e os trabalhos são mais de âmbito académico que na área das aplicações» — disse Helder Coelho, do Centro de Informática do LNEC, em declarações recolhidas pela NP.

Segundo Gabriel Lopes, um dos 50 investigadores portugueses em inteligência artificial, um «robot verdadeiramente inteligente poderá ser uma realidade nos princípios do próximo século, os princípios estão lançados e falta articular os conhecimentos».

Referiu no entanto que no plano internacional já existem máquinas com faculdades algo semelhantes aos «humanizados computadores» dos filmes de ficção científica.

Como exemplo, citou a existência de «computadores médicos» preparados para diagnosticar doenças e indicar os medicamentos que o paciente deve tomar.

Desemprego para 400 corticeiros no Algarve

A União dos Sindicatos do Algarve anunciou dispor-se a encetar «todas as acções que permitam evitar o encerramento» da empresa corticeira algarvia Torres Pinto e o consequente desemprego dos 400 trabalhadores.

Este encerramento «que nada justifica, já que se trata de uma das maiores empresas nacionais do sector» é considerado pela União dos Sindicatos como «ofensiva contra o aparelho produtivo nacional».

Segundo um edital publicado no passado dia 29 de Setembro, a quase totalidade dos bens imóveis da empresa Torres Pinto, vai ser vendida no próximo dia 12 de Novembro «à porta da Repartição de Finanças de Faro», sendo a penhora feita para pagamento de uma dívida ao Gabinete de Gestão do Fundo de Desemprego.

A Torres Pinto é uma das maiores empresas de cortiça do Algarve e conta com cerca de 400 trabalhadores.

Fábrica de plásticos vai à falência

Também em Alverca, arredores de Lisboa, um numeroso grupo de trabalhadores vai para o desemprego por ter sido requerida a falência da fábrica de artigos de plástico onde se empregavam.

Trata-se da Nova Era que começara a ver a sua situação eco-

nómico-financeira degradar-se em 1982, essencialmente por falta de competitividade no mercado externo e encarecimento dos factores de produção.

Não obstante receber em 1984 um subsídio da Secretaria de Estado do Emprego (no valor de 20 000 contos) para manutenção dos postos de trabalho, a empresa começou a atrasar o pagamento dos salários.

Nesse mesmo ano, os trabalhadores movimentaram-se junto do Ministério do Trabalho e dos accionistas da Nova Era, pressionando para que fosse travada a degradação da empresa e posto termo ao não pagamento dos salários. A administração respondeu que os accionistas se desinteressavam da empresa e que a «solução» seria a falência.

Em 1985 a administração ordenou o encerramento das actividades da empresa e abandonou as suas instalações.

Em Janeiro deste ano a administração faz chegar aos trabalhadores cartas de despedimento, cuja ilegalidade é confirmada pelo Ministério do Trabalho. Entretanto, a dívida acumulada para com os trabalhadores totaliza 9000 contos.

Numa reunião realizada no passado mês de Agosto, entre credores e a administração, foi requerida a falência da empresa.

COTAÇÕES CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

(Por Unidade)		
COTAÇÕES DE NOTAS	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	47\$10	53\$10
ALEMANHA FED. (marco)	72\$40	73\$60
ÁUSTRIA (xelim)	10\$25	10\$45
BÉLGICA (franco)	3\$277	3\$527
BRASIL (cruzado)	3\$900	6\$400
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	104\$35	106\$85
(notas de 5 a 1000)	104\$85	107\$35
DINAMARCA (coroa)	19\$20	19\$60
ESPANHA (peseta)	1\$063	1\$183
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	144\$80	148\$30
(notas de 5 a 1000)	145\$30	148\$80
FINLÂNDIA (marka)	29\$65	30\$25
FRANÇA (franco)	22\$10	22\$80
HOLANDA (florim)	64\$05	65\$15
IRLÂNDIA (libra)	197\$85	201\$85
ITÁLIA (lira)	\$095	\$110
JAPÃO (lene)	\$895	\$950
NORUEGA (coroa)	19\$70	20\$20
REINO UNIDO (libra)	206\$50	211\$00
SUÉCIA (coroa)	21\$10	21\$60
SUIÇA (franco)	88\$80	90\$30
VENEZUELA (bolívar)	6\$25	7\$25

OBSERVAÇÕES:

- 1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
- 2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.

Pré-cimeira EUA-URSS

Reagan chega hoje a Reiquejavique para encontro com Gorbachev

O presidente norte-americano, Ronald Reagan, chega hoje à Islândia para se encontrar com o líder soviético Mikhail Gorbachev, sendo objectivo declarado de ambos fomentar um melhor relacionamento entre as duas superpotências.

A chegada de Reagan a Reiquejavique está prevista para as 23 horas de Lisboa. A temperatura na capital islandesa é hoje de cinco graus centígrados. Reagan declarou que os encontros com Gorbachev, no sábado e no domingo próximos serão uma oportunidade para discussões pessoais, francas e detalhadas em preparação de uma cimeira nos Estados Unidos, provavelmente em 1987.

Washington e Moscovo.

«Hoje, quando a existência da Humanidade está em jogo, propomos não só acções decisivas e imediatas, como mostramos com actos o exemplo de como sair do cego beco nuclear» — acrescentou.

A imagem de Gorbachev

O líder soviético Mikhail Gorbachev, cuja chegada a Reiquejavique ainda se desconhece, participa no encontro do fim-de-semana, com o presidente Ronald Reagan, como um estadista mundial veretano, seguro e confiante.

Esta é a conclusão a que chegaram analistas em Moscovo, os quais observaram o surgimento gradual de Gorbachev, de 55 anos, nos últimos dois anos, como uma figura perspicaz e inteligente, pronto a mostrar-se duro ou flexível consoante a ocasião.

Tendo começado a crescer em importância dentro da hierarquia do Kremlin escassos meses antes da sua eleição como secretário-geral do Partido Comunista, em Março de 1985, Gorbachev conseguiu pôr a sua

marca pessoal nas políticas interna e externa da União Soviética.

A nível interno tem feito uma campanha vigorosa pelo que apelida de renovação nacional, ou seja uma plataforma onde se inserem a eficiência económica e a luta contra a burocracia, corrupção e álcool.

No âmbito externo, o «número um» do Kremlin centrou a sua atenção em acordos radicais sobre redução de armas com os Estados Unidos, mas pretendeu também para reparar laços com a China e restabelecer o papel de Moscovo como interveniente na resolução da crise no Médio Oriente.

A nova imagem que Gorbachev forjou de uma liderança determinada, com uma visão menos confusa sobre a sua orientação do país proporcionou-lhe popularidade generalizada após anos de estagnação durante o período em que dominaram os seus predecessores, dizem analistas.

A sua personalidade relativamente juvenil e determinação clara em conduzir o país para um mundo moderno trouxe-lhe, segundo os referidos analistas, o renovar da confiança nacional na União Soviética.

O chefe da Casa Branca reafirmou que não espera qualquer acordo importante como resultado do encontro na Islândia.

Em Washington o Senado aprovou, sem votos contra, uma resolução exortando o presidente Reagan a pressionar Gorbachev na questão dos Direitos Humanos.

A resolução afirma que a URSS «é culpada de grandes abusos dos Direitos Humanos, nomeadamente, a ocupação do Afeganistão».

Reagan tem afirmado que o tema dos Direitos Humanos será tão importante como os do controlo dos armamentos.

Entretanto, o secretário de Estado George Shultz prometeu que a emigração dos judeus so-

viéticos será um dos principais pontos da agenda do encontro de Reiquejavique.

«Os soviéticos precisam de saber que não podemos continuar a melhorar as relações com eles se não virmos progressos significativos nos Direitos Humanos, incluindo o direito a emigrar» — disse Shultz a cerca de 300 líderes judeus.

Em Moscovo, o diário do Partido Comunista Soviético, «Pravda», comentou não haver certeza de que os Estados Unidos estejam dispostos a aceitar o desarmamento no encontro da Islândia.

O «Pravda» referiu ser simbólico que o encontro se realize numa capital localizada mais ou menos a meio caminho entre

Na África do Sul

Expulsão de imigrantes moçambicanos poderá originar greve total dos mineiros

O governo sul-africano proibiu o recrutamento e futura contratação de trabalhadores de Moçambique em resultado da deterioração das condições de segurança na fronteira comum.

Os moçambicanos com autorizações de trabalho válidas serão repatriados quando elas expirarem e não serão autorizados a regressarem, afirma uma declaração divulgada em Pretória.

Cerca de 60 mil moçambicanos trabalham actualmente na África do Sul, a maioria nas minas de ouro e carvão.

Um dirigente sindical descreveu a medida governamental como «cínica e infantil» e advertiu que poderá levar a uma greve

mineira de grandes proporções.

Segundo o governo, «não será permitido futuramente qualquer recrutamento de trabalhadores de Moçambique em resultado das actividades do Congresso Nacional Africano (ANC) e do Partido Comunista Sul-Africano, que são responsáveis pela continuada deterioração da situação de segurança na fronteira comum com a República da África do Sul».

Pretória acrescenta que, «de acordo com informações na posse do governo sul-africano, confirmadas por incidentes recentes, aquelas organizações estão ainda a operar a partir de Moçambique».

Domingo, seis soldados sul-africanos ficaram feridos na explosão de uma mina, junto à fronteira com Moçambique, onde pelo menos 16 pessoas morreram desde Novembro, devido à explosão de minas.

A declaração de Pretória afirma que «os trabalhadores cujas autorizações são ainda válidas serão autorizados a completarem o seu período de serviço, depois do que terão de regressar a Moçambique e não serão autorizados a reentrar».

Moçambique e a África do Sul assinaram em 1984 um acordo em que se comprometiam a retirar todo o apoio aos inimigos mútuos.

Cerca de 350 mil cidadãos dos

países vizinhos trabalham na África do Sul.

Um porta-voz do Congresso dos Sindicatos sul-africanos, Frank Meintjies, afirmou a propósito do anúncio governamental: «qualquer tentativa para interferir com os direitos dos moçambicanos ou outros trabalhadores estrangeiros resultará numa forte acção do movimento laboral».

«Dissemos antes que acções como esta podem resultar numa greve total de mineiros e consideramos agora essa opção», disse o sindicalista acrescentando que a medida governamental «é cínica e infantil e devemos protestar contra ela».

Pinochet propõe "diálogo limitado" com a oposição

Horas depois de ter procedido a mudanças nos comandos do Exército, o presidente chileno, Augusto Pinochet, propôs um diálogo limitado e condicionado com políticos civis.

Porém, a oferta feita ontem à noite fica aquém das exigências da oposição e de apelos de alguns militares no sentido de conversações sobre o restabelecimento da

democracia no Chile após 13 anos de Governo autoritário.

O Governo publicou ordens escritas de Pinochet para o ministro do Interior, Ricardo Garcia, no sentido de entrar em contactos com políticos.

Pinochet sublinhou, no entanto, que Garcia devia apenas manter conversações com políticos que aceitam a Constituição de

1980, a qual prevê que as Forças Armadas nomeiem um único candidato presidencial para um plebiscito a realizar em 1989.

A Constituição permite que Pinochet, de 70 anos, se candidate então a um novo mandato de oito anos.

Pinochet indicou igualmente a Garcia que as conversações devem restringir-se a suas áreas

específicas: proposta para uma lei que legalize os partidos e a criação de novos cadernos eleitorais.

Os partidos políticos estão actualmente proibidos e os cadernos eleitorais foram destruídos pelos militares na sequência do golpe de Estado de 1973, em que os militares derrubaram o presidente Salvador Allende.

24 HORAS

Retirada do Afeganistão

A União Soviética anunciou que inicia no próximo dia 15 a retirada de seis regimentos do contingente militar soviético estacionado no Afeganistão. O anúncio da retirada parcial das forças soviéticas que, segundo a TASS, «se encontram temporariamente naquele país a pedido do governo da República Democrática do Afeganistão», foi feito pelo líder soviético Mikhail Gorbachev no passado mês de Julho, em Vladivostok. Fontes ocidentais situam em 115 000 homens o total de tropas soviéticas no Afeganistão, considerando que a retirada envolverá cerca de 8 000 homens.

Relações China-URSS

A China pediu a Moscovo que destrua os seus mísseis SS-20 na Ásia, durante o terceiro dia de trabalho dos negociadores soviéticos e chineses, reunidos para discutir a normalização das relações entre os dois países comunistas. O pedido coincidiu com a visita a Pequim do secretário norte-americano da Defesa, Caspar Weinberger, que assegurou aos chineses que o presidente Reagan vai adoptar uma perspectiva «global», para retirar os mísseis SS-20 quando se encontrar com o dirigente soviético Mikhail Gorbachev na Islândia no fim da semana.

Kalb demite-se

Bernard Kalb, secretário de Estado adjunto norte-americano, demitiu-se na sequência da controvérsia causada por um programa de desinformação contra o líder líbio Muammar Kadhafy. Kalb era também o porta-voz do secretário de Estado George Shultz. Falando aos jornalistas, ainda antes de ser anunciada a sua demissão, Kalb disse que ao aceitar o cargo de adjunto de Shultz concordara em aceitar o lema «nada de mentiras», como lhe fora proposto pelo secretário de Estado, que classificou de «homem íntegro».

Cientista deserta

O cientista norte-americano Arnold Lokshin, que recentemente comunicara às autoridades do seu país o desejo de abandonar, chegou ontem a Moscovo, informou a agência noticiosa soviética TASS. «Sinto-me feliz por ter deixado a trás, de uma vez para sempre, este pesadelo», disse Lokshin, a quem as autoridades soviéticas concederam asilo político, de acordo com a TASS. O cientista norte-americano chefiou até Setembro último os serviços de investigação sobre o cancro do Hospital de São José de Houston, no Texas, informa o despacho da agência soviética.

1886 • 1986
CENTENÁRIO DO MUNICÍPIO

CÂMARA MUNICIPAL DE LOURES
Serviços Municipalizados de Habitação

AVISO
«CONCURSO PARA ATRIBUIÇÃO, POR VENDA, DO FOGO SITO NO EDIFÍCIO 12 — 7.º PISO LETRA A — CIDADE NOVA — SANTO ANTÓNIO DOS CAVALEIROS»

Para os devidos efeitos se torna público que estará aberto concurso por sorteio em conformidade com o Decreto Regulamentar n.º 50 77, de 11 de Agosto pelo prazo de 15 dias (desde 13 a 27 de Outubro de 1986), para atribuição por venda de um fogo Tipo T2, sito no edifício acima referenciado, pelo preço de 2 426 889\$00 (dois milhões, quatrocentos e vinte e seis mil, oitocentos e oitenta e nove escudos)

- 1 — O pedido de admissão ao sorteio e feito mediante requerimento dirigido ao sr. Presidente da Câmara, acompanhado de documento comprovativo do pagamento da caução de 5%.
- 2 — Os concorrentes devem possuir rendimento mensal por cabeça de valor situado dentro dos limites mínimos e máximos previstos no quadro seguinte e definidos em função do salário mínimo mensal nacional.

N.º de pessoas do agregado familiar	Rendimento mínimo mensal (por-capita)	Rendimento máximo mensal (por-capita)
1	33 750\$00	90 000\$00
2	22 500\$00	56 250\$00
3	18 000\$00	39 375\$00
4	16 200\$00	33 750\$00

3 — O Programa do Concurso donde constarão todas as condições respeitantes ao mesmo estará afixado nos Serviços Municipais de Habitação desta Câmara onde poderá ser consultado dentro das horas normais de expediente

LoURES, 26 de Setembro de 1986

O Vereador do Pelouro
Duarte Nuno Alves Curimaco Pinto

Serviço de Informação e Relações Públicas (tel. 983 00 12)

Amadora: Estrela maior vai dominando o céu

Neves de Sousa (texto)

Rui Pacheco (fotos)

Já foi marginalizada como simples dormitório de quem labutava por fora. Hoje, com oito freguesia e mais de 250 mil habitantes, vivendo o 7.º ano de existência como cidade e senhora de aspirações sem corte à vista, Amadora orgulha-se de possuir uma das colectividades desportivas de maior património por estas bandas: mais de um bem contado milhão de contos, vida sadia, sonhos bem cimentados em realidades.

Há dez anos eram 680 os associados: rondam agora os 12 mil. De uma situação verdadeiramente dramática (falência da ordem de milhares de contos) saltou-se para quotidiano próspero e desafogado. Como?

Embora tendo sido fundada a 22 de Janeiro de 1932, bem poderá saltar-se no tempo até encontrar o Clube de Futebol Estrela da Amadora já entregue a um homem nascido na terra há 35 anos, sócio (n.º 129) do emblema que tem casa no 67 da Rua General Gomes Freire. Cidadão que, quando entrou no gabinete da direcção, trocou lugar com quem já queria entregar as chaves do Estrela no Governo Civil. Amadorenses que trabalham diariamente até às cinco da manhã, casado com D. Natália («que quando o chefe joga fora passa três horas a rezar e a pôr velinhas nos seus santos»), pai de dois filhos «o Gonçalo, mais novo, que está na claqué do Estrela, e o Artur, que também é fanático pelo clube»), um proprietário de joalharia que se chama João José da Conceição Gomes e, desde 1976, implantou uma autêntica revolução nos tradicionais métodos de gestão de agrupamentos desportivos, um propósito que foi ratificado na última assembleia geral dos «estrelinhas» (em Julho) quando a sua lista directiva bateu largamente uma concorrência que era liderada por José Ferreira Salvado.

Não obstante o clube não ter ainda atingido o mais alto esca-

lão de futebol nacional (com António Medeiros esteve a um passo do salto decisivo) o certo é que o erário do seu standarte, a capacidade financeira e desportiva, todos os projectos que vão ganhando razão e certeza pesaram a favor de José Gomes: e aí o temos, sem papas na língua, lembrando que, antes do «25 de Abril», havia uma cooperativa estudantil sediada no Estrela da Amadora que a PIDE deitou abaixo: em troca logo surgiu uma escola gratuita onde José Gomes inoculou força e alma para prosseguir a luta.

— Hoje, não temos um só problema político com quem quer que seja.

De braços abertos a quem chega

José Gomes: um presidente que muitos dos amigos consideraram como viajando entre o topo do «lunático» ou do «maluco» mas, hoje, já sabem que pode estender, em bandeja de ouro, o trabalho realizado.

— O Estrela da Amadora é proprietário disto tudo!

Estou na janela de uma sede moderníssima, edifício que vai crescer até ao 8.º andar, escritura a celebrar-se esta semana com a edilidade. Estádio relvado, (105x68 metros), capaci-

dade para 20 mil espectadores, iluminação a caminho do óptimo e campo de treinos a consolidar-se junto à linha de caminho-de-ferro. Instalações do mais bem apresentado que tenho visto cá por casa: posto clínico, lavandaria, secretaria, salas para os departamentos que orientam as modalidades praticadas no clube (futebol, ténis de mesa, boxe, esgrima, karaté, râguebi, pesca e ginástica), cabinas para atletas e árbitros, bar-convívio, salão para a imprensa com ampla visão panorâmica sobre o estádio. E, obviamente, o reino do bingo, num conjunto de salão e serviços de apoio que é considerado o maior da Europa. Com um pormenor: a família que quiser ir jogar pode deixar os seus filhos mais pequenos ao cuidado de uma funcionária do Estrela em anexo onde os brinquedos e a música animam as criancinhas.

— O clube tem 187 empregados e, apenas em água, gasta 300 e tal contos por mês. Estamos com o olhar virado para o futuro: queremos construir um pavilhão polivalente com capacidade para 5000 espectadores.

Desejamos ampliar o leque das disciplinas desportivas praticadas no Estrela: mas é necessário um trabalho de fundo, porque

não é nosso intuito começar qualquer obra sem a concluir. Note-se que, só no futebol, já nos apareceram mais de 600 miúdos que vieram experimentar habilidades: por alguma razão os juniores, os juvenis os iniciados e os infantis estão na 1.ª divisão distrital.

José Gomes anima-se:

— Em relação aos futebolistas seniores, fechámos contrato publicitário com a Tudor. Esta época recebemos 5000 contos: na próxima, mesmo que o «team» não suba para a divisão de honra, embolsaremos 7000 contos. Quatro torres de iluminação estão prestes a ser inauguradas. Todavia, a nossa principal preocupação é criar estruturas para o clube ir crescendo cada vez mais: sem nunca desanimarmos (ou abrandarmos) no apoio a todas as camadas juvenis. Arrancámos para a prática da ginástica gratuita e extensiva a todos quantos transpuserem a nossa porta, até ajudando na alimentação e nos transportes a quem necessitar. Prevalece, no Estrela da Amadora, o espírito desportivo e social: não nos interessa somente ganhar campeonatos mas (sobretudo) erguer condições para a prática desportiva alargadas a toda a gente que, até por carência de meios financeiros, não tem podido cultivar qualquer campo desportivo. Somos um clube onde quem não tem dinheiro é também recebido de braços abertos: ainda há pouco começámos com as aulas de karaté e já temos imensos praticantes. E é isso que nos dá prazer.

José Gomes: dez anos ao leme do Estrela da Amadora é homem de infundáveis projectos e nunca travados anseios. Durante muito tempo foi considerado um visionário: hoje, sabe-se que o presidente do maior clube da Amadora é cidadão com os pés assentes na terra e gestor de 1.ª classe. «Ajudei a erguer o bingo do Belenenses e sei que também o meu amigo Mário Rosa Freire está de acordo: com esse auxílio, os clubes podem desenvolver mais airoso e a sua missão específica para com a sociedade».

Equacionados árbitros de Setúbal

Lá está pessoal a trabalhar no campo para treinos, na limpeza e tratamento de toda a área patrimonial do Estrela. A luz que vai surgindo. E, nos baixos da bancada, já delineados pavilhões, 18 lojas e apartamentos. Uma área coberta de 2200 metros que será altamente rentável para o clube que tem uma média mensal de encargos da ordem dos 12/13 mil contos, superior a uma média empresa.

— Podíamos dizer: neste momento, quase não temos possibilidades de admitir mais associados, face a um estádio

que terá de ser ampliado se conseguirmos voar até alto. Temos uma massa de adeptos que é infatigável no apoio à nossa equipa: isso mesmo se comprovou no ano passado, quando da «Taça de Honra» de futebol, no Restelo, um estádio que bem ajudámos a encher. Prossegue o presidente amadorenses:

— A nossa turma futebolística (digo-o com pontinha de vaidade) é integrada por excelentes profissionais. Porém, no campeonato da 2.ª divisão e especialmente na zona que nos toca, há um grande óbice: respeitando toda a competitividade, entendemos que está a



Entre o adjunto António Laranjeira e o técnico Fernando Cabrita, o «plantel» do Estrela da Amadora, concorrente à Zona Sul do Campeonato de Futebol da 2.ª Divisão

Neles mora a esperança de uma cidade

O conjunto futebolístico do Estrela da Amadora integra 25 profissionais: Melo e Valter (guarda-redes); Simões, Patan, Coelho, Chumbo, Fernando Marques, Trindade, Mota, Quaresma e Avelino (que veio da Venezuela), como defesas; Né-

son Borges, Rosário, Nascimento, Salvado, Jesus, Vítor Paulo, Pedro e Isima (médios); Norton de Matos, Rui Palhares, Joel, Abadia, José Maria e Rui Lopes (dianteiros).

Treinado por Fernando Cabrita (que tem como adjunto Antó-

nio Laranjeira e como preparador físico o professor Elísio Gouveia) o «onze» tem ao seu serviço um Departamento Médico com os médicos drs. João Pedro de Oliveira e Castela e, também, os massagistas Mário Veríssimo, António Fontes, Val-

ter Pacheco, Horta de Brito e Matos André. À frente do bloco está o dirigente José Hernando, em ligação directa com outros vice-presidentes: Arnaldo Nascimento (administração) e Aníbal Duarte (desporto). E, já agora, seja lícito acrescentar que,

para que o estádio tenha a relva num brinquinho, é fundamental salientar o labor de António Guilhas e Abel Gomes.

Os atletas têm (basicamente) contratos por dois anos, dizendo-se que auferem ordenados que poucas turmas da 1.ª divisão

suportariam: «o que posso afirmar» (diz José Gomes, sem confirmar ou desmentir que há jogadores a cobrarem 500 contos ou que Fernando Cabrita anda na casa dos 700) «é que todos estão satisfeitos e a equipa é remunerada em função do seu valor».

ser dada uma imagem de interesse geral pela subida do Vitória de Setúbal em detrimento das nossas possibilidades. Parece que foi criado um ambiente propício para Setúbal voltar ao 1.º escalão, recordando que também ainda há pouco quase toda a Comunidade Social também batia numa tecla: «Belenenses e Marítimo não podem ficar na 2.ª divisão». E não ficaram.

«A partida, este pensamento de grande parte da motivação do nosso campeonato estar a ser cingida em torno de Setúbal é um obstáculo que temos de vencer em campo: daí que já tenhamos apresentado ao Conselho de Arbitragem da Federação de Futebol solicitação para não termos árbitros setubalenses a dirigir os jogos em que actuemos. Estamos bem lembrados daquilo que aconteceu nos Açores (encontro com o Lusitânia) quando esteve lá Ezequiel Feijão. E do encontro com o Oriental, que teve como árbitro José Garcia. Por isso, queremos que o fiel da balança seja o mais neutral possível: e, depois, confiar em que a subida pertença a quem mereça e o justifique no terreno de jogo.»

Pavilhão no horizonte

Continuando a falar de futebol: — Mantemos as melhores relações com todas as colectividades. Ainda agora temos marcados jogos particulares com o Sporting da Covilhã (12 de Outubro e 1 de Novembro), na hipótese de sairmos da Taça de Portugal também planeamos encontros com o Belenenses e com o Vitória de Guimarães e, na última época, o Torneio de Competência não deixou aproveitar convites de França e de Espanha, o que bem poderá acontecer que se concretizem esta temporada.

Lá em baixo, a caminho do pontapé na bola (A VISIONAR PELO TREINADOR José António) passa miudagem: pertencem aos «Linces» e aos «Comandos», fazem parte das falanges de apoio do Estrela. Na sala da direcção, José Gomes vai contando: «Para os tais oito andares, são precisos cerca de 34 mil contos, mas a prioridade é (mesmo) para um pavilhão que nos custará mais de 1200 mil contos e que, em 1971, não ficaria por mais da décima parte. Desta vez, o Montepio Geral vai ajudar, com um empréstimo reembolsável em sete ou oito anos. No pavilhão, ficarão acoplados quatro escaecimentos comerciais, uma sala de convívio e um restaurante-cervejaria que será o mais amplo de toda a Linha de Sintra. Pena que a nossa Câmara municipal não disponha de verba para auxiliar o Estrela, mas compreendemos perfeitamente que um hospital tem palavra muito mais imediata: e a edilidade, querendo ajudar a cidade, luta com muitas carências».

Fazendo agulha para outro rumo, comenta o homem-forte do Estrela:

— A oposição, aqui, no nosso clube, só apareceu quando a situação era perfeitamente sólida. Porque (repito) não devemos um centavo a quem quer que seja e todos os nossos compromissos são liquidados na data prevista. Quem atira a primeira pedra?

Fernando Cabrita: o técnico da subida?

Fernando Cabrita: antigo avançado-centro da selecção portuguesa e ainda técnico-seleccionador nacional, está (aos 62 anos) no comando técnico do «team» do Estrela da Amadora. Como anda o futebol?

— A 1.ª divisão está a sofrer com a invasão de muitos jogadores estrangeiros e, em termos de futuro, isso vai ser pernicioso para a subida de miúdos com possibilidades, que todos os dias aparecem nos grandes clubes.

«Técnica e taticamente, é evidente que o futebol tem evoluído, sempre com novas xgias motivações. E, em matéria de treinadores que têm ultimamente, passado pelo nosso país, quero alentar Eriksson (que marcou bem a sua presença) e Barotí (conhecido a ní-

vel mundial e fabulosamente cotado: até tenho teses apresentadas segundo as suas indicações). E saliento especialmente Barotí porque foi elemento preponderante em dois cursos que frequentei no estrangeiro. Mas quero distinguir, na nova fornada o brasileiro Marinho Peres, que não coheço de perto mas, pelo modo como erma-do-oVitória de Guimarães, mostra que sabe do ofício e pode ensinar lito fubolistas.

«Quanto a jogadores, merece realce ter em os o mexicano Negrete (com a dúvida de não imaginar como irá reagir a marcações implacáveis e ao jogo em terrenos enlameados), Paulinho Cascavel (outro bom jogador, goleador com belas provas dadas) e o meu pupilo

Nélson Borges, que é autêntica e indesmentível primeira figura do nosso futebol.»

Fernando Cabrita fala depois de revelações, pelugo:

— A prova é de que na 2.ª divisão existem futebolistas óptimos encontra a melhor expressão no belenenses Silvério, vindo do Santiago de Cacém. Ele, tal como outros atletas já destacados, não acusam a mais pequena inferioridade por saltarem para o escalão principal, com novas exigências e implicações. Aliás, estou em crer que uma selecção exclusivamente com jogadores da 2.ª divisão era capaz de (até) vencer um conjunto de 1.º grupo, porque se está a trabalhar muito bem no escalão secundário e, por aqui, há muitos elementos que merecem ser



Fernando Cabrita, António Laranjeira e Júlio António: três vontades ao serviço do Estrela da Amadora, em conversa com o «DL»

convenientemente observados pelos responsáveis pelas selecções. Seria mesmo um estímulo para a prova secundária.

Saltillo; forçosamente uma questão no ar:

— Vamos ser realistas: sou um acérrimo defensor da disciplina, mas (neste momento) entendo que é conveniente atirar tudo para detrás das costas. Quando aconteceram atritos

na nossa delegação, deveria ter surgido um imediato exame da situação. Assim, deixando correr os meses, estamos a perder

tempo: o nosso futebol não pode suportar situações deste estilo. E, para quem bem me entender, pergunto: a quem uma vez prevaricou nunca mais se concede uma oportunidade para redenção?

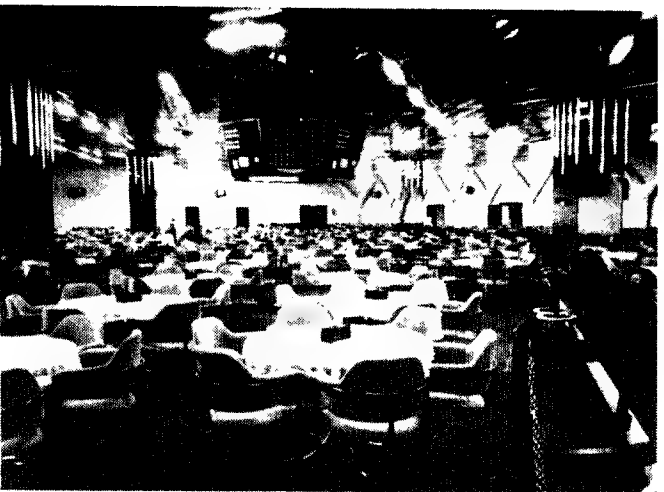


Objectivo: crescer

Júlio António, excelente Relações Públicas do Estrela da Amadora, mostrou (com natural vaidade) todas as instalações do clube ao jornalista.

— Foi um salto espantoso: do quase anonimato para o galarim. Com 54 anos de idade, o Estrela vai tentar, pela

3.ª vez, o pulo até à principal divisão do nosso futebol. Mas esse não é objectivo único: ampliar o nosso património e cada vez registarmos maior número de praticantes desportivos é o traço fundamental de visão da direcção presidida por José Gomes.



O Bingo? É uma magnífica ajuda e, aqui para nós, desde que nasceu (clandestinamente) tem sido uma ótima fonte de receita: com o dinheiro que daí nos chegou construímos posto médico, ginásios e a maioria das infra-estruturas do Estrela

Luís Norton de Matos: um aristocrata neste futebol

— Tive uma opção ao verificar que não ficaria no Belenenses. Confesso que foi com surpresa que soube da decisão de Depireux em me afastar: mas saí do Belenenses de cabeça erguida e louvando todos quantos estão contribuindo para relançar o clube nas grandes andanças. Entendo que fui «utilizado» pelo treinador mas não o quero copiar, embora talvez enverede pela carreira de técnico: até já recebi convite de um clube da 2.ª divisão, com possibilidades de subir, mas preferi continuar jogando, porque isso é a minha paixão.

Luís Norton de Matos: «internacional», professor de Educação Física, jornalista, um homem bastante culto e uma personalidade que já foi apontada para a liderança dos profissionais do jogo-rei. No íntimo, certa mágoa para com o belga que dirige o Belenenses, de há um tempo a esta parte:

— Fez-me um mundo de promessas antes de assinar contrato com Belém: depois, já me dizia que eu só poderia ficar como tradutor, dois ou três joguinhos na 1.ª categoria e o resto do tempo a preparar a rapaziada mais jovem. Entendi que, perante uma proposta do Estrela da Amadora, não poderia hesitar: o clube e eu temos ambições. Estou com 32 anos, nas minhas férias sempre pratiquei o ténis e fiz «footing», nunca descurei a minha condição de profissional respeitador de todas as coordenadas das suas cláusulas contratuais e, mais que isso, as leis que a minha própria consciência me dita. Pretendo jogar ainda duas épocas: se conseguir ajudar o Estrela a subir, será óptimo. Caso contrário, tomarei outro rumo: embora sempre ligado ao futebol.

Norton salienta que também o técnico Fernando Cabrita tem a

sua aposta colocada na Amadora:

— É um desejo comum a toda a cidade. Estive para abandonar o futebol antes de António Medeiros e José Gomes me convidarem: a seguir, mais que tudo, encarei com muito optimismo as condições de trabalho que me eram colocadas e as estruturas do clube. Se fosse só por mercenarismo, comprometia todo o meu passado e ficava exposto a que me envolvessem numa teia de onde seria difícil sair para explicar porque tinha optado por uma colectividade de 2.ª divisão, que poderia pôr em xeque tudo o que realizei de bom.

Afirmo-o a pés juntos: toda a minha carreira foi feita de apostas sucessivas. Nunca tive medo: e, aqui, o ambiente agrada-me, as pessoas que estão directamente ligadas ao clube são verticais. Por isso me considero englobado na aposta comum: como o futebol é universal (e embora jogue que na 1.ª divisão é mais fácil jogar bom futebol) não me impressiona actuar perante duas ou oito mil pessoas, tal como nunca fiquei perturbado por ver 20 ou 80 mil ao meu redor. O fundamental é que continue a acordar todos os dias como

hoje: de consciência limpa.

Um comentário:

— Com a invasão de estrangeiros (na maioria de fraco nível) a que temos assistido, ficam muitos jovens com a carreira travada. Antigamente, a praga era outra: em 1981, havia seis campos «pelados» no 1.º escalão e, só nesta zona do 2.º grupo, sete estádios sem relva. Agora, o problema é diferente...

«Enfim: é necessário ter mentalidade adaptada às circunstâncias: e o que basicamente me interessa é que o Estrela suba. Para isso é fundamental que todos nós everguemos fatomacaco e, sem travarmos perante acidentes de percurso, logremos esse objectivo. Temos um 'plantel' com boa percentagem de jogadores que possuem conhecimento da 1.ª Divisão, alguns 'internacionais' e uma vontade geral em marcarmos posição: hoje, já não se jogando apenas por amor às camisolas, é obrigatório que se justifique o nosso 'cachet'».

Norton de Matos: fluente e supermotivado. Novamente com a esperança de braço dado:

— Assisto a uma belíssima melhoria na classe dos jogadores de futebol, que já querem saber o porquê de certos traba-

(Continua na pag. 16)



Norton de Matos e Fernando Cabrita: apostas comuns

lhos físicos, de exercícios no campo à musculação no ginásio. Que já cuidam da sua alimentação, que tentam valorizar ao máximo a sua rentabilidade em cada espectáculo em que participam, que sabem que todo o seu futuro depende daquilo que forem fazendo ao longo do tempo.

«O País, a nível governativo, tinha obrigação de possuir um curso de treinadores que não se cingisse a meia dúzia de dias. Sem colocar em causa quem quer que seja, sem bulir minimamente com a honestidade de cada um, penso que é obrigatório olhar para o que se faz no estrangeiro e notar que é preciso um nível melhor de cultura do que aquele que possui grande parte dos nossos técnicos. Por cá, os cursos que se vão desenrolando não preparam suficientemente os profissionais que querem enveredar pelo treino de equipas de categoria.»

Norton de Matos: também director da revista «Foot», um be-

líssimo piparote no marasmo quase cíclico da nossa Imprensa desportiva.

— Penso que a minha dupla actividade (jogador/jornalista) não é colidente, porque estou preparado para ver o futebol sob a duas ópticas. Sem desejar comparações, também Maradona está em negócios paralelos, como Platini e outros «astros» estrangeiros. O problema da colisão só se colocava se um futebolista não tivesse muito tempo livre fora da sua preparação e do trabalho ao serviço do clube: em lugar de frequentar cafés, ir para os copos ou jogar as cartas, preferi criar a «Foot». Estou no mundo de que gosto.

Norton de Matos: aqui há tempos, fractura do nariz. No último domingo, perante o Olhanense, num lance com o algarvio Herculano, queda e lesão no braço esquerdo.

— Um mês parado, astante sofrimento, momento u. Mas, vai passar: voltarei rapidamente porque não quero perder nenhum degrau da subida do Estrela da Amadora.



De uma família de grandes tradições e muito respeito, Norton de Matos apaixonou-se pelo futebol. Ao princípio, foi o bom e o bonito, lá por casa: hoje, é admirado pela consciência profissional e pelo talento espelhado ao longo de um bonito «palmarés». «Acima de tudo, jogo futebol por paixão» — afirma

Modalidades

Basquetebol no Algarve

Numa organização do Imortal de Albufeira, que conta com a colaboração do Hotel Montechoro, vai realizar-se nos próximos dias 10 a 12, a 6.ª edição do Torneio Imortal/Montechoro, a ter lugar no pavilhão do clube promotor. Os jogos terão início no dia 10, pelas 20 horas e 30, com as formações do F.C. Porto e Sporting/«Correio da Manhã», seguindo-se a partida entre o Imortal/Montechoro e o Barreirense/Pão de Açúcar. No sábado, será a vez de se defrontarem, as equipas do Barreirense/Pão de Açúcar e o F.C. Porto, bem como o Sporting/«CM» e o Imortal. O torneio termina no dia 12, com os jogos Sporting/«CM» Barreirense/Pão de Açúcar e Imortal/Montechoro - F.C. Porto, às 17 e 18 horas, respectivamente.

Homens de força

Jorge Soares (categoria de 75 quilos) e Francisco Coelho (100 quilos), são os atletas portugueses que vão estar presentes no Campeonato do Mundo de Halterofilia, que se realiza entre 8 e 15 de Novembro em Varna, na Bulgária. A delegação nacional (que para além dos dois atletas incluirá treinador e psicólogo), parte para a Bulgária no dia 26, indo efectuar no período que antecede a competição, um estágio de preparação junto da selecção búlgara.

Farense: Moraes disse não

Na pior posição do Campeonato Nacional de Futebol da 1.ª Divisão, o Farense contratou o futebolista peruano German Leguia, antigo jogador do Elche (de Espanha). German Leguia (28 anos) — é médio de ataque, sendo considerado um jogador veloz e dotado de uma grande capacidade física.

O peruano, que já treinou com os seus novos colegas, teve de jogar de sapatilhas em virtude de o clube não possuir chuteiras com o seu número: 44. Leguia foi considerado (há duas épocas em Espanha) o segundo melhor futebolista estrangeiro, logo a seguir a Bernd Schuster, que actuava no Barcelona.

O novo jogador farense agradou no seu primeiro treino aos responsáveis algarvios, sendo assim o quarto estrangeiro que passa a estar ao serviço do clube. O Farense já tem ao seu serviço o espanhol Fortes, o inglês Peter e o caboverdiano João Cabral, que não conseguiu ainda adquirir a nacionalidade portuguesa.

Entretanto uma certeza: António Moraes declinou o convite para ir treinar o Farense, por entender não estarem reunidas condições de trabalho com o actual «plantel». Desfazem-se, assim, as notícias apressadamente propaladas em certos sectores da Informação que, sem qualquer base, tinham dado como António Moraes já com compromisso firmado com o Farense e, inclusivé, dando palpites sobre jogadores que deveriam ser contratados ou dispensados.

Estoril - Farense

Entretanto, o Estoril-Praia e o Farense, defrontam-se no próximo sábado às 15.30 em encontro particular de futebol, aproveitando a paragem do «Nacional». O referido encontro tem lugar no Campo «António Coimbra da Mota», na Amoreira e as duas formações vão apresentar-se na máxima força.

No domingo, às 11 horas, o Campo «António Coimbra da Mota» volta a servir de palco a um jogo, desta feita na categoria de juniores, entre o Estoril-Praia e o Belenenses, a contar para o respectivo Campeonato Nacional.

Barreirense convida Cajuda

O Barreirense está interessado nos serviços do treinador Manuel Cajuda para orientar o futebol do clube, após a rescisão com Manuel de Oliveira. Em Olhão, Manuel Cajuda foi (de imediato) convidado pela direcção do Barreirense que fez deslocação ao Algarve uma delegação representativa, a fim de encetar negociações com o jovem técnico.

Cajuda mostrou-se receptivo ao teor do convite, face aos objectivos apresentados pelo clube do Barreirense, para um regresso breve à 1.ª divisão do futebol português. A eventual desvinculação de Cajuda do Olhanense poderá acontecer por duas vias: acordo entre os dois clubes ou

por incumprimento de algumas cláusulas contratuais.

Cajuda assumiu (na época passada) a orientação do futebol do Olhanense, alcançando resultados acima dos previstos. Esta temporada (e no presente campeonato) após cinco jornadas regista duas vitórias em casa e dois empates fora, tendo apenas perdido em Sacavém, por 1-0.

Mais um

Outro brasileiro no futebol português: chama-se Salomão, é médio de ataque, tem 22 anos, pertenceu ao Internacional de Limeiro e, depois de ter sido recusado no Estádio da Luz, tomou o rumo do Algarve.

Reservas lisboetas

Jogos para o campeonato lisboeta de reservas: Sacavenense 1-Sporting, 0; Belenenses, 7-Estrela da Amadora, 0; Torreense, 0-Atlético, 0 e Benfica, 4-Oriental, 0. O Belenenses e o Sporting comandam a tabela pontual.

Atenção, Sporting!

O Barcelona, adversário do Sporting na Taça UEFA, empatou (1-1) no terreno do seu rival Real Madrid, em encontro da 8.ª jornada do campeonato espanhol de futebol da 1.ª divisão. Com este empate, o Barcelona manteve a liderança do campeonato: com 12 pontos, correspondentes a quatro vitórias, quatro empates e zero derrotas, com um «goal-average» de 17 marcados contra nove sofridos. A turma catalã tem um ponto de avanço sobre o Real Madrid e Atlético de Madrid, que partilham o 2.º lugar da geral.

O Barcelona abriu o activo logo aos seis minutos por intermédio de Pedraza, tendo o Real Madrid igualado (1-1) antes do intervalo (aos 29) através de uma grande penalidade convertida pelo mexicano Hugo Sanchez.

Sob arbitragem de Urizar Azpitarte, que mostrou o cartão amarelo a Victor Hughes, Butragueno, Gerardo e Valdano, as equipas alinharam:

Real Madrid: Buyo; Chendo, Mino (lesionado aos 4 minutos e substituído por Solana), Gallego, Camacho; Michel, Sanchis, Valdano e Gordillo; Butragueno e Hugos Sanchez.

Barcelona: Zubizarreta; Gerardo, Migueli, Moratalla, Julio Alberto; Pedraza (Urbano, 74 m), Victor, Roberto e Estaban (Marcos, 60 m); Hugues e Lineker.

Espanha: campeonato

Outros resultados da 8.ª jornada do campeonato espanhol: Atlético de Bilbao - Maiorca, 2-1; Valladolid - Santander, 2-0; Gijon - Saragoça, 2-0; Múrcia - Real Sociedad, 1-2; Sabadell - Atlético de Madrid, 0-2; Sevilha - Cadiz, 0-0; Espanhol - Osasuna, 1-0 e Las Palmas - Bétis, 0-0.

Classificação: 1. Barcelona, 12 pontos; 2. Real Madrid, 11; 3. Atlético de Madrid, 11; 4. Espanhol, 10; 4. Gijon, 10; 6.

Valladolid, 10; 7. Maiorca, 9; 8. Atlético de Bilbao, 9; 9. Saragoça, 8; 10. Cadiz, 8; 11. Bétis, 8; 12. Real Sociedad, 7; 13. Las Palmas, 7; 14. Sevilha, 7; 15. Osasuna, 7; 16. Santander, 5; 17. Sabadell, 3; 18. Murcia, 2.

O Sabadell, apesar de ter efectuado um bom jogo, foi derrotado (0-2) pelo Atlético de Madrid. Os golos do Atlético (próximo adversário do Vitória de Guimarães para a «Taça UEFA»), foram marcados por Landaburu, (aos 68 minutos) e Marina (aos 73).

O Sabadell perdeu frente a um Atlético madrileno muito mais tecnicista e rápido no contra-ataque: e, embora os donos da casa tenham jogado mais e melhor do que o seu adversário no 1.º tempo, não foram capazes de aproveitar as oportunidades de gol criadas, devido ao nervosismo dos seus dianteiros.

As equipas:

Sabadell: Capó; Saura, Calayeta, Ordoki e Zunzunegui; Perico, Alonso, Nacho e Sala; Lino, Ferreira e Hicks.

Atlético de Madrid: El-duayen; Tomas, Quiken Ramos, Artech e Ruiz; Setien, Julio Salinas, Julio Prieto e Uralde; Landaburu e Marina.

Itália vence Grécia

Dois golos de Bergomi deram a vitória (2-0) da Itália frente à Grécia, em encontro particular disputado em Bolonha.

A selecção italiana actuou dirigida pela primeira vez pelo novo treinador, Azeglio Vini (de 58 anos) após o «Mundial» do México, em que os transalpinos tiveram comportamento modesto, substituiu Enzo Bearzot.

Os golos da selecção italiana, na qual apenas alinharam três dos jogadores que estiveram no México (Bergomi, De Napoli e Altobelli) foram apontados pelo mesmo Bergomi.

Escócia: campeonato

Resultados da Jornada do campeonato escocês: Celtic-Hearts, 2-0; Dundee United-Motherwell, 4-0; Falkirk-Aberdeen, 3-3; Hamilton-Dundee, 0-3; Hibernian-Clydebanks, 3-2; St. Mirren-Rangers, 0-1.

Algarve

A Associação de Futebol de Faro anunciou a distribuição de diversos subsídios de deslocação e de auxílio e apoio ao futebol juvenil, contemplando um vasto leque de clubes seus filiados, num total superior a dois mil e duzentos contos.

No capítulo de subsídios de deslocação relativos à época de 1985/86, abrangendo as categorias de infantis, iniciados, juvenis e juniores, foram distribuídos 704.600 escudos a 27 clubes, cabendo o maior «bolo» ao Lusitano de Vila Real de St.º António, com 31.450 escudos e o menor ao Grupo Desportivo da Torralta, com três mil e cem escudos.

O montante relativo a categoria de infantis, totalizando 81.700 escudos, foi suportado pela Direcção-Geral dos Desportos.

INSTITUTO DE LÍNGUAS DE ALGÉS

Av. dos Bombeiros Voluntários, 29-2.º — ALGÉS
Telefone 410 29 10

INGLÊS — FRANCÊS — ALEMÃO
PORTUGUÊS PARA ESTRANGEIROS

MATRÍCULAS ABERTAS DAS 10 ÀS 12 H.
E DAS 16 ÀS 21 H. EXCEPTO AOS SÁBADOS

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE MAFRA ANÚNCIO

No dia CINCO DE NOVENO DE 1986 pelas CATORZE HORAS, no Tribunal desta comarca, nos autos de carta precatória com o n.º 246/86 da 1.ª Secção, vindas da 2.ª Secção do 1.º Juízo do Tribunal Judicial da Comarca de Ovar, extraídos dos de Execução de Sentença com o n.º 83-B/80, em que é Exequente FOPIL — FABRICA OVA-RENSE DE PLÁSTICOS INDUSTRIAIS, Lda, e Executado JOAQUIM AUGUSTO REIS, residente no lugar do Barri, Encarnação, Mafra, não de ser postos em praça para se arrematarem ao maior lance oferecido, acima do valor indicado nos autos, diversos utensílios.

Mafra, 1 de Outubro de 1986

A JUIZ DE DIREITO (Illegível)

O ESCRIVÃO DE DIREITO (Illegível)

«DL» — 8/10/86 — 1.ª Pub.

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA 13.º JUÍZO ANÚNCIO

Por este Tribunal correm éditos de trinta dias, que começarão a contar-se da segunda e última publicação do presente anúncio citando os réus JOÃO MACHADO VAZÃO DE ALMEIDA e mulher, MARIA ISABEL VELEZ FERNANDES VAZÃO DE ALMEIDA para no prazo de vinte dias, findo o dos éditos, contestar querendo a acção, na qual a Autora ADELAIDE DAS DORES FERREIRA PRATA pede a sua condenação a pagarem-lhe a quantia de 555 666\$00 e legais acréscimos, tudo como melhor consta do duplicado legal da petição que se encontra à sua disposição na Secretaria deste Tribunal, Acção ordinária n.º 10597 1.ª Secção, Autor Adelaide das Dores Ferreira Prata, residente na Av. Padre Bartolomeu de Gusmão, 23-D, na Damaia, Réu JOÃO MACHADO VAZÃO DE ALMEIDA e mulher, MARIA ISABEL VELEZ FERNANDES VAZÃO DE ALMEIDA, com última residência conhecida na Av. Bartolomeu de Gusmão, 38-3.ª Dto, na Damaia.

Lisboa, 1 de Outubro de 1986

O Juiz de Direito,

a) Joaquim Dias

Pel' O Escrivão de Direito,

a) Henrique Duarte Coelho

«DL» — 9/10/86 — 2.ª PUB

Jaime Afra - Antiquidades

Comunica a Reabertura após férias e obras de ampliação da loja na

Rua D. Pedro V, 49 • Tel. 32 84 41 • Lisboa

Asas Delta vão voar entre Tires e Sintra

No próximo fim-de-semana o Aeródromo Municipal de Cascais (em Tires) vai ser o cenário do 1.º Grande Prémio U. L. M. e do Primeiro Festival de Ultraleiros da Costa do Estoril e Sintra. Trata-se de uma competição de aparelhos tipo asa-delta motorizados, com peso até 150 quilos, excluindo o piloto.

Estão já inscritos 19 concorrentes, que participarão em diversas competições, entre as quais aterragem de precisão, lançamento de mensagens e descolagem curta. A prova mais importante para o grande prémio é a de velocidade.

Em jogo estão vários cristais de Alcobaça, a distribuir aos três primeiros classificados nas diversas competições. Para todas, o percurso é o mesmo: de Tires à Base Aérea de Sintra (ida e volta). Além da competição, vão processar-se no Aeródromo várias actividades paralelas. Pelas oito horas de sábado e domingo será lançado um balão. Em seguida, decorrerão vários exercícios de acrobacia em asa-delta para os quais foi convidado o campeão francês, que fará uma demonstração em asa-delta rebocado.

Karaté algarvio sem apoio regional

Mais de uma centena e meia de atletas de ambos os sexos, com idades compreendidas entre os 11 e os 35 anos, participam no próximo dia 11 no 1.º Torneio Internacional de Karaté da Cidade de Lagos. O programa da competição, que decorrerá no pavilhão da Escola Secundária Número Dois, de Lagos, abrangerá um desfile e apresentação das dez equipas participantes, eliminatórias e finais para todos os estilos da modalidade.

Para além de equipas de Lisboa, Porto, Beja e Algarve, estarão presentes no torneio duas formações de Inglaterra, em representação do «Clube Ishin-Ryu», da cidade de Jersey.

Um técnico responsável do Clube de Karaté de Lagos (enti-

Basquetebol

Sanjoanense ficou fora da Europa

A equipa da Sanjoanense sofreu, em Bruxelas, uma pesada derrota (92-48) frente aos belgas do Maccabi, no jogo da 2.ª «mão» da 1.ª eliminatória da «Taça Korac», em basquetebol. A equipa portuguesa, que no encontro da 1.ª «mão» já tinha registado uma derrota em S. João da Madeira, foi eliminada desta competição.

Estoril encesta com iogurte

João Pires é o novo treinador da equipa sénior de basquetebol do «Iophil Estoril» substituindo Mário Albuquerque que, devido a afazeres profissionais, não podia continuar no comando da turma da Costa do Estoril. João Pires foi jogador do clube nas últimas três épocas (tendo anteriormente representado o Algés) e para esta temporada vai também ser inscrito como atleta.

A turma do Estoril que é para a

presente temporada (em que mais uma vez irá disputar o nacional da 2.ª divisão — Zona Sul) patrocinada pelo iogurte «Iophil» e se designará por «Iophil Estoril», conta no seu conjunto com Carlos Conceição, José Barbosa, Armando Coelho, José Paulo, Nuno Correia, Joaquim Oliveira, Carlos Andrade, João Pires e José Filipe, que transitam da época passada. Ingressaram no clube, João Albuquerque e João Fernandes (ambos ex-Atlético) e Artur Duarte (ex-Oeiras), sendo ainda naturais outros esforços.

O «Iophil Estoril» joga pela primeira vez ante o seu público no próximo sábado, dia 11, às 17 e 30, no pavilhão da Juventude Salesiana, em encontro a contar para a 2.ª eliminatória da Taça de Portugal, defrontando o Ate-neu.

Homenagem figueirense

O Ginásio Figueirense, Ova-

rense, Sangalhos e Beira-Mar são as equipas que vão participar no primeiro torneio de basquetebol «O Jogo» que se realiza nos dias 11 e 12 do corrente, na Figueira da Foz. O torneio inteiro se no programa pré-competitivo do Ginásio Figueirense e tem por objectivo homenagear o treinador Luís Dionísio, que está ao serviço do Ginásio Figueirense há cerca de dez anos e conduziu este clube à vitória no campeonato nacional e na Taça de Portugal.

África: Taça

A equipa Cota do Sul será no próximo ano, pela primeira vez, a representante moçambicana na Taça dos Clubes Campeões de África em basquetebol feminino. A qualificação deveu-se à sua vitória frente à turma feminina do Maxaquene, pela marca de 60-58, no jogo decisivo do torneio de apuramento.

Hóquei em patins:

Holanda comanda "BB"

A Holanda comanda o Campeonato Mundial de Hóquei em Patins (Grupo «B») após as suas vitórias sobre a Costa Rica e Moçambique. A 3.ª e 4.ª jornadas, disputadas no Ginásio Olímpico «Juan de La Barrera» (na Cidade

do México) forneceram os seguintes resultados: Holanda - Costa Rica, 36-1; Moçambique - Japão, 6-2; Nova Zelândia - México, 4-3; Alemanha Federal - Austrália, 11-4; Holanda Moçambique - 5-0; Colômbia - Nova Zelândia, 5-1; Austrália - Japão, 11-0. Na 4.ª jornada folgaram México, Costa Rica e Alemanha Federal.

Classificação	J	V	E	D	G	P
Holanda	4	3	1	0	48-6	7
Colômbia	3	3	0	0	28-2	6
RFA	3	3	0	0	24-11	6
Moçambique	4	3	0	1	26-12	6
Nova Zelândia	4	1	1	2	11-17	3
México	3	1	0	2	27-11	2
Austrália	4	1	0	3	21-20	2
Japão	3	0	0	3	3-29	0
Costa Rica	3	0	0	3	2-83	0

Hoje disputa-se a 5.ª jornada que engloba os seguintes encontros: Costa Rica-Japão, Nova Zelândia-Austrália, Alemanha Federal-Colômbia e México-Moçambique. Des-cansa a Holanda.



Hipismo animou o Estoril

Realizaram-se as 3.ªs Provas de Obstáculos Estoril-Sol, que tiveram lugar à noite, frente à fachada principal do Casino, perante grande afluência de público. Jorge Telles, José Manuel Nunes de Carvalho e António Vozzone, (montando, respectivamente, «Real Texas», «Kermess de Vernix» e «Hellios D») triunfaram na prova «Dewar's White Label/Obstáculos em Linha», classificando-se em 4.º lugar António Vozzone com «Utha». Em igualdade, no 5.º posto, ficaram João Chuva e A. Vozzone (com «Jupiter» e «Polemia», respectivamente).

A segunda prova («Poligrupo/Seis Barras»), teve como vencedor João Azevedo e Silva (montando «Laurier Rose») ocupando os quatro lugares seguintes José Manuel Nunes de Carvalho (no «Kermess de Vernix»), António Pereira Coutinho (no «Caeser»), António Vozzone (no «Utha») e ten.-cor. Marinho Falcão

(no «Lato»). O coronel Jorge Mathias presidiu no «júri ao terreno» que incluiu, (ainda), o Major Simões Pereira, José Afonso Palla e D. Maria Ana Carvalho Martins. A «Comissão de recurso» teve como presidente o tenente-coronel Pereira d'Almeida, tendo sido composta ainda pelo brigadeiro Galeano Tavares e por um delegado da Federação Equestre Portuguesa. A direcção de pista esteve a cargo do dr. Carvalho Martins e do eng.º Pedro Dória.

De grande espectacularidade, estas provas nocturnas disputaram-se num bonito cenário e foram um grande atractivo para o muito público que, durante dois dias, não regateou aplausos aos numerosos concorrentes que, com a sua presença, confirmaram a importância que estas provas devem assumir no «Calendário Hípico Nacional».

Tribunal Tributário de 1.ª Instância de Lisboa — 1.º Juízo

ARREMAÇÃO

2.ª Praça

Faz-se público que pelo 1.º Juízo do Tribunal Tributário de 1.ª Instância de Lisboa, no dia 15 de Outubro de 1986, pelas 15 horas, neste Tribunal — Rua Braamcamp, n.º 5-4.º em Lisboa, vão à praça os bens abaixo descritos, penhorados a SOCIEDADE MONTAGEM E ESTUDOS TÉCNICOS, Lda, com sede na Rua da Moeda, n.º 1-1.º Dt.º em Lisboa, no processo de execução fiscal n.º 349/77.

BENS PENHORADOS

Verba única — O direito ao arrendamento e trespasse do 1.º andar direito sala 3 do prédio sito na Rua da Moeda n.º 1 em Lisboa, composto de uma divisão ampla e casa de banho, pagando a renda mensal de 1 643\$00 a que foi atribuído o valor presumível de 500 000\$00 (quinhentos mil escudos) e o respectivo recheio, composto por cinco secretárias e quatro estantes em mau estado, a que se atribui o valor de 750\$00 (setecentos e cinquenta mil escudos); e ainda uma máquina de escrever Olivetti Lina, fabrico inglês não portátil, em razoável estado de conservação e funcionamento, a que se atribui o valor presumível de 750\$00 (setecentos e cinquenta mil escudos).

São citados quaisquer credores, incertos ou desconhecidos da executada bem como os sucessores dos credores preferentes.

Lisboa, 6 de Outubro de 1986

O Juiz de Direito
(João Carlos Dias)

O Lq. Trb.
(F. Lopes)

«DL» — 9/10/86

Tribunal Tributário de 1.ª Instância de Lisboa — 1.º Juízo

ARREMAÇÃO

2.ª Praça

Faz-se público, que pelo 1.º Juízo do Tribunal Tributário de 1.ª Instância de Lisboa, no dia 14 de Outubro de 1986, pelas 10 horas, neste Tribunal — Rua Braamcamp, n.º 5-4.º em Lisboa, vão à praça os bens abaixo descritos, penhorados a CASA ATLANTICA DE VIAGENS, Lda, com sede na Rua Capelo, n.º 4-A em Lisboa, no processo executivo n.º 229/83.

BENS PENHORADOS

Verba n.º 1 — O direito ao arrendamento e trespasse do R/Chão-A estebelecimento comercial, que faz parte do prédio sito na Rua Capelo n.º 4, pela qual é paga a renda mensal de 9 000\$00, a que se atribui o valor presumível de 3 000 000\$00 (três milhões de escudos).

Verba n.º 2 — Três balcões de madeira forrados a fórmica com 4,5 e 6m de comprimento respectivamente com suporte em pedra mármore, com várias gavetas e divisórias; três conjuntos de armários também em madeira, forrados a fórmica, com várias portas e divisórias num total de dezoito corpos, a que se atribui o valor de 175 000\$00 (cento e setenta e cinco mil escudos).

Verba n.º 3 — Dose cadeiras giratórias, sendo oito forradas a tecido e quatro em plástico, tudo em bom estado, a que se atribui o valor presumível de 7 500\$00 (sete mil e quinhentos mil escudos).

São citados quaisquer credores incertos ou desconhecidos da executada bem como os sucessores dos credores preferentes.

Lisboa, 6 de Outubro de 1986

O Juiz de Direito
(João Carlos Dias)

O Lq. Trb.
(F. Lopes)

«DL» — 9/10/86 F. Lopes

Tribunal Tributário de 1.ª Instância de Lisboa — 1.º Juízo

ARREMAÇÃO

2.ª Praça

Faz-se público, que pelo 1.º Juízo do Tribunal Tributário de 1.ª Instância de Lisboa, no dia 14 de Outubro de 1986, pelas 15 horas, neste Tribunal — Rua Braamcamp, n.º 5-4.º em Lisboa, vão à praça os bens abaixo descritos, penhorados a JOSÉ SACRAMENTO FARIAS COUTINHO, com sede na Avenida Conselheiro Barjona de Freitas, n.º 10, em Lisboa, no processo de execução fiscal n.º 1 859/80.

BENS PENHORADOS

Verba n.º 1 — Oito máquinas de costura, eléctricas da marca BROTHER, com os n.ºs: 3213676; 21112248; 57599099; 4584082; 2532244; 4514093; 8546304; 3572174, todas em bom estado, de funcionamento, no valor de 160 000\$00 (cento e sessenta mil escudos).

Verba n.º 2 — Quatro máquinas de costura da marca «DURKOPP», eléctricas, com os n.ºs 21807888; 21107497; 21121902; 21208389, todas em bom estado de funcionamento, no valor de 80 000\$00 (oitenta mil escudos).

Verba n.º 3 — Duas máquinas de costura da marca «JUKI» eléctricas, com os n.ºs 34559 e 232-08233, em bom estado de funcionamento, no valor de 40 000\$00 (quarenta mil escudos).

Verba n.º 4 — Duas máquinas de costura da marca «SINGER», eléctricas, com os n.ºs 004310 e 806521, em bom estado de funcionamento, no valor de 40 000\$00 (quarenta mil escudos).

Verba n.º 5 — Uma máquina de costura da marca «BERNINA», eléctrica, com o n.º 67165138, no valor de 20 000\$00 (vinte mil escudos).

Verba n.º 6 — Um quadro eléctrico da marca «MERLIN GERIN», com três corpos Compact F-10, com capacidade de 650 Wts, no valor de 250 000\$00 (duzentos e cinquenta mil escudos).

Verba n.º 7 — Uma máquina de fotocópiar da marca «OLIMPIA» — INTERNACIONAL OMEGA 1000, em bom estado, no valor de 100 000\$00 (cem mil escudos).

Verba n.º 8 — Uma máquina de contabilidade da marca «OLIVETTI-AUDIT 1513» em razoável estado de funcionamento no valor de 25 000\$00 (vinte e cinco mil escudos).

Verba n.º 9 — Uma máquina de calcular da marca «ANTARES» 850-PD, com o n.º 11281, no valor de 2 500\$00 (dois mil e quinhentos mil escudos).

São citados quaisquer credores incertos ou desconhecidos da executada bem como os sucessores dos credores preferentes.

Lisboa, 7 de Outubro de 1986

O Juiz de Direito
(João Carlos Dias)

O Lq. Trb.
(F. Lopes)

«DL» — 9/10/86

CONVOCATÓRIA SOCIEDADE COOPERATIVA DOS CATRAEIROS DO PORTO DE LISBOA

Ao abrigo do n.º 1 do Artigo 34.º dos nossos Estatutos, convoco a Assembleia Geral Extraordinária desta Sociedade Cooperativa, para as 18.30 h do dia 29 de Outubro de 1986, na Sede Social Avenida 24 de Julho, 96-1.º em Lisboa, com a seguinte ordem de trabalhos:

§ — Alteração ao Artigo 5.º, Artigo 34.º e Artigo 36.º n.º 1 dos Estatutos.

§ — Alteração da palavra **Sócio** ou **Sócios**, por **Cooperador** ou **Cooperadores**, nos Artigos n.ºs 6.º; 7.º; 8.º; 9.º; 10.º; 11.º; 12.º; 13.º; 14.º; 16.º; 18.º; 19.º; 23.º; 24.º; 34.º; 35.º; 36.º; 37.º; 38.º; 39.º; 40.º e 41.º.

§ — Alteração do Artigo 37.º § Ponto Único dos Estatutos.

Se à hora indicada não houver quorum, será a mesma iniciada uma hora depois com qualquer número de Associados.

O PRESIDENTE DA MESA DA ASSEMBLEIA GERAL
DOMINGOS ANTUNES VIEGAS

Venâncio novamente operado

Uma equipa chefiada pelo professor Rodrigues Gomes operou ontem o sportinguista Venâncio, no Hospital Particular de Lisboa. Esta 4.ª intervenção cirúrgica a que o jogador foi sujeito processou-se para extracção de corpos livres no joelho direito.

Djunga: "chicotada"

A Associação de Futebol da Guarda rescindiu o contrato com o técnico Djunga.

Maceda: terceira operação ao joelho direito

António Maceda, defesa do Real Madrid, que integrou a selecção espanhola no «Mundial» de futebol, foi operado pela terceira vez ao joelho. Maceda (29 anos), foi submetido a intervenção cirúrgica ao seu joelho direito após os médicos terem notado que não existia nenhuma evolução na recuperação do jogador.

Os médicos que realizaram a 3.ª operação ao joelho de Maceda manifestaram a convicção de que o defesa espanhol poderá voltar aos campos antes do final da época.

Maceda foi operado pela primeira vez em Março, tendo ainda contribuído para o Real Madrid vencer o campeonato espanhol e conquistar a Taça UEFA. Mas, após a Espanha ter efectuado o seu jogo estreia no «Mundial-86» (com o Brasil), Maceda lesionou-se novamente no joelho, sendo obrigado a abandonar o México e regressar a Madrid, onde foi operado pela 2.ª vez.

Inglaterra tenta combater violência nos estádios

A Associação de Futebol da Inglaterra autorizou a direcção do Luton Town a proibir a entrada no seu estádio dos adeptos das equipas visitantes para os jogos do campeonato, durante a actual temporada. A decisão foi aprovada por maioria dos 13 membros que compõem o Comité do Campeonato do Futebol Inglês, que tentam (com esta medida) atenuar a violência nos estádios britânicos. O Comité assinala na sua resolução, que os clubes que defrontem o Luton poderão (se o desejarem) proibir a entrada nos seus estádios dos adeptos deste clube.

Futebol brasileiro:

"doping" confirmado

O presidente da Comissão Anti-«Doping» da CBF (Pedro Caramel) confirmou o primeiro caso de «doping» no futebol brasileiro, com as provas a que foi submetido o jogador Carlos Alberto, do Clube Sergipe. O futebolista do Sergipe tomou «Oximetazina» antes do encontro frente ao Joinville: o medicamento inclui-se na lista de produtos proibidos pela Federação Internacional de Futebol (FIFA).

O director da Confederação Brasileira de Futebol (CBF), Pedro Lopez, afirmou que, para evitar a repetição destes casos, este organismo instalará, nos próximos meses, uma série de laboratórios para a realização de exames anti-«doping» na maioria dos jogos da 1.ª divisão do futebol brasileiro.

Os casos de «doping» no futebol brasileiro foram confirmados pelo médio-campista do Fluminense, o jogador paraguaio Júlio César Romero, ao afirmar que alguns futebolistas se drogaram antes dos encontros, pelo que a violência se instalou nos campos de jogo. Romero sofreu uma fractura do peróneo num dos jogos com o seu clube, tendo-se juntado a uma larga lista de futebolistas que disputam os torneios brasileiros e que agora estão retidos em clínicas com lesões, como Zico, Adalberto e outros.

Borg volta à raqueta

Bjorn Borg (cinco vezes campeão em Wimbledon) actualmente retirado das competições vai voltar a jogar, num torneio de exibição de ténis que conta igualmente com a presença de Ivan Lendl e John McEnroe. O torneio terá lugar de 3 a 4 de Novembro, em Bolonha, Itália, sendo a sua receita destinada a ajudar o tenista italiano Gianluca Rinaldini, que ficou paralisado após um acidente de viação registado no ano passado. O argentino Guillermo Villas e o norte-americano vilas Gerulaitis são outros os tenistas que vão estar em acção em Bolonha.

A ideia da realização do torneio partiu do francês Yannick Noah, amigo de Rinaldini. Noah, 5.º do «Ranking» Mundial, jogará com Borg, enquanto Lendl (1.º do «Ranking» Mundial) e McEnroe defrontam os italianos Cláudio Panatta e Paolo Cane, respectivamente. Rinaldini (27 anos) fez parte da equipa italiana na «Taça Davis» em 1982 e foi por duas vezes campeão do seu país.



Mais susto que outra coisa: no treino dos suecos, no relvado inferior do Jamor, o nosso conhecido Stromberg sofreu pequena lesão no pé direito. Parou a preparação, esteve em repouso e já esta tarde deve participar no trabalho de grupo

Sportinguistas salientam-se nas selecções federativas

Três sportinguistas (Manuel Fernandes, Fernando Mendes e Mário Jorge) garantiram o triunfo da selecção «A» sobre a sua congénere de «esperanças» (por 3-0) num treino de conjunto que atraiu ao Jamor centenas de espectadores. Dificuldades de penetração e de entendimento entre os jogadores caracterizaram a presença da selecção «A» frente a uma equipa de «esperanças», que teve em Samuel e Caetano as suas principais figuras.

Sob o olhar atento do técnico adjunto sueco, que tirou as suas notas de um espectáculo inconsequente e sem «fio de jogo», as duas selecções alinharam:

● «AA»: Zé Beto Silvino, 2.ª parte; Costeado, Dito, Eduardo Luís (Miguel, 50) e Fernando Mendes; Veloso, Shéu (Alberto, 45), Adão, Jaime (Mário Jorge, 45) e Nunes (Paquito, 45); Manuel Fernandes (Pedro Xavier, 2.ª parte).

● «Esperanças»: Sérgio (Lopes, 2.ª); Barny (Mota, 2.ª), Carvalho, Samuel e Vítor Santos; Litos (Filipe, 35), Mito, Nascimento (Pacheco, 2.ª) e Caetano (João Paulo, 2.ª); Rui Barros (Tó Zé, 2.ª) e Coelho.

A utilização de Nunes em apoio a um único avançado (Manuel Fernandes) e o recurso de Costeado como «lateral» direito, foram algumas das «experiências» formuladas pela equipa técnica da FPF, que procura ainda o «onze possível».

Aos quatro minutos, os «AA» obtiveram o seu primeiro gol, por intermédio de Manuel Fernandes. O defesa Fernando Mendes internou-se pela ala direita do seu ataque e cruzou para o flanco contrário, onde surgiu Jaime a devolver para a cabeçada impecável do «capitão» sportin-

guista, apesar do esforço de Samuel e Sérgio. O «central» benfiquista foi entretanto, a principal figura do treino, exibindo um assinalável momento de forma, que lhe permitiu controlar não só a recuperação defensiva da sua equipa como também, o relançamento do ataque.

O 2.º gol dos «AA», obtido aos 21 minutos pelo defesa sportinguista Fernando Mendes surgiu aliás, contra a chamada «corrente do jogo», quando Caetano e seus pares ameaçavam a baliza à guarda de Zé Beto.

Ao intervalo as suas selecções procederam a várias substituições que nada de novo trouxeram a um espectáculo que até bocejos motivou ao «espionista sueco». Para não desanimar os espectadores mais persistentes (que «duraram» até ao final da sessão) Mário Jorge obteve o 3.º e último gol dos «AA», quando eram decorridos 60 minutos.

Hoje também no Jamor, realiza-se uma sessão de conjunto com a equipa principal do Vitória de Setúbal.

Stromberg: pequena lesão

Por seu lado, o seleccionador sueco realizou uma sessão de conjunto no relvado secundário do Jamor, durante a qual (traiu-se de um treino bastante puxado) o ex-benfiquista Stromberg se ressentiu de uma lesão no tornozelo direito, embora tudo indique que poderá alinhar domingo próximo perante Portugal.

Stromberg apoiou mal o pé esquerdo quando perseguiu uma bola e foi de imediato imobilizado e tratado com gelo, mas o seu estado não motivou apreensões.

Representantes de quase todos os países latino-americanos (entre os quais Portugal) participam no V Torneio da Hispanidade e II de Castela e Leão, em xadrez, que se disputa em Medina del Campo (Valladolid) de 29 do corrente a 9 de Novembro. O torneio integra-se nos actos comemorativos do V Centenário da Descoberta da América.

Kasparov-Karpov: adiamento

Os «grandes-mestres» sovié-

são dos responsáveis da equipa. «Senti um esticão mas penso que não é nada de grave», disse Stromberg aos jornalistas. «Amanhã (hoje) é que se vê o que isto é».

Os responsáveis técnicos suecos sujeitaram a sua equipa a uma sessão de trabalho, cuidada até ao mínimo pormenor, onde ninguém foi poupado ou se desculpou com o «calor do sol». Tempos de exercício e de recuperação (cronometrados) preenchidos por séries de jogo condicionado, cativaram as atenções dos transeuntes e profissionais presentes. Facilidade, potência e colocação no remate, foram alguns dos créditos exibidos pelos futebolistas suecos, que prometem «dores de cabeça» às selecções federativas.

Em declarações aos jornalistas, no final do treino da selecção sueca, Stromberg (agora ao serviço da equipa italiana do Atalanta) afirmou que o conjunto escandinavo «é uma boa equipa, constituída por futebolistas que jogam juntos há cerca de sete meses, existindo também por isso uma eficiente ligação entre eles».

Também o seleccionador sueco (Olle Nordin) falou para os órgãos de Informação, no Jamor, sublinhando que nada sabe da selecção portuguesa: «É para mim uma incógnita absoluta. Desconheço o que valem todos os seus elementos, à excepção de Manuel Fernandes, um dianteiro que pode causar problemas à minha equipa».

Para o bloco sueco, só hoje chega a Lisboa o jogador Robert Prytz.

Por seu turno, no relvado principal do Estádio Nacional, a actualização dos dois «onzes» portu-

gueses deixou muito a desejar, evidenciando tanto um como outro notória falta de ligação entre os vários sectores, o que deve ter causado algumas preocupações aos responsáveis. Acima da mediania, apenas os centrais Dito (na «A») e Samuel (em «Esperanças») se exibiram a contento, revelando bom apuro de forma.

Recorde-se que, para além dos «22 de Saltillo», também os técnicos Juca e Oliveira não podem dispôr de Chalana e Eurico (convalescentes de intervenções cirúrgicas) e Jordão (afastado pelo técnico Manuel José da formação sportinguista desta temporada).

Entre os nossos: num choque com o benfiquista Dito, Mário Jorge ficou estatelado, «tocado» na perna esquerda: nada de cuidado (espera-se) pois o sportinguista estava recuperado daí a instantes.

Arbitragem distinguida

A UEFA escolheu árbitros portugueses para os seus próximos jogos: Rosa Santos no Torino-Rabat Gyor (Taça UEFA, dia 22); Vítor Correia (Sion - Katowice, Taça das Taças, dia 5 de Novembro); e Carlos Valente (Bayern Uerdingen - Lodz, Taça UEFA, dia 5 de Novembro). Os seus parceiros serão portugueses, a indicar pelo nosso Conselho de Arbitragem.

Na sua agenda

HÓQUEI EM PATINS: entre 29 do corrente e 2 de Novembro, em Anadia, vai ocorrer o Campeonato Europeu de Juniores. Concorrentes: Portugal, França, Holanda, Inglaterra, Alemanha Federal, Espanha, Itália e Suíça.

Xadrez: torneio da hispanidade

Representantes de quase todos os países latino-americanos (entre os quais Portugal) participam no V Torneio da Hispanidade e II de Castela e Leão, em xadrez, que se disputa em Medina del Campo (Valladolid) de 29 do corrente a 9 de Novembro. O torneio integra-se nos actos comemorativos do V Centenário da Descoberta da América.

No total participam 30 mestres

internacionais dos seguintes países: Andorra, Argentina, Bolívia, Brasil, Colômbia, Costa Rica, Cuba, Chile, Equador, Espanha, Filipinas, Guatemala, Honduras, México, Nicarágua, Panamá, Paraguai, Peru, Portugal, Porto Rico, República Dominicana, Uruguai e Venezuela.

Kasparov-Karpov: adiamento

Os «grandes-mestres» sovié-

tics Garry Kasparov (campeão) e Anatoly Karpov (candidato) suspenderam a 24.ª e última partida do seu torneio de desforra para o título mundial de xadrez, a decorrer em Leninegrado. Karpov (que joga com as negras) deixou selado o seu movimento 41.

Os especialistas consideram como mais provável que a partida, que prossegue hoje, termine

empatada. Todavia, seja qual for o resultado final, Kasparov (que no conjunto do torneio soma actualmente 12 pontos, contra 11 de Karpov) já garantiu a continuidade do seu título de campeão mundial, dado que mesmo em caso de vitória do candidato este apenas igualara a pontuação do adversário e o regulamento do «match» estabelece que, em caso de empate, o campeão mantém o ceptro.

CRÓNICA
DE TOUROS

Há mar e mar há ir e voltar

Sulilóquio

Praça de Touros do Campo Pequeno. Quinta-feira, 21 de Agosto de 1986. Touros de Simão Malta e de Cunha e Carmo para José Paulo, Frederico Carolino, forçados amadores Lusitanos, José Luís Galloso e Ricardo Chibanga.

Alexandre O'Neill partiu. Quinta-feira em Lisboa, e ele não esperou que por sobre a sua cidade caísse a noite, que escurecesse o dia que oxalá tenha sido como aquele de seus versos.

Eu estava bom pr'a morrer nesse dia

Não tinha fome nem sede, nem alarme ou agonia.

Também não tinha decerto vontade de ir à nocturna do Campo Pequeno, à touradazinha das quintas-feiras, como talvez ele dissesse, sentindo-se peão de brega na corrida da vidinha, foi assim que lhe chamou naquela sua última crónica para o «Jornal das Letras». Uma crónica que por sinal era vagamente taurina, chamava-se «Manoletinas de Salão».

Não houve manoleitinas, nesta quinta-feira do Campo Pequeno. É um passe que caiu em desuso. Tão em desuso como os quites: na praça de Lisboa os matadores dão em regra uns capotazos e sem perguntarem ao companheiro se quer intervir, fazem uma sinalafa ao inteligente para mudar o tercio; e ninguém lhes vai à mão. De modo que no Campo Pequeno não houve nem manoleitinas, nem quites. Nem quase nada de provocar emoções. Uma coisa só digna da

presença do poeta se lembrarmos aquele epitáfio que para si escreveu um dia.

*Aqui jaz Alexandre O'Neill
Um homem que dormiu muito pouco
Bem merecia isto*

O inconveniente seria ter de acordar à hora do intervalo, com as pessoas a irem e a voltarem, com licença, com licença e algumas nem licença pedem, os vendedores de cervejas e gelados não pedem de certeza. Mas sem intervalo uma tourada em Portugal não é tourada nem é nada. E nem sequer o aproveitam para umas manoleitinas de salão, dessas que o O'Neill achava que fazemos na perfeição, o pior é quando passamos para a arena, pernas para que vos quero.

E na arena também não houve manoleitinas. Houve touros que não eram, uns impróprios e outros nobres. Houve meia dúzia de boas farpas dos cavaleiros, um deles de recente alternativa, o José Paulo, e o outro ainda praticante, o Carolino, os dois a prometerem o bastante para a gente pensar que está longe de secar a fonte onde nascem marialvas neste Portugal.

País onde qualquer fulano diz a afastar do busilis o nariz:

— Não, não é para mim, este país!

E houve (um forçado não dirá tal coisa, meu caro O'Neill) duas pegadas dos Lusitanos sem problemas, só numa arena pode acontecer isso, não haver problemas quando se pega o touro pelos cornos. E também houve, no lugar do anunciado Juan Mora — que pena não ter recuperado da colhida de El Puerto! — um Galloso de passo atrás, a desaproveitar o primeiro, já no segundo não tanto, quis luzir-se, aplaudido mas beleza nem por isso, muita música e pouca uva. E houve ainda o Chibanga, a sua eterna diligência a prolongar-se em tantos passes, de pé e de joelhos, só faltaram as manoleitinas, as pernas para que vos quero foram nas bandarilhas, e foram para sair delas, não pelo impulso do medo, o medo é o imaginado antes do vivido, é o sonhado antes do acontecido.

Alexandre O'Neill já não precisa de ter medo, nem sequer esse medo singular do doente, que confessou numa entrevista ao Assis Pacheco para o «JL», medo de que se enganasse nos remédios e lhe enfiassem os que eram para algum vizinho. Não há perigo de remédios trocados, agora que se foi embora, uma tosse a menos na cidade, não mais passante da Rua do Ouro, rejeitado a cotovelo pelos saldos, ou a ver à noite os

casais que vêm ver as montras, gente que faz o quilo de nariz contra o vidro. Cansado da corrida da sua nossa vidinha, principalmente das nocturnas, quando as repartições estão vazias de burladeros, como ele chamou às resmas de papel selado que servem de abrigo aos funcionários.

O'Neill não era funcionário, não tinha burladeros onde se abrigar. Quando chegava a hora de procurar o sustento, tinha de sair à arena, levando a palavra por capote:

*O adjetivo dá-me de comer.
Se não fora ele
o que houvera de ser?*

Recordo aquela voz, em que coincidimos ao almoço no Bairro Alto, a uma mesa de «O Mais Possível», na Travessa dos Fiéis de Deus, ali a dois passos, do Poço da Cidade: *Rancho de amor! para os soldados! de cada vez só pode ir um. (Vejam-se se se despaçam que eu não quero cá fardas!).* Já soldados não se viam no Bairro Alto, e já a doença, o marcava, parco de palavras, contida lá dentro a orgia da imaginação, um viço de amargura no humano sorriso meio triste, minguada a vontade de esbracejar contra a corrente que o começava a levar para longe.

Há mar e mar, há ir e voltar.

Cinema de Paris

"Le Rayon Vert", tão raro...

A história contada é de hoje: uma jovem deve partir em férias com um amigo que muda de ideias (ou de parceira) deixando-a, pelo telefone, no Verão de Paris — feiote e desasada. Dois dias de família, outros dois com uma amiga, a solidão de Biarritz depois, onde encontra, na praia, uma jovem e sabida sueca, com «monokini» de um só triângulo dianteiro, que «draga», com prática de latinos e bos defesas nórdicas... Nada de mais terrível que uma cena de esplanada, com dois jovens cretinos que as abordam, esperando a sorte, a discoteca e a cama sem conversa. A sueca é pasmosa de nórdica naturalidade; Marie Rivière também — mas não é nada disso que ela quer, e foge, lágrimas nos olhos, única coisa bonita que a natureza deu ao seu corpo esgalgado.

O «Raio Verde», aprende ela, escutando um grupo idoso, é o último que por ilusão óptica do espectro, o sol deixa ver, ao pôr-se no céu sem névoas. Marie nunca o viu, e raramente se vê. Será, então, um sinal, à volta do qual Eric Rohmer construiu ou improvisou o seu filme, como «provérbio», agora sem as minúcias calculadíssimas da sua encenação habitual. As personagens falam, em situação, ao jeito que têm — e o realizador vai vendo, com ternura de «papa la morale», a sua evolução, deixando-as partir quando já não servem (a sueca...) à história que insinuosamente constrói, e é a demanda sentimental da heroína de ao princípio.

Eric Rohmer sabe, como nós sabemos, que um «raio verde» terá de ser apercebido ao fim; e espera por ele, na esperança comovida da grande actriz que tem, quase estreando-se. O sinal vem, como deve vir. Marie aceita então ficar os últimos dias de férias com um jovem encontrado, por fim, num banco de gare — e, quando lhe chora nos braços, o filme termina em comovidíssima beleza.

Que o Festival de Veneza tenha coroado esta última e rara obra de Rohmer, não pode deixar de ser importante para todos os outros filmes e cineastas...

J.-A. França

Escritores: encontro em Belgrado

A capital da Jugoslávia vai ser palco, de 18 a 23 de Outubro, do vigésimo terceiro encontro internacional de escritores, que terá como tema «Apocalipse Hoje e a Literatura».

Entre outros, intervirão no encontro Rafael Alberti, de Espanha, Ernesto Cardenal, da Nicarágua, Atukwei Okai, do Gana,

Tayo Olafioye, da Nigéria, Katsuki Shiraishi, do Japão e Wang Xiyun, da China.

Estão programadas reuniões plenárias, mesas-redondas, recitais de poesia e jornadas literárias, uma das quais de evocação do poeta espanhol Federico García Lorca, no quinquagésimo aniversário da sua morte.

Cidades augustas criam fundação

Representantes das «cidades augusta» da Península Ibérica — Astorga, Braga, Lugo, Mérida e Saragoza — decidiram, na cidade espanhola de Lugo, criar a «Fundação Cidades Augustas Ibéricas».

A Fundação vai implementar a criação de um seminário permanente com base em estudos históricos e arqueológicos da época romana.

Além do estudo das origens e da história das suas cidades, a Fundação desenvolverá também actividades encaminhadas para a busca de solução dos problemas actuais comuns e para o melhor conhecimento mútuo.

Além disso, procurará ainda estabelecer um protocolo de geminação com Roma, a fim de reforçar os laços de amizade, ampliando e aprofundando o estudo da história comum.

A sede estará anualmente em cada uma das cinco cidades, por ordem alfabética.

O seu presidente será o presidente da Câmara da cidade onde se encontrar a sede, ou o seu representante, enquanto os outros serão vogais.

Para as despesas, cada uma das cidades que compõem a Fundação contribui, de início, com a quota anual de um milhão de pesetas.

APOIO Diário de Lisboa

CALAMITY JANE

Uma Mulher de Armas
ou
O Monólogo da Vaqueira

De 3.ª a Sab., as 21.30 h
Sab. e Domingos,
também às 16 horas

A BARRACA

RESERVAS - TEL 686300

**5.º Mês - últimas representações
só até dia 19 de Outubro**

PROCURA-SE!



MARIA DO CÉU GUERRA

musica

António Cardoso
d direcção

Helder Costa

0000\$00

COMUNA

TEATRO PESQUISA
HOJE
AS 21.30 H



TOURO

Texto:
ABEL NEVES

Encenação:
JOÃO MOTA

TERÇA A SABADO
AS 21.30 H
DOMINGO AS 17 H

veja teatro a
preços reduzidos
TERÇA-QUARTA-QUINTA
PREÇO UNICO - 150.00

PR. ESPANHA (T. 726 0818)
SUB. S E C M/12A
APOIO F. GULBENKIAN - R. COMERCIAL

TEATRO NACIONAL D. MARIA II

e novo grupo apresentam

**POR EXIGÊNCIA DO PÚBLICO
DE NOVO EM CENA
(apenas algumas semanas)
DE 3.ª A SÁBADO ÀS 21.30
DOMINGO ÀS 16**

MÃE CORAGEM E OS SEUS FILHOS

de BERTOLT BRECHT

Encenação: JOÃO LOURENÇO

Com (por ordem de entrada em cena): CARLOS DANIEL • ORLANDO COSTA • MÁRIO PEREIRA • EUNICE MUÑOZ • IRENE CRUZ • FRANCISCO FERNANDA • JORGE GONÇALVES • RUI DE CARVALHO • CARLOS FONSECA • ROGÉRIO PAULO • RUY DE MATOS • SÃO JOSÉ LAPA • ARTUR MENDONÇA • CARLOS COSTA • JOÃO DE CARVALHO • IGOR SAMPAIO • BARROSO LOPES • CARLOS DUARTE • MANUEL CAVACO • ANTÓNIO BANHA • MADALENA BRAGA • ANTÓNIO ANJOS • CATARINA AVELAR • NUNO FRANCO.

ESPECTÁCULOS NÃO ACONSELHÁVEIS A M. 17 ANOS
DESCANSO DA COMPANHIA A 2.ª FEIRA TEL. 32 27 10

SALA EXPERIMENTAL

De 3.ª a Sábado às 21.45 — Domingo às 16.30

«O ASFALTO DOS INFERNOS»

de Ricardo Acosta

Encenação: Manuel Coelho

com: Lygia Telles

Cenários e Figurinos: Nuno Carinhas

Música: Fernando Guerra — Tradução: Oriando Neves

Lágrimas no espelho

Carlos Porto

AS LÁGRIMAS AMARGAS DE PETRA VON KANT, de R. W. Fassbinder. Tradução: Luiza Neto Jorge / Carlos Fernando e Gastão Cruz. Encenação: Carlos Fernando. Cenografia: Dalton Salem Asseff. Figurinos: José Manuel Gonçalves e Pedro Lata. Interpretação: Lia Gama, Elisa Lisboa, Fernanda Alves, Sara Lima, Maria José Pascoal e Isabel de Castro. Teatro Hoje. Estreia: Teatro da Trindade, 20/9/86 (24/9/86).

Em 1986 passaram por palcos do nosso teatro espectáculos cujos cenários tinham como principal elemento espelhos ou superfícies reflectoras. Foi o caso, no Maria Matos, da encenação de Carlos Quevedo de «Hedda Gabler», de Ibsen, cenografia de Jasmim de Matos («DL» - 28/1/86); mais recentemente, na Casa da Comédia, a encenação e cenografia de Filipe La Féria de «A Bela Portuguesa», de Agustina Bessa Luís («DL» - 26/8/86); agora no Teatro da Trindade, a encenação de Carlos Fernando, com cenários de Dalton Salem Asseff, da peça de Fassbinder «As Lágrimas Amargas de Petra von Kant».

Qual o elemento aglutinador destes espectáculos? O facto de serem femininas as suas personagens mais importantes. Não referimos um outro espectáculo, o de Jorge Listopad, cenário de Nuno Carinhas, com a peça de António Patrício «O Fim» («DL» - 19/7/86), porque aí o espelho não era elemento principal do cenário apenas se integrava nele, embora com uma função importante. E também aí em relação com o facto de ser feminino o personagem do poema dramático de Patrício.

Não queremos tirar conclusões desta ligação, demasiado óbvia, entre a mulher e o espelho, ligação à primeira vista com conotações contestáveis, limitamo-nos a registá-la. Em cada espectáculo

esse elemento cenográfico desempenhava uma função específica, propunha uma informação determinada. Em conjunto, a opção pelo espelho implica outras leituras, leva a outras conclusões, talvez.

Portanto, «As Lágrimas Amargas de Petra von Kant», por absurda imposição da SEC, em cena por poucos dias na sala do Trindade, onde teve casas como raramente aquele teatro conhece, o que deve ser registado. Aliás, o que se está a passar no Teatro Nacional e mesmo no Estoril, com o espectáculo do TEC, no «Galileu», parece ter algum significado. Aguardemos para ver.

A peça de Fassbinder surge nesta encenação de Carlos Fernando num espaço talvez excessivamente forte, produtor de signos que acabam por debilitar um texto que não é muito denso. Os espelhos, claro, sobretudo, a escada de caracol, ao centro, desce/subida a um inferno duplo (Marlene/Elisa Lisboa). Nesse espaço, as personagens são/estão. Falta nesta encenação o lugar do fazer: Petra surge-nos demasiado separada da sua função (em contrapartida, o matraquear da máquina de escrever de Marlene exprime tensões, obsessões evidentes).

Salvo melhor opinião, «As Lágrimas Amargas de Petra von Kant» não é uma história de amor mas uma história sobre o amor.

Petra não ama uma mulher, ama a Outra. Ama um outro ser humano até ao desvario, o que implica o seu desprezo para com Marlene. Penso que é isso que a encenação e Lia Gama exprimem melhor. Porém, Carlos Fernando não conseguiu dar corpo ao desespero que atravessa os conflitos e, ao mesmo tempo, escamoteou um elemento que podia ser importante, o da subjacente luta de classes, com perdão pela expressão tão fora de moda. Lia Gama, de facto, só a partir do terceiro acto dá a personagem a sentir ao espectador, a dor, a solidão, a angústia que a atravessam.

Suponho que a leitura do espectáculo foi prejudicada pela procura de referências cinematográficas: os cabelos de Rita Hayworth em Lia Gama, demasiado valorizados; Sara Lima imitando Ava Gardner (mas porquê aquele tique de puxar o lençol para tapar os seios?). Estas referências cinematográficas, e outras, ou não são entendidas ou surgem banalizadas. Veja-se «Vereda Tropical», telenovela cheia de piscadelas de olho aos cinéfilos: da espantosa Theda Bara (de Sousa) à música de Nino Rota; da citação de «Piquenique», de Joshua Logon, a Rita Hayworth; de Vivien Leigh em Blanches Dubois («O Elétrico Chamado Desejo») ao cinema burlesco, ao cinema mudo, a uma passagem da música de «Luzes da Ribalta», de Chaplin, e por aí fora.

O cenário muito bem concebido por Dalton Salem Asseff, mas menos bem executado, talvez por carências económicas (abandona, o que num cenário deste tipo não se admite), o cenário é, pois, um elemento ao mesmo tempo positivo e negativo, como as referências cinematográficas

ou a passagem da música de Hollywood à ópera numa melodramatização coerente com a leitura de Carlos Fernando.

Com elementos negativos e positivos, duma maneira geral, porque há excepções, o trabalho dos intérpretes, caso de Lia Gama de quem Petra por vezes se escapa, caso de Sara Lima, um bom trabalho no seu conjunto mas prejudicada por uma certa pobreza de registos; caso de Maria José Pascoal, desenhando bem a figura mas muito por fora. Muito bem, convincente em Marlene, Elisa Lisboa, numa personagem que sabe tudo sobre o amor e sobre o silêncio. E Isabel de Castro, sóbria e certa na mãe de Petra. Sobretudo, Fernanda Alves, absolutamente magistral, com um domínio absoluto da personagem (Sidónia von Grasenoble).

Carlos Fernando preferiu o final do filme ao final da peça, no qual Marlene aceita o jogo de Petra. Que Marlene saia, por entre o público, depois de Petra ter reparado que ela existia (recusando pois a sua dignidade de mulher ou finalmente assumindo-a? essa a dúvida). No primeiro caso, parece-me um final demasiado negro, demasiado pessimista. Não é a primeira vez que vejo esta peça de Fassbinder. Vi-a em França numa encenação de Dominique Quéec com a grande actriz Geneviève Page. Agora, como então, pareceu-me que neste caso o teatro não pode pretender bater-se com o cinema. O espectador deste espectáculo deve ter isso em conta. Até porque o espectáculo contém elementos suficientemente bons para se justificar e para merecer a visita do leitor.

Agora já não no Trindade mas no Teatro da Graça onde vai estar em cena.



Albano d'Ávila e Fernando Neves numa cena de «Check-Up», esta noite no S. Luís

Teatro

● O Grupo brasileiro do Teatro Gamboa, depois do êxito alcançado na primeira série de espectáculos no S. Luís e de uma passagem pelo Teatro Garcia Rezende, de Évora, volta à mesma sala de Lisboa para apresentar as duas peças que trouxe ao nosso país. Ontem, o grupo representou «Doroteia vai à Guerra» e hoje, no Teatro S. Luís, às 21.30, «Check-Up» pode ser visto de novo.

«Check-Up», de Paulo Pontes e direcção de Eduardo Cabús, uma montagem evidenciando as múltiplas possibilidades da arte dramática quanto a linguagem teatral transmitida não só através do texto, mas sobretudo através da direcção e da interpretação.

Zambor — o personagem central, funciona como papel carbono das emoções da humanidade naquele momento crítico entre a vida e a morte.

A direcção procurou enfatizar a situação hospitalar que o homem do século XX é, paradoxalmente obrigado a enfrentar, seja na angustia quanto à espera de atendimento, seja no controlo arbitrário exercido pelos profissionais da saúde sobre a vida humana.

É posto em cena o conflito íntimo do paciente, que vê, sem nada poder fazer, a sua vida esvaír-se entre o avanço da tecnologia e a nulidade do fazer humano supostamente dominador dessa tecnologia.

A montagem questiona assim o poder e o autoritarismo. Os momentos finais de Zambor vão se extinguindo num jogo cénico de luz e interpretação, passando para o espectador a eterna volúpia do ser humano de exercer pressão sobre os outros, enquanto a vida do paciente também se extingue como um fio de luz em um fio de navalha.

Esta noite, no S. Luís: um espectáculo importante.

● «Esopaida ou a Vida de Esopo», de António José da Silva, vai ser hoje levada à cena no Teatro Gil Vicente, de Coimbra, pela Cooperativa de Teatro Bonifrates.

O espectáculo é uma co-produção da Cooperativa e do Grupo de Teatro da Casa do Pessoal da Universidade de Coimbra, novo conjunto amador que assim vai fazer a sua estreia.

Livros

● O escritor e diplomata húngaro dr. Hárs Erno visita esta tarde (16 horas) a sede da Sociedade de Língua Portuguesa, na Rua de S. José n.º 41-2.º.

Hárs Erno, membro da Associação Húngara de Escritores, traduziu integralmente «os Lusíadas» e também poemas de Fernando Pessoa e Miguel Torga. Presentemente, está a organizar uma antologia de poesia moderna portuguesa.

Música

● Até ao próximo dia 15 decorre o IV Festival de Música Antiga de Óbidos, na Igreja Matriz de Santa Maria.

Iniciado no passado dia 7, o Festival prossegue no sábado, às 21.30, com Landini Consort a interpretar música medieval francesa e inglesa de diversos autores. No domingo, à mesma hora, apresentar-se-á o «London Baroque» com obras de Haendel, H. Purcell, W. Boyce, T. Erskine, P. Hellendaal e K. J. Alberj Stanley. Finalmente, a 14 e 15, sempre com o mesmo horário, estarão na Igreja Matriz de Santa Maria, em Óbidos, William Byrd Choir com «Requiem Ibérico» (música de polifonistas portugueses) e Hopkinson Smith com obras para alaúde, de Sylvius Weiss e Bach.

● No prosseguimento das VII Jornadas de Música Antiga da Fundação Gulbenkian, realiza-se hoje, no Grande Auditório daquela Fundação, às 18 e 30, um concerto de música francesa e italiana do século XIV, em que actuará o importante agrupamento britânico «Landini Consort», sob a direcção de John Bryan e Peter Syrus e em que serão interpretadas obras de Machault, Hasprois, Borlet, Jacobo da Bolonha, Landini, Andrea da Firenze e de Anónimos.



Elisa Lisboa, Lia Gama, Isabel de Castro e Maria José Pascoal



Uma cena do filme «Nova Iorque Fora de Horas» do realizador Martin Scorsese. Grande Prémio da melhor realização/ Cannes 86. Em exibição no Quarteto e Estúdio 444

Alfas Triplex

— T. 806496

Alfa 1

ASES INDOMÁVEIS

(m. 6 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Alfa 2

AS FORÇAS DO UNIVERSO

(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Alfa 3

UM DIA A CASA VEM ABAIXO

(maiores 6 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24.00 h

Alfa Club

T. 763319

REVOLUÇÃO

(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Shopping Center de Lisboa

ASES INDOMÁVEIS

(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

ANO DO DRAGÃO

(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

UM DIA A CASA VEM ABAIXO

(maiores 6 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24.00 h

Apolo 70

QUATRO AMIGOS

(não ac. men. 13 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Avila

O MOMENTO DA VERDADE II

(maiores 12 anos)
14.45, 17, 19.10, 21.45 e 23.45 h

Aviz

EMANUEL - A ANTIVIRGEM

(maiores 18 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Berna

ERA UMA VEZ NA AMÉRICA

(maiores 16 anos)
15.00 e 21.00 h

Capitolio

DISCO - SEXO-MANIA

(int. a m. 18 anos)
15.15, 17.00, 19.00, 21.00 e 23.00 h

Castil

OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS

(n/acons. 13 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Cinebloco

— T. 556824

ROCKY

(n/acons. men. 18 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
AMANHECER VIOLENTO
(maiores 16 anos)
24 h

Cinebolso

A BALADA DA CASA DAS GATAS

(int. men. 18 anos)
12.30, 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Cine Camoes

T. 324194

O INSTRUTOR DE KUNG-FU

(Int. 13 anos)
14.15, 16.30 e 21.30 h

Cine 222

— T. 579460

NOITES ESCALDANTES

(n/acons. a men. 18 anos)
14.00, 16.30, 19 e 21.30 h

Cine Portela

— T. 2524761

Estúdio Anusha

OS INIMIGOS

(maiores 12 anos)
16.00 e 21.45 h

Estúdio Sheza

LOBIJOVEM

(maiores 12 anos)
15.30 e 21.30 h

City Cine

— T. 549999

GENTE GIRA N.º 2

(maiores 6 anos)
14.00, 16.45, 19.00 e 21.30 h
CHINATOWN
(n/acons. a men. 18 anos)
23.45 h

Condes

— T. 322523

O SONHO AMERICANO

(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Eden

— T. 320768

ROCKY II

(maiores 18 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Estúdio

O MOMENTO DA VERDADE II

(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Estúdio ACS

— T. 887255

JOGOS DE GUERRA

(maiores 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Estúdio 444

NOVA IORQUE FORA DE HORAS

(maiores 16 anos)
15.00, 17.00, 19.00 e 21.30 h

Fonte Nova

VOANDO SOBRE UM NINHO DE CUCOS

(maiores 18 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h

Sala 2

JOVENS MÉDICOS APAIXONADOS

(maiores 12 anos)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.15 h

Sala 3

A DANÇA É ISTO

(maiores 6 anos)
14.45, 17.00, 19.15 e 21.45 h

Forum Picoas

— T. 541037

FILMES DE ANIMAÇÃO - Integrados no Salão Internacional de Filatelia

Europex-86 — Entrada livre

Gemini

— T. 734009

ASES INDOMÁVEIS

(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Hollywood

— T. 802859

Sala 1

VOLUNTÁRIO À FORÇA

(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00, 21.30 e 23.45 h

Sala 2

O SONHO AMERICANO

(maiores 12 anos)
14.15, 16.30, 18.45, 21.30 e 24.00 h

Imperio

— T. 555134

ACADEMIA DE DOUTORES

(maiores 12 anos)
15.15, 18.30 e 21.30 h

Las Vegas

— T. 631162

Sala 1

O SONHO AMERICANO

(maiores 12 anos)
14.00, 16.15, 18.45 e 21.30 h

Sala 2

ANA E AS SUAS IRMÃS

(m. 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Londres

— T. 801313

ANA E AS SUAS IRMÃS

(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Mundial

— T. 538743

ENCERRADO PARA REMODELAÇÃO

Nimas

— T. 574362

UM VAGABUNDO NA ALTA RODA

(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Odeon

— T. 326283

A ARCA DE FOGO

(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Olympia

T. 325309

SEXO AO VIVO

A partir das 14 horas
Sessões contínuas
Filme pornográfico
(int. a men. 18 anos)

Pathe

— 821933

O BEIJO DA MULHER ARANHA

(maiores 12 anos)
14.00, 16.30 e 21.30 h

Politeama

T. 326305

ACADEMIA DE COMANDOS

(maiores 16 anos)
14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Quarteto

T. 771378

Sala 1

O NAVIO FAROL

(maiores 16 anos)
15.00, 17.00, 19.00 e 21.30 h
TERRA SANGRENTA
(maiores 16 anos)
23.30 h

Sala 2

REBECA

(n/acons. men. 13 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

2010 O ANO DO CONTACTO

(maiores 16 anos)
24.00 h

Sala 3

NOVA IORQUE FORA DE HORAS

(maiores 16 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

ALL THAT JAZZ

(maiores 16 anos)
23.30 h

Sala 4

Quinzena do Cinema Soviético

ALGUNS DIAS NA VIDA DE OSLOMOV

14.30

VEM E VÊ

16.45 h

O DIA DA IRA

19.15 h

AMOR EM TEMPO DE GUERRA

21.30 h

PEÇO A PALAVRA 23.45 h

Roma

T. 889192

UM VAGABUNDO NA ALTA RODA

(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Rony

T. 548540

MANHÃ ATERRADORA

(maiores 18 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

S. Jorge

T. 579144

Sala 1

ASES INDOMÁVEIS

(maiores 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Sala 2

ÁFRICA MINHA

(maiores 12 anos)
14.15, 17.30 e 21.00 h

Sala 3

A COR PÚRPURA

(maiores 12 anos)
14.30, 18.00 e 21.15 h

7.ª Arte

— T. 730715

A COR PÚRPURA

(maiores 12 anos)
15.00, 18.15 e 21.30 h

Star

— T. 804210

GINGER E FRED

(maiores 12 anos)
15.00, 18.15 e 21.30 h

Terminal

— T. 371573

O MOMENTO DA VERDADE

(maiores 12 anos)
14.00 e 21.00 h

Fivoli

— T. 570595

UM VAGABUNDO NA ALTA RODA

(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Furim

T. 706666

OS COMANDOS DA FORÇA Z

(int. a men. 13 anos)
15.00, 17.30 e 21.45 h

Voxmania

— T. 880808

AS LOUCAS AVENTURAS DE BARBA-AMARELA, O PIRATA

(maiores 12 anos)
15.30, 18.45 e 21.00 h

Nenon

— T. 368480

ACTO DE VINGANÇA

(maiores 16 anos)
14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Zodiaco

— T. 570151

EXIBIÇÃO PERMANENTE DE FILMES

(Indianos)
15.15, 18.15 e 21.30 h

Linha de Sintra

AMADORA — Cineteatro

— «Acto de Vingança», às 21.30 h (m. 16 anos)

AMADORA — Cinestúdio

— «Um Dia a Casa vem Abaixo», às 15.30 e 21.30 h (

Lisboa — PERMANENTE: AREEIRO - APEADEIRO: Nova Lisboa, R. Guilhermina Suggia, 12 (T. 887721); **BAIRRO MONTE PEDRAL:** Zema, R. General Justino Padrel, 21-A (T. 832580); **CAMPO DE OURIQUE:** Lobel, R. Infanteria 16, 98-B (T. 688807); **ES-TEFÂNIA:** Mundial, L. D. Estefânia, 10 (T. 545578); **JOÃO XXI:** Onilda, Av. João XXI, 13-A (T. 886848); **LUMIAR - QUINTA DAS MOURAS:** Matos Viegas, Av. Rainha D. Amélia, 34-B (T. 794174); **MARTIM MONIZ:** Ferrão, R. da Mouraria, 12-16 (T. 860464); **MERCADO DO CHILE:** Alcalá, R. Carvalho Araújo, 46-B (T. 841708); **OLIVAIS NORTE:** Central dos Olivais, R. Alfere Barrilero Ruas, 7-C (T. 315539); **PALHAVA:** Aguiar, Av. Colúmbano Bordalo Pinheiro, 98-A (T. 720934); **PARQUE EDUARDO VII:** Gomes, R. Rodrigo da Fonseca, 101-A (T. 682333); **SANTO AMARO:** Correia Azevedo, R. Luís de Camões, 42-B (T. 638625); **CARNAXIDE:** H. Amaral, Pt. António Boto, 11-A (T. 210456); **CODIVEL - ODI-VELAS:** Nabais Vicente, R. A. lote 19-A, loja, Urbanização Codivel (T. 8716803); **PONTI-NHA:** Pontinha, E. de Santo Elói, 4, lote SE (T. 990220). **REFORÇO — AJUDA:** Lúcia Almeida, C. da Ajuda, 170 (T. 637318); **ALVALADE:** Car-taxo, Av. da Igreja, 21-C (T. 897958); **AVENIDAS NOVAS:** Valle, Av. Marquês de Tomar, 47 (T. 773043); **BENFICA - IGREJA:** Marques, E. de Ben-fica, 648 (T. 700096); **CAMOES:** Andrade, R. do Ale-crim, 125-127 (T. 322328); **CAMPO DE SANTANA:** Peninsular, Campo dos Mártires da Pátria, 117-118 (T. 553308); **CAMPOLIDE:** Pátria, C. dos Mestres, 30-A (T. 680627); **LAPA:** Rodrigues & Aires, R. da Lapa, 52-54 (T. 662246); **PENHA DE FRANÇA:** Central da Penha, R. da Penha de França, 58-60 (T. 849245); **PICHE-LEIRA:** Marluiz, C. da Piche-leira, 140-B-C e R. Prof. Mira Fernandes, MAF (T. 880703); **VALE FORMOSO - POÇO DO BISPO:** Barros Gouveia, R. Vale Formoso de Cima, 79-B (T. 85510); **BRANDOA - AMA-DORA:** Tavares de Matos, R. 8, lote 308 (T. 993220); **BURACA - AMADORA:** Vaz Martins, R. António Ferro, 6-A (T. 970660); **OLIVAL BASTO:** Nova, R. dos Açores, 11-A (T. 9810305); **PRIOR VELHO:** Matos, T. das Prioras (T. 2519939). **Outra Banda — AL-MADA:** Reis, R. Comandante António Feio, 19 (T. 2750504). **PERMANENTE:** COVA DA PIE-DADE: Morgado, R. Cabo da Boa Esperança, 2-A (T. 2767356). **PERMANENTE:** MONTE DE CAPARICA: Nova, R. dos Trabalhadores Rurais, 82 (T. 2954436). **Até às 19 horas:** COSTA DE CAPARICA: Chai, Av. General Humberto Delgado (T. 2403218). **Até às 19 horas:** LARANJEIRO: Mo-derma, R. Dr. António Elvas, 8-A (T. 2290305). **Até às 22 horas:** SESIMBRA: Leão Av. da Li-berdade, 13 (T. 2233471). **Até às 19 horas:** LAVRADIO: J. Con-solado, Av. Joaquim J. Fernan-des, 17-C (T. 2043126). **Até às 19 horas:** BARREIRO: Normal, Av. Alfredo da Silva, 116 (T. 2073035). **PERMANENTE:** BAIXA DA BANHEIRA: Nova Fátima, E. Nacional, 244-A (T. 2040141). **Até às 19 horas:** CORROIOS: Lino, Alfarim, Sesimbra (T. 2232841). **Até às 19 horas:** AMORA: Nobre Guerreiro, R. Dr. Emílio G. Mendes, 314 (T. 2212923). **Até às 22 horas:** SEI-XAL: Godinho, L. da Igreja, 51 (T. 2213580). **Até às 22 horas:** MONTIJO: Higiene, R. José Jo-aquim Marques, 142 (T. 2310156). **Até às 22 horas:** MOITA: Silva Rocha, P. da Re-pública, 16 (T. 239029). **Até às 19 horas:** ALHOS VEDROS: Gusmão, R. Cândido dos Reis, 30 (T. 2040020). **Até às 19 horas:** ALCOCHETE: Gameiro, L. António dos Santos Jorge, 15 (T. 234100). **Até às 19 horas:** SETÚ-BAL: Higiene, R. Frei Agostinho da Cruz, 51 (T. 22408). **Perma-nente:** Bonfim, Av. Rodrigues Manito, 12 (T. 24558). **Perma-nente:** BAIROS, R. Rodrigues F. Costa, 27 (T. 23330). **Até às 22 horas:** **Linha de Cascais — AL-GES:** Miraflôres, R. Dr. Antô-nio Granjo, 2-B (T. 2101161). **Permanente:** LINDA-A-VE-LHA: Moderna, Av. 25 de Abril, 30-C (T. 4191235). **Até às 19 horas:** TIRES: Guimarães, L. Duartes, lote A, r/c (T. 2441616). **Até às 22 horas:** ALCABIDE-CHE: Carvalho, B. Padre P. Correia, 4 (T. 2690363). **Até às 22 horas:** PORTO SALVO: Fer-reira Bastos, R. D. Firmino Re-belo (T. 2421015). **Até às 22 ho-ras:** MALVEIRA DA SERRA: Luz, E. Nacional (T. 2850635). **Até às 22 horas:** OEIRAS: Mou-rão Vaz, Av. de Moçambique, 17-C (T. 2437196). **Permanente:** NOVA OEIRAS: Leal, Quinta da Palmeira, lote 24 (T. 2478737). **Até às 22 horas:** CAR-CAVELOS: Central, R. 5 de Outubro, 25 (T. 2470037). **Perma-nente:** Vilar, Av. Maria da Conceição, lote B (T. 2470777); SÃO DOMINGOS DE RANA: Godinho da Silveira, R. Afonso de Albuquerque, lote B, loja 2 (T. 2470361). **Até às 22 horas:** PA-REDE: Grincho, Av. da Repú-blica, 87-A (T. 2471204). **Perma-nente:** SASSOEIROS: Amaral Semblano, Quinta das Encostas (T. 2461312). **Até às 22 horas:** BIRRE: Imani, lote 7-B, Hera (T. 2852121). **MADORNA:** Madeira, R. A (T. 2476326). **Até às 22 horas:** AMOREIRA: Abrantes, Vivenda Maria Carlos Anjos (T. 2682313). **Até às 22 horas:** ESTORIL: Parque, Ar-cadas do Parque, 3 (T. 260191). **Até às 22 horas:** CASCAIS: Mi-sericórdia, R. Regimento 19, 41 (T. 280141). **Permanente.** **Linha de Sintra — AMA-DORA:** Cavaca, R. Elias Garcia, 209 (T. 4930019). **Permanente:** Carlos, R. Sebastião da Gama, 28-B, Casal de São Brás. **Até às 22 horas:** DAMAIA: Nova, R. Elias Garcia, 10 (T. 972530). **Até às 22 horas:** QUELUZ: André, Av. Elias Garcia, 151 (T. 950043). **Até às 22 horas:** CA-MARATE: Mendonça, L. 25 de Abril, 135-C (T. 2573158). **Até às 19 horas:** CACÉM: Garcia, Av. dos Missionários, 2 (T. 9242181). **Permanente:** ALGUEIRÃO: Vítor Manuel, E. de Algueirão, 123 (T. 9217814). **Permanente:** MERCÊS: Claro Russo, R. Abade Faria, 2-A (T. 9215275). **Até às 22 horas:** RINCHOA: Cargaleiro Lourenço, C. da Rinchoa, 38 (T. 9262006). **Até às 22 horas:** SINTRA: Teresa Garcia, L. D. Afonso, 3-A (T. 9232747). **Permanente:** COLA-RES: Abreja (T. 9290088). **Outras Farmácias — MOSCAVIDE:** Pedro Gomes, B. 25 de Abril, lote 13 (T. 2519679). **Permanente:** SAC-VÉM: Lourenço, Av. Almirante Reis, 31 (T. 2518151). **Até às 22 horas:** LOURES: Sálvia, Av. da República, 29 (T. 9831240). **Até às 22 horas.** **Porto — DAS 9 ÀS 12 E DAS 14 ÀS 22 HORAS — CITÁLIA.** P. da Liberdade, 34; CON-FIANÇA, R. de Santa Catarina, 960; NAU VITÓRIA, R. de Nau Vitória, 723, ao Semide; ME-NEZES DE LIMA, P. Dr. Te-otónio Pereira, 227; COSTA LIMA, Av. da Boavista, 855. **DE DIA E TODA A NOITE — NACIONAL,** R. Senhora da Luz, 156, Foz; COUTO, L. de São Domingos, 106; FER-

Costa. Enc. de Manuel Coelho. Cen. e fig. de Nuno Carinhas. Tradução: de Orlando Neves. Música: de Fernando Guerra. Interp.: de Ligya Teles. **Maria Matos** Av. Frei Miguel Contreiras — Tel. 89 70 17 De 3.ª a sáb., às 20.30 e às 22.45 h domingo, às 16.00 h "ISTO É MARIA VITÓRIA", de Henrique Santa-tana, Francisco Nicholson, Rogério Bracinha e Mário Zambujal. Encenação: de Ivone Silva, In-terpretes: Eugénio Salvador, Ivone Silva, Carlos Cunha, Marina Mota, entre outros. **Señal — Teatro de Animação** R. Balcário Dr. Paulo Borba — Tel. 29 11 30 De 5.ª a domingo às 21.30 h "ALVES E COMPANHIA", de Eça de Queiroz. Encenação: de Fernando Gomes. Intérpretes: Maria Simões, Isabel Gamilho, Filomena Gon-çalves, João Manuel e Carlos Rodrigues, entre outros. **Teatro da Graça** T. de S. Vicente, 11 — Tel. 87 56 26 De 3.ª a sábado, às 21.30; domingo, às 16.00 h "AS LÁGRIMAS AMARGAS DE PETRA VON KANT", de Fassbinder. Intérpretes: Elisa Lis-boia, Fernanda Alves, Isabel de Castro, Lia Gama, Maria José Pascoal e Sara Lima. Ceno-grafia de Dalton Salem Asseff. Pelo Grupo Tea-tro Hoje. **Teatro Infantil de Lisboa** R. Leão de Oliveira, 1 — Tel. 63 99 74 Sábados e domingos, às 16.00 h "GALILEU CONTADOR DE ESTRELAS", de José Jorge Letria. **Porto — Cooperativa do Povo Português** R. de Camões Todas as noites a Seiva Trupe apresenta "TODA A NUDEZ SERÁ CASTIGADA", de Nelson Rodrigues. Enc.: de Angel Facio. In-terp.: António Reis, Júlio Cardoso, Alexandre Falcão, Olga Gandra, Rosa Elisabeth, Laura Perry, Josefina Ungaro, Rui Oliveira, Carlos La-cerda, entre outros. **Cascais — TEC — Espaço 2** Av. Marechal Carmona, 6-B — Tel. 286 79 33 Dias de semana, às 21.30, excepto 4.ª-feira; domingos, às 16.00 h

TEATROS

ABC Parque Mayer — Tel. 36 67 54 De 3.ª a sáb., às 20.30 e 22.45; domingo às 16 h "LISBOA, TEJO E TUDO", de César de Olivei-ra, Raul Solnado e Fialho Gouveia. Encenaçã de César de Oliveira. Interpretação: Carlos Mi-guel, Margarida Carpinteiro, Henrique Viana, Natalina José, José Camacho, Alexandra Solna-do, entre outros. **Casa da Comédia** R. Francisco Borja, 24, às Janelas Verdes — Tel. 60 72 99 De 3.ª a sábado, às 21.45; sábados, 18.00 e 21.45; domingos, às 18.00 h "A BELA PORTUGUESA", de Agustina Bessa Luís. Dram.: Eugénia Vasques. Enc./Cen.: Filip-pe La Féria. Inter.: Fernando Heitor, Júlia Cor-reia e Monique Rutler. **A Barraca** R. Alexandre Herculano, 70 — Tel. 68 53 00 De 3.ª a sáb., às 21.30; sáb. dom. e dom. às 16 h "CALAMITY JANE — UMA MULHER DE ARMAS", dramaturgia e encenação de Hélder Costa. Interpretação de Maria do Céu Guerra. **Estoril — Teatro Mirita Casimiro** Av. Fausto Figueiredo Cruzeiro — Tel. 267 03 20 De 4.ª a sáb., às 21.30, sáb. dom. e dom. às 16 h "GALILEU GALILEI", de Bertolt Brech. Ence-nação de Carlos Avilez. Interpretação de João Vasco, Paulo B., Ana Paula e António Marques, entre outros. **Teatro Nacional D. Maria II** Rossio — Tel. 37 22 46 De 3.ª a sáb., às 21.30 h, dom. às 16.00 h "MÃE CORAGEM E SEUS FILHOS", de Bertolt. Enc.: de João Lourenço. Cen.: José Carlos Barros. Música: Paulo Dassau/Pedro Osório. In-terp.: António Anjos, António Banha., Barroso Lopes, Catarina Avelar, Eunice Muñoz, Irene Cruz, Mário Pereira, Rogério Paulo, Rui Carva-lho, entre outros. **D. Maria II** Sala Experimental. Rossio — Tel. 32 22 10 De 3.ª a sáb., às 21.45, dom. às 16.30 h "O ASFALTO DOS INFERNOS", de Ricardo

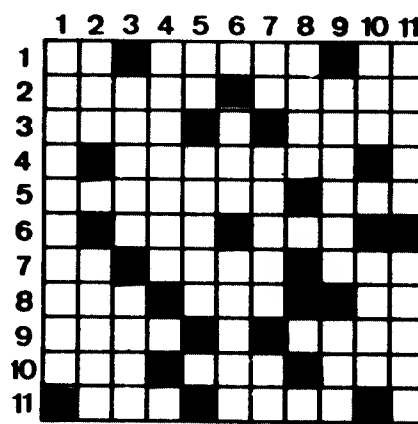
"FAÇA UMA CARA INTELIGENTE E DEPOIS VOLTE AO NORMAL", de Marcus Rey. Estreia a 25. **"B... EM CADEIRAS DE RODAS",** de Ronald Radde. Estreia a 27. Interpretado pelo Teatro Espaço, sob direcção de Águeda Sena. **Teatro Maizum** R. de São Bento, 75 — Tel. 60 18 66 Sábados, às 16.00; domingo, às 11.00 h **"RUADOS FANTASMAS",** de Xavier Villapañe **Porto — Sa da Bandeira** R. Sá da Bandeira, 108 — Tel. 22 550 De 3.ª a domingo, às 21.30; domingos, às 16.00 e 21.30 h **"UM CORONEL EM DOIS ACTOS",** inter.: por Camilo de Oliveira, Natália de Sousa, António Feio, Dulce Guimarães, entre outros. **Comuna** Av. Calouste Gulbenkian — Tel. 72 60 818 De 3.ª a sáb., às 21.30, domingos às 17.00 h **"O TOURO",** de Abel Neves. Enc.: de João Mota. Mus.: de Carlos Mendes. Intérp.: Abel Neves, Alfredo Brissos, Almeno Gonçalves, Cecília de Sousa, João Mota, entre outros. **Realejo** R. dos Mercadores, 132, à (Ribeira) Tel. 38 36 42 De quarta a domingo, às 21.30. **"DRÁCULA JÚNIOR",** de Fernando Gomes, pela Casa da Comédia. Int.: Fernando Gomes, Fernando Luís, Lucília Telmo, Maria Vieira, Pe-dro Advirta e Sílvia Sequeira. **Porto — Arvore — Cooperativa de Acti-vidades Artísticas** R. Azevedo de Albuquerque, 1 — Tel. 31 72 35 / 38 38 67 De 2.ª a sábado, às 21.30; domingo às 17.00 **"MINHA MÃE E SUAS QUATRO FILHAS",** de Maria Moraes. Intérprete: Maria Moraes (Oficina do Grotesco). Até 18 de Outubro.  Coloque os seus aparelhos a gas em locais ventilados Cumpra as minhas regras de segurança

PALAVRAS CRUZADAS

COM PROVERBIO PROBLEMA N.º 16 854

HORIZONTALIS:

- 1 Antes do meio-dia. Primeira-mente. Pede justiça (abrev).
- 2 Ofício divino. Ligar.
- 3 Pronome pessoal. Freguesia do concelho de Mondim de Basto.
- 4 Freguesia do concelho da Maia.
- 5 Género de insectos coleópteros heterómeros. Pronome relativo.
- 6 Senhores. Ofereço.
- 7 Preposição. Moeda da Grécia antiga. Gavinha.
- 8 Seguias. Organização das Nações Unidas. Átomo.
- 9 Mau. Limpe com água.
- 10 Armaria. Colocou. Bília.
- 11 Árvore com cuja casca se aromatiza o vinho. Ladrão do mar.



VERTICAIS:

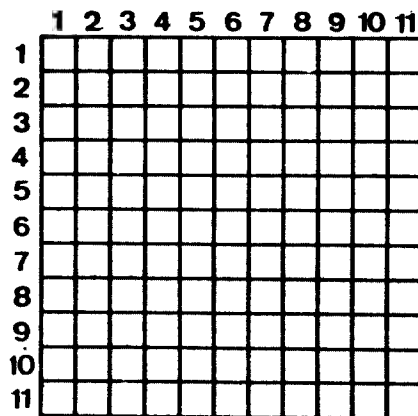
- 1 Árvore que dá amêndoas.
- 2 Um milho. Bebida alcoólica da Índia.
- 3 Carumas. Género de pássaros levinhos abundantes na região australiana.
- 4 O mesmo que sopra.
- 5 Em a. Sobre.
- 6 Preposição. Espécie de padola ornamentada para conduzir nas procissões as imagens dos santos.
- 7 Artigo definido (ant). Cobriu de iodo. Apelido.
- 8 Fechar as asas para descer mais depressa.
- 9 Acusação. Azáfama.
- 10 O vencimento diário de um soldado. Limpe com água.
- 11 Nome de homem. Tragédia de Shakespeare.

Resolve completamente este problema? Procure, agora em segundo pensamento, o provérbio nele inscrito.

NOVAS MODALIDADE PROBLEMA N.º 14 683

HORIZONTALIS:

- 1 Aquele que. Engana.
- 2 Letra árabe. Gorgulho tropical. Abreviatura de radiano unidade de ângulo.
- 3 Região da Helvécia, submetida aos romanos no reinado de Augusto. Antes do meio-dia.
- 4 O mesmo que três. Érbio (s.q). Ressoa.
- 5 Fanático.
- 6 Autores. Imunda.
- 7 Note bem (abrev). Entrudo.
- 8 Rio da URSS. Pede deferimento (abrev). Pega.
- 9 Relativo ao nariz. Idem. Pronome pessoal.
- 10 Duzentos em romano. O mesmo que rosmarinho.
- 11 Ilha do Pequeno Belt. Cada uma das partes duras e calcificadas que formam o esqueleto dos animais.



VERTICAIS:

- 1 Serra do estado de Pernam-buco. Jamais.
- 2 O mesmo que uma (ant. e pop). Cinge com os braços.
- 3 Palavra grega que significa achei. Arsénio (s.q).
- 4 Iluminado.
- 5 Justa. O lado do vento.
- 6 Sarraceno. Prascodímio (s.q. e inv). Sentidas condolências.
- 7 Época. Freguesia do concelho de Vila Nova de Famalicão.
- 8 Em o. Devasta. Rio de Portu-gal.
- 9 Clima. Antiga capital da Bir-mânia. Nosso Senhor.
- 10 Deserto. Despesas.
- 11 Agitai.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º 16 853

HORIZONTALIS:

- 1 CUIDADOS. Am.
- 2 Ai. Atam. Asa.
- 3 Arno.
- 4 Sá. Gás. Sion.
- 5 ALHEIOS.
- 6 Hão. Pecos.
- 7 La. Par. Au.
- 8 Odes. Salvar.
- 9 MATAM. Foi.
- 10 Mo. Itaca.
- 11 Asi. Mesas.

VERTICAIS:

- 1 Cassa. Lomba.
- 2 Ui! Alhada.
- 3 Há. Te.
- 4 Dá. Geo. Sam.
- 5 Ateai. Moo.
- 6 Dá. Sopas.
- 7 Mo. Serafim.
- 8 As. Calote.
- 9 Árido. Vias.
- 10 ASNO. Sma. Ca.
- 11 Maona. Umas.

PROVERBIO: Cuidados alheios matam amo.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º 14 682

HORIZONTALIS: VERTICAIS:

- | | |
|------------------|------------------|
| 1 Rescaldos. | 1 Ramalde. Tal. |
| 2 Arrumais. Mc. | 2 Er. noiva. Bi. |
| 3 Arena. Tal. | 3 Sras. Sacara. |
| 4 Ansa. Abarca. | 4 Cura. Emas. |
| 5 Lo. Oca. | 5 Amc. Marsos. |
| 6 Discar. Anos. | 6 Lana. Oral. |
| 7 Eva. MMC. | 7 Diabo. |
| 8 Accso. Paga. | 8 Os. Acampara. |
| 9 Amornas. | 9 Tranças. |
| 10 Abrasa. Na. | 10 Mac. N. |
| 11 Lias. Liaras. | 11 Sela. Siasas. |

Antena Um

16.00: A gaita dos sete foles; 17.00: Pequeno jornal; 17.15: Musicomania; 19.00: Informação e música; 20.00: Música portuguesa; 20.15: No estúdio e no estúdio; 20.30: A viver também se aprende; 21.00: Movimento; 21.30: Imaginário. Noticiários de hora a hora.

Programa 2

16.00: Música do século XX; 16.30: Barítonos famosos cantam ópera; 17.00: Integrais; 17.33: «Divertimento Musical», K. 522, «Músicos de Aldeia», de Mozart; 18.00: «Momentos Musicais», D. 780, de Schubert; 18.40: Autores contemporâneos; 20.05: Quinteto, n.º 5, em ré maior, do padre António Soler; 20.40: Música orquestral; 21.00: Música portuguesa; 21.30: A ópera «Mefistofeles», de Boito; 23.45: Solos instrumentais; 00.15: Concerto, para violino e orquestra; 01.00: Fecho. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL
Onda Média (283, 290 e 397m)

16.00: Dora a hora; 17.00: A feira mágica; 20.00: Conta-corrente; 21.00: Discos pedidos; 22.00: Portugal e a CEE; 22.15: Religiosos; 22.30: Tempo de desporto; 23.00: Vigésima quarta hora. Noticiários de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.00: A casa da música; 16.00: O som da frente; 17.00: Rock em stock; 18.00: Circulo em FM; 19.00: Em órbita; 20.00: Nova geração; 21.00: Jazzofone; 22.00: As mil e uma noites. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA
Onda Média

15.00: Ré maior; 18.30: Transmissão do terço; 19.00: Fim-de-tarde; 20.00: Conversa de amigos; 21.00: Encontro; 22.00: Diário do desporto; 22.30: Clube dos colecionadores; 23.30: A vez e a voz; 23.55: Meditando.

Onda Média Regional-Voz do Minho e Voz do Porto

15.00: As boas tardes da Renascença; 18.30: Ligação à rede nacional; 19.00: Jornal das regiões; 19.30: Ligação à rede nacional.

Voz do Alentejo

14.00: Sopa dourada; 15.00: As boas tardes da Renascença; 18.30: Ligação à rede nacional; 19.00: Alentejo em notícia; 19.30: Diversos; 20.00: Ligação à rede nacional.

Voz de Lisboa

15.00: A Rádio da cidade; 18.30: Sete colinas; 20.00: Diálogo; 20.30: Transmissão do terço; 21.00: Música no espaço; 23.30: Diário do desporto; 23.57: Meditando.

RTP/1

15.02 — Desenhos Animados

«Homem Aquático»

15.40 — Navegar

(4.º e último episódio): — Em Portugal, razões socioeconómicas, e por vezes culturais, impediram que a vela alcançasse um grande desenvolvimento. Assim, não é fácil praticar este desporto.

15.55 — Café Concerto

«Música de Fusão»: — Com António Pinto Vargas, Tó Nogueira e Zé Rato.

16.35 — Palácios Portugueses

«Mateus»

17.00 — Ontem Viu?

«Foi êxito na TV»

Gente Fina é outra Coisa (último episódio)

18.00 — Sumário

18.05 — Tempo dos Mais Novos

«A Arca de Noé» e «Era Uma Vez»

18.45 — País, País

19.15 — Reflexos

«João Araújo Correia»

19.50 — O Livro Grande de Petete

20.00 — Telejornal

20.30 — Boletim Meteorológico

20.35 — Direito de Antena

«Sindicato dos Médicos Veterinários»

20.45 — Corpo-a-Corpo

(episódio 153): — Orlando desiste de Sónia. Cláudio consegue convencê-la a ficar com ele. Alfredo leva um golpe muito grande quando fica sabendo que Sónia lhe salvou a vida. Cláudio e Sónia resolvem casar. Sónia propõe a Cláudio que os dois morem em São Paulo e Cláudio aceita, contente com a ideia. Vítor e Eloá namoram e Vítor diz que ela ainda tem esperanças que Osmar volte para a fazenda. Alfredo conversa com Odete sobre racismo e fica pensativo. Cláudio e Sónia têm um encontro marcado com uma pessoa que poderá arranjar emprego para Cláudio quando Rafael, mentindo que Bia está doente, os leva à casa dele onde está Alfredo, que precisa de falar com os dois.

21.30 — Música Ligeira de Riva Del Garda

(2.ª parte): — Actuação dos intérpretes e grupos referidos: — Fiorella Mannoia, Depeche Moda, Five Star, Tony Esposito, Delia Gualtieri, Sérgio Caputo, The David Austin Band, Banco, Antonello Venditti, Baltimore.

22.35 — Hill Street

(12.º episódio): — Belker, Washington e la Rue fazem-se passar por homens da recolha do lixo enquanto o capitão Furillo, furioso, se vê obrigado a por em liberdade um presumível raptor por causa de um pequeno pormenor...

Intérpretes: Daniel J. Travanti, Veronica Hamel, Michael Warren, Charles Haid, Rene Enriquez

Realização: Scott Brazil

23.35 — 24 Horas

RTP 2

16.30 — Europa TV

O Tempo

Tempo dos Mais Pequenos



António Pinho Vargas pode ser hoje visto (e ouvido) em «Café Concerto» — 1.º Canal, às 15.55



Depois das 22.30, a RTP 1 apresenta mais um episódio da série «Hill Street»

«Ploom», «Pastinots» e o «Mundo Maravilhoso de Gigi»

17.00 — Countdown

17.45 — Connexions

18.10 — Almanaque

18.15 — O Tempo

18.20 — O Mundo Amanhã

18.30 — Eurodesportos

19.30 — Notícias e Actualidades (Spectrum)

20.00 — Notícias

20.05 — Caminhos do Eterno

(18.º episódio): — Museu de Lagos

O Director do Museu Dr. José Formosinho fala sobre a história do Museu e o que de mais importante o mesmo encerra.

Programa do Dr. Alvaro Manuel Machado

20.25 — Gala do Centenário da Morte de Liszt

No teatro de Bayreuth realizou-se um concerto comemorativo do centenário onde foram interpretadas as seguintes obras, deste compositor.

1 — Concerto para piano e orquestra n.º 2 e

Solista: Krystian Simermann

2 — Sinfonia Fausto

Maestro Daniel Barenboim

22.30 — Último Notícias

22.35 — Vereda Tropical

(episódio 161)

Amanhã

RTP/1

15.02 — Desenhos Animados

15.25 — Mare Nostrum, Patria Nostra

15.55 — Os Mais

16.30 — Pedra a Pedra

17.05 — Ontem Viu

18.00 — Sumário

18.05 — Tempo dos Mais Novos

18.45 — País, País

19.15 — Recrear Espaço

19.50 — O Livro Grande de Petete

20.00 — Telejornal

20.30 — Boletim Meteorológico

20.40 — Corpo-a-Corpo

(episódio 154)

21.25 — Coração a Quanto Obrigas

21.55 — Fortunata e Jacinta

23.00 — 24 Horas

RTP 2

16.30 — Europa TV

20.10 — Notícias

21.15 — Coleccionando

20.40 — Adágio

21.05 — À Margem

21.30 — Notícias

21.35 — Directo/2

22.25 — Últimas Notícias

22.40 — Vereda Tropical

ENSINE O SEU FILHO

Ensine o seu Filho a olhar para o lado esquerdo e para o lado direito antes de atravessar a rua



PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA

GRUNDIG seleccionou para si...

RTP/1

22.35 — Hill Street

RTP 2

20.05 — Caminhos do Eterno

GRUNDIG PORTUGUESA

comércio de artigos electrónicos, Lda.

Rua da Restauração, 100, 1.º andar, 1200-001 Lisboa

Telefone: 474 11 11



«Vereda Tropical»

BRAGANÇA	11°
VIANA DO CASTELO	13°
VILA REAL	12°
PORTO	12°
COIMBRA	15°
CABO CARVOEIRO	17°
PORTALEGRE	19°
LISBOA	17°
ÉVORA	18°
BEJA	16°
FARO	17°
SAGRES	18°
PONTA DELGADA	21°
FUNCHAL	21°

MOTA AMARAL iniciou ontem uma visita de cinco dias ao Canadá para contactar com as comunidades de emigrantes portugueses em Ontário. O chefe do executivo açoriano estará presente na grande feira de Toronto, que conta com uma importante participação de empresários americanos, e presidirá a um jantar de confraternização.

O edifício actual, o da pousada, mantém a estrutura de uma segunda e grande igreja moçárabe do século X, completada posteriormente com claustro e instalações conventuais no século XII. Nesta altura, os frades da Ordem de Santo Agostinho instalaram-se no local, nos séculos XVI, XVII e XVIII, o convento foi entregue à Ordem de S. Jerónimo.

Bestiário de Julio Cortazar
No Prelo, Pág. 8

CARLOS FABIÃO NO LEMOS PARA SI
DA PÁG 2

Neve de Primavera, de Yukio Mishima

São cegos os olhos que só vêem o que existe

«OS que não têm imaginação não podem senão basear as suas conclusões na realidade que vêem à sua volta. Mas, por outro lado, os sonhadores tendem a construir castelos fortificados que eles próprios ergueram e a fechar todas as janelas. Era o que se passava com Quioáqui».

O Amor entontece, desnorteia, embriaga, já o sabemos! O Amor é sublime e corrompe, nada de novo! Nem Romeu e Julieta esgotaram uma definição, nem Hatsue e Shinji, do «Tumulto das ondas», viveram a história da História de Quioáqui Matsugae e Satoco Aicura.

No entanto o Amor de *Neve de Primavera* será mais perceptível a um ocidental do que qualquer outro contado por Mishima, se bem que noutros casos porça o contrário. É que este Mishima é o remeter de uma resposta em dívida ao Velho Continente. Um mexer de códigos familiares, míticos valores de gestas medievais de cavalaria. Satoco podia ser Isolda ou a rainha Geneviève. Matsugae em nenhum momento vestiu a armadura de ferro reluzente, e não ajaezou, o alazão, mas poderia muito bem chamar-se Lancelote do Lago.

O Lago donde sai a espada pela mão de uma mulher (a entrega do testemunho que obriga a proteger e defender a Mãria, mas também o cortar do cordão umbilical, o transpor da maioridade), o Lago da cascata do jardim encantado (todas as histórias de Mishima são encantadas) do Marquês de Matsugae, onde Quioáqui e o seu amigo Honda têm as impressoras visões da Senhora, da Bela, e as primeiras premonições de um desfecho previsto («— Está um lindo dia»).

Nas nossas vidas, talvez não tenhamos muitos outros como este... tão perfeito. Disse Honda agitado por algum pressentimento»).

Sabiam que a vida — os gregos sabiam-no bem e reinventaram a tragédia — é uma grande e fatal cena?

Não se subentendem as intenções de interesses racionais do Direito Romano — que Honda estudava e preparava para os exames de admissão à universidade — que desejam valorar e efectivar negociações ou contratos com coisas do afecto, da afectação. Entendem-se por que dizem das amizades e intimidades familiares, que sentem na proximidade quase sanguínea dos corpos conhecidos e revistos nos encontros habituais de sociedade, os negócios adultos de emoções. Em contraposição às leis de Roma, estão as Leis de Manu, nas

raízes de um Direito cósmico, inacessível à razão — a doutrina da transmigração das almas ou do movimento renovável do Amor.

«— Com as antigas guerras acabadas, surgiu um novo tipo de luta: esta é a época da guerra da emoção. Tipo de guerra, portanto, em que os insensíveis e os que não têm imaginação não se quer repararão. Mas começou a sério».

As analogias e encontros desta história de Yukio Mishima com os antigos e novos romances europeus, que o tornam inteligível na essência — mesmo com uma tradução inqualificável, onde não parece ter havido a preocupação em agarrar os ritmos da escrita e que se limitou à transposição do texto japonês para um texto português, ficando pelo caminho o «aroma» específico que as línguas têm —, são um já acervo bolorento de avós mortos e caídos no esquecimento (hoje já ninguém se preocupa com os «males do coração» e é nisso que o pensamento e as filosofias orientais mais se aproximam da pureza de uma infantilidade, que tanto custa a perceber aos ocidentais).

Essas paixões fortes, suspirantes, envergonhadas e tímidas, passaram já à classificação de de ridículo antropológico. E é justamente nessa qualidade de ridículo antropológico que elas abanam as estruturas do homem, horário de 40 horas semanais e fugidas aos carros (!) em Domingos de sol, que desconcerta aquele que, um pouco como Honda, arrumou desde sempre o sentimento num baú esquecido de infância (teve-a?). O sistema nervoso central desassossegado posto que lendo «Neve de Primavera» não encontra (a acção dos filmes de John Wayne: a mesma pistola mata cinquenta de uma vez, cinquenta índios, e depois beija-se a noiva submissa, e de seguida joga poker e ganha, e dá um estalo no batoteiro, e bebe de um trago másculo o Whisky de uma garrafa de litro, e etc...) de caras, os rostos de uma morte violenta, suicidária, criminosa: encontra-se a violência crua, da morte natural, obrigatória, de bilhete já comprado, porque só ela — e sem ela nada feito — permite a união, sem mais consequências ou exigências de colectivo, dos que na vida se separaram porque percorreram o irrevogável rosário dos sentidos.

O ponto em que o Oriente não é Ocidente é quando o Céu (paraíso) — em que ninguém acredita mas finge que sim — é mentira de reencontro, e o Karma é o assegurar da continuidade



do Ser: «— O que quero dizer é que talvez a reencarnação não seja mais do que um conceito que inverte o modo como nós, os vivos, vemos vulgarmente os mortos, um conceito que exprime a vida do ponto de vista dos mortos».

Amar é o pecado que mais caro se paga, porque se trata de querer tocar-

agarrar o sagrado, e o grande logro dos deuses — com o qual se fartam de divertir —, é o de terem dado ao homem «a fonte dos milagres, no entanto o seu toque conspurca».

Aí entra a homossexualidade — de Mishima e não só — que por ser antinatural biologicamente, é o grande desafio da irreverência à vida, como se o ho-

mem, alguns homens, por vezes sentisse a enorme vontade de mandar as religiões passear, e quisesse decidir de si sem mais correntes que as que se inventam.

O grande pecado de Quioáqui, que os pais não perdoaram e alguns leitores não lhe perdoaram nunca, é o de não ter querido utilizar os serviços das gueixas que o pai várias vezes lhe pôs à disposição. Quando a carne anda entretida, o espírito dorme e não alimenta angústias. O pequeno e fútil aristocrata foi mais longe, e qual metafísico do Amor, utilizou-usou a carne como ponte vertiginosa para o espírito.

«Para nos purificarmos de um pecado tão próximo do sacrilégio temos de cometer outro. No fim, os dois anulam-se mutuamente como se nunca nenhum tivesse existido. Um mistura no outro uma forma de escuridão, e espera que esta se tinja do tom róseo da fatídica madrugada que está para vir. E acima de tudo que o segredo se mantenha».

Este é mais um livro críptico de Mishima em que as muitas possíveis leituras se justapõem, em camadas que se interpenetram, dando assim sentido ao argumento de uma alquimia das sensações, a uma «Ars Magna» só para iniciados, que só aqueles que não pertencem à classe maioritária dos homens-bichos, podem manejar sem perigo de queimaduras graves.

Yukio Mishima é como o Zenão de Margarite Yourcenar: prefere a experiência de ver o seu próprio sangue escorrer-lhe das veias e com ele a vida, à estúpida morte por acidente de tráfego.

Por isso nenhuma das suas personagens, em nenhum livro seu, acabam como um qualquer animal escorraçado. Tratam-se sempre de mortes intelectuais, eruditas até.

Não disse nada — e falei bastante — porque nada de absoluto se pode dizer. Nem do que não nos disse o Samurai, nem do que não pode ninguém. A literatura e o nosso vizinho do lado o mais que podem é ajudar-nos a despertar de um sono pesado. Ou ainda nos dão mais sono (o livro porque pode ser grande e enfadonho. O vizinho porque só discute futebol). Do desporto nasce um sonho onde habita o Amor, e o grande ódio também. Tudo é semelhante ao facto de estar fora do nosso alcance.

De resto, que interessa se, o momento em que um beijo acaba...

Luís Guilherme Robalo
Neve de Primavera, Yukio Mishima,
Ed. Presença, Novos Continentes, 1.ª ed. Lisboa, 305 págs.

Folhetim de Jrupe Emigrilian na Pág. 5

Um Menino da Luz em Goa

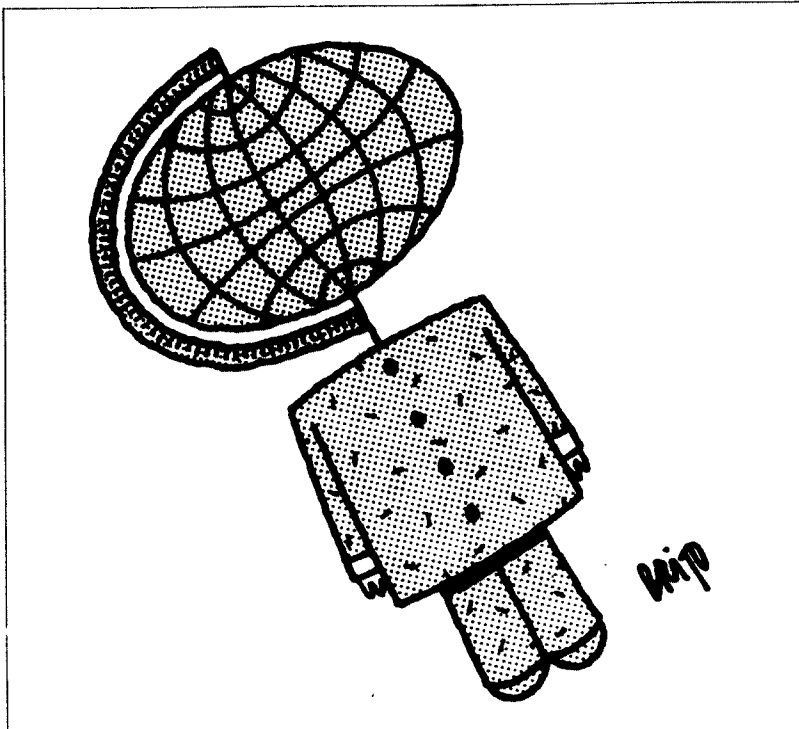
Os dois livros («No Reino do Zacatraz» e «Adeus Goa, Adeus Lisboa») levam-nos a acompanhar o jovem Henrique João Mendes, aliás o coronel Ribeiro Simões, numa peregrinação crítico/saudosista através do mais antigo e tradicionalista colégio português e de uma pseudo portuguesa Índia dos vice-reis (já sem eles) e em vésperas da invasão.

Ribeiro Simões nasceu, cresceu e tem vivido numa época rica em acontecimentos que marcaram bem a vida portuguesa e, como sempre se soube interrogar, observar e tirar conclusões, as obras que escreveu acabaram por resultar num misto de memórias e de testemunho. De indiscutível validade. Através de «No Reino do Zacatraz» nós cursamos o Colégio Militar numa época bem caracterizada, que correspondeu ao aparecimento, ascensão e triunfo do fascismo, tanto no âmbito europeu como no nacional. Natural portanto que uma forte aragem fascizante soprasse pelos claustros naquela época; porém, para além dela, subsistiam as realidades e as amarras de sempre, que subordinam e condicionam os restantes aspectos da vida colegial: o ritual, a tradição, a camaradagem. Nesta viagem guiada pelo Colégio Militar, Ribeiro Simões fez-nos contactar as diversas camadas de jovens que o frequentam: os filhos dos oficiais subalternos e capitães; dos oficiais superiores e generais; dos industriais e latifundiários; e em baixo, os pobres, assistidos. Sendo tão diferentes, algo porém os une, os igualiza, muito mais que o uniforme cor de pinhão. Trata-se da camaradagem, o ci-

mento que mantém unido e coeso um Colégio tão rico em tradições e contradições.

«Adeus Goa, Adeus Lisboa» levam-nos até à Índia, a esplendorosa Goa, não já a Roma do Oriente, mas o que resta duma passada epopeia de que muito justamente nos orgulhamos. O adeus à Índia processa-se em dois tempos, através de duas comissões de serviço do dr. João Mendes/Henrique/Cor. Ribeiro Simões, intervaladas de cinco anos, a morderem o final da presença lusa em terras do Indústão. Logo na primeira, nos apercebemos que tudo se encontra praticamente consumado, que o ciclo da descoberta, conquista e navegação, ficou já para trás, definitivamente arrumado nos arquivos da História e que no pós-II Guerra Mundial não há mais lugar para o colonialismo. Mas em Portugal, um velho solitário e cruel acha que não, e teima em prolongar um Império acabado, saindo da História e ficando orgulhosamente só. O percurso para a catástrofe acelera-se. Na segunda comissão, o Império das Índias entrou já no estertor e pouco falta para que a invasão aconteça. Resta apenas que o tempo passe, o tempo que falta para acabar as comissões. Este tempo pode representar a vida ou a morte. Ninguém tem ilusões, «depois de mim, o dilúvio».

João Mendes sabe que nada mais pode fazer senão aguardar e resolve aguardar, amando; procura novos amores e amores antigos. Amar ainda é a melhor maneira de preencher a vida, de tentar dar um significado e um objectivo a uma existência carecida de ambos. O



que está a fazer ali? O que é que ainda estamos a fazer ali? As ruínas do passado nada têm a ver com o presente, são marcos caducos dum tempo grandioso que passou e que, muito antes dos hindus, um cortejo de medíocres governadores, com as suas cortes de funcionários corruptos e incompetentes, destruiu. Homens como Camões, Pedro Nunes, Garcia de Orta, Duarte Pacheco Pereira, Diogo de Couto, Afonso de Albuquerque e tantos outros, há muito

que deixaram de aparecer pela Índia. João Mendes desiste de pensar e resolve sonhar. É o que lhe resta, com efeito.

Temos pena que o «Adeus Goa, Adeus Lisboa» se não situe melhor na panorâmica internacional da conjuntura, que não seja mais rico em referências aos acontecimentos que se vão processando. Neste aspecto, «No reino de Zacatraz» está melhor conseguido. Também temos pena que o dr. João

Mendes não se chame Henrique e que não seja o jovem «herói» que andou pelo Colégio Militar. Ter-se-ia conseguido assim um elo de ligação entre os dois romances, que se completam, e os próximos que com certeza não deixarão de aparecer. Porque o coronel Ribeiro Simões criou, perante os seus leitores, essa obrigação.

Nascido, como dissemos, numa época muito importante para o processo histórico, nacional e internacional, no rescaldo da I Grande Guerra, nos chamados anos loucos, em que a Europa procurava esquecer os negros anos das trincheiras atordoando-se e criando as condições para a repetição da tremenda tragédia; assistiu à implantação do fascismo; à II Guerra Mundial; à guerra fria que salvou a ditadura salazarista; ao estertor dos Impérios da Índia e da África, ao fim do colonialismo e ao 25 de Abril, que sempre desejou.

É da experiência recolhida ao longo dum quotidiano rico em acontecimentos históricos que o coronel Ribeiro Simões nos tem vindo a falar numa linguagem sugestiva, acessível e compreensível, adequada ao fim em vista. É indispensável que os vindouros tomem conhecimento por romances de memórias e de testemunhos, como viviam, amavam, sofriam e morriam os portugueses que fizeram a Guerra Colonial e foram capazes de realizar o 25 de Abril — berço do Portugal Democrático.

Carlos Fabião(*)

(*) Antigo chefe do Estado-Maior do Exército e membro do Conselho da Revolução

«Vida e Amores de uma Mulher Demónio», Fay Felton, Presença

ESTE livro reflecte, romanesca-mente, o difícil posicionamento da MULHER na sociedade.

Começando por ser o relato acomodado de Ruth, a esposa paciente de um homem que mantém uma relação amorosa com Mary Fisher, «Vida e Amores de uma Mulher Demónio» transformar-se-á na serena manifestação da conquista da autonomia de Ruth porque o que está em causa não é a diferença dos sexos. O ser-se macho ou fêmea... O que está em causa é o PODER. A sua quase total distribuição pelos homens, diz-nos Ruth no final deste romance: «Por vezes, deixo Bobbo dormir comigo. Ou tomo os meus amantes à sua frente. Que remoinho agradável isso provoca em toda a habitação! Até os

cães amam. Causo a Bobbo tanta infelicidade como ele me causou, e ainda mais. Tento não o fazer, mas, não sei como, afinal de contas não se trata de uma questão masculina ou feminina; nunca se tratou — a questão é meramente de poder. Eu tenho tudo, e ele não possui nada. Ele é agora como eu era.»

Um romance onde o fantástico surge como o imprescindível signo do apelo à mobilidade de todos aqueles que em dorida quietude se observam manipulados, «Vida e Amores de uma Mulher Demónio» é o necessário grito de todos os explorados. Aqui personificado em Ruth que, farta das convenções burguesas, larga os dois filhos. Os deposita na delicadoce intimidade do marido e da sua frágil amante — Mary Fisher.

Liberta dos filhos, Ruth rumina a vingança. Tornar-se-á rica e bela. Será uma cópia de Mary Fisher. E a si fará regressar o marido...

Para tal, forçoso lhe é um ardiloso agir. Despojar-se da sua transparência.

Transformar-se! Passo a citar: «visto que não posso mudar o mundo, vou mudar-me a mim.»

Ruth altera o seu comportamento. Metamorfoseia-se. E, sozinha, vive múltiplas experiências. As concordantes com as diversas personalidades que assume para se vingar do marido. A si o trazer, docilmente. Soberanamente. Tão despersonalizado quanto ela o fora na companhia dele.

Aprendeu a despojar-se dos filhos. Aprendizagem penosa: «Um filho é um filho: uma mãe, uma mãe. Torço-me e retorço-me de culpa e dor, apesar de saber que quanto mais quieta ficar mais depressa me curarei, me libertarei da pele velha e rastejarei renovada, para o mundo.»

Ódio e solidão, Ruth consegue desestabilizar a cáldia harmonia de Bobbo (o seu marido) e de Mary Fisher. Mais: condiciona Mary Fisher à impotência.

Rodeada de problemas, a escritora de romances amorosos perde a capacidade

de os escrever: «Mary Fisher terminou um romance, «A Longínqua Ponte do Desejo», e submeteu-o à apreciação do seu editor, que lho devolveu com a recomendação de alterações profundas. Ficou alarmada, preocupada e desconcertada.»

Ao reconhecer na amante a desgastante acção da MULHER submetida às condicionantes preocupações de uma casa ocupada por dois garotos (os filhos de Ruth e de Bobbo), uma velha maldosa (a regressada mãe de Mary Fisher), Bobbo começa «a achar opressivo o caminhar entre a cidade e a Torre Alta». A afastar-se de Mary Fisher. A conferir-lhe o secundário estatuto que atribuíra a Ruth...

Veja-se como Ruth considera estas mutações quando afirma: «Mary Fisher tem de renunciar ao amor, mas não pode. E como não pode, Mary Fisher tem de ser como toda a gente. Tem de tomar o lugar que lhe foi destinado entre o passado e o futuro, dividida entre a

geração passada e a nova: não pode fugir. Quase o fez: por pouco não se tornou a sua própria criação. Mas eu impedi-a. Eu, a megera, criação do seu amante, meu marido.»

Ruth, o produto revoltado de um casamento onde o misogénio do macho a nadizou, reformula-se. Inverte as ancestrais ocupações no cenário social em que o masculino lidera maquiavelmente. Até à ilimitada proporção da-quele que é soberano absoluto. Porque?

Ela torna-se a possuidora do dinheiro. Aquela que legisla...

Uma arguta contemplação do modo de estar da mulher é «Vida e Amores de uma Mulher Demónio». Um símbolo a ser lido por todas as mulheres pela clara intelecção que ao descodificá-lo se lhes poderá oferecer, digo-vos conhecedora dos insuportáveis «Bobbos» com que, em cada espaço por onde nos movamos, nos deparamos. Indescritível tédio nos sentidos...

Ana Paula Portugal

«Resposta a Matilde», Fernando Namora, Bertrand

É uma daquelas novelas que deve ser lida repetidas vezes ao nosso caminhar existencial. Porque? A sua escrita tão realisticamente captadora do quid no convívio humano só pode ser inteligida pelo leitor que maduramente se posiciona no mundo. Aqui localizado na cidade de Lisboa, mas a-espacial por causa da universalidade do seu enredo. Simples e absurdamente trágico, tal como a vida.

Por razões óbvias (já vai na sétima edição) não contarei a história de «Resposta a Matilde». Contudo, dela salientarei frases que para mim são o absoluto na manifestação do SER e às quais de

modo algum prestamos atenção quando temos dezoito e mesmo vinte anos. Assim, citarei a última afirmação desta novela: «Era aqui um desconhecido.» Fim perfeito no retratar da burlesca tragicomédia que é a mundivivência dos personagens e da nossa. Um fim triste e insólito como é o termo de todo o existir. E no qual se revela a empática comunicabilidade das tragédias gregas. Sempre tão actuais!

O HOMEM e a sua circunstância, isto é: a relatividade do seu agir em função das situações que enfrenta, me parece ser o tema de suporte a «Resposta a Matilde». E, por isso, o apanhar de frases como: «Não, já não acho estranho. Nada existe nas pessoas de estranho. Sabia-o antes de o saber. O banal é apenas o limite do extraordinário — o horror é apenas uma questão de surpresa. A perfídia, a traição, o resto.»

A quietude torna-se angústia, irrespirável o libertador se o nosso corpo é, inesperadamente, atraído pelo não quotidianamente descodificado. Também, só deste modo um café banal ganha uma estonteante atmosfera. O céu se transforma... Passo a citar: «De qualquer modo, a rotina quebrara-se. O café era outro. Outras as suas personagens. Aqueles quarenta minutos de saboroso intervalo no rodopio de lições tinham deixado de ser um oásis recuperador. Pelo contrário, como já dissemos: ele entrava e saía enervado.

Entrava expectante, ansioso de coisas antecipadamente improváveis, e saía frustrado.» Ou: «Uma coisa rústica, a verdade de uma coisa rústica, e ei-lo que, enfim, repara que o azul do céu, fora da cabina telefónica, esmorecera desde a véspera — na cidade o céu não existe.»

Quem assim apreende as mutações que o indivíduo sofre só pode ser alguém que ESCUTA o ser humano. A si próprio num recolhimento atento ao exterior. Alguém que vê para além do manifesto. Que no fenómeno capta o invisível que lá reside...

Ao reler «Resposta a Matilde», vi-me a pensar no teatro de Sófocles e no teatro de Molière e, especificamente, na obra «O Vermelho e o Preto» de Stendhal. Porque? Em todo este livro há o nítido eco da tragédia e da comédia no tratamento da paixão.

Vi-me, portanto, a pensar a historicidade estética. O homem enquanto produto e produtor de cultura. O genial e forçado mediador de todo o SENDO.

Mediadora é a palavra que se assume a «casa do ser» (cito Heidegger) em «Resposta a Matilde». Novela que me fez relembra «A Personagem» de Ma-

ria Ondina Braga e «Que Pena Ela não se Chamar Maria» de Regina Louro. Pois, nas três citadas obras há a preocupação de captar um personagem. O claro ostentar literário dessa intenção dos autores. E embora nos dois primeiros essa busca seja expressão do trágico, ela não perde força no último. Neste, Maria Regina Louro agarra nas coisas graves para se rir delas, as desdramatizar. Elas são o quotidiano, parece dizer-nos Regina Louro com o seu humor desmistificante...

Muitas outras questões se poderiam colocar a propósito de «Resposta a Matilde». Porém, não as levanto. Hoje pretendo apenas aconselhar-vos a reler alguns livros, hipoteticamente, esquecidos nas vossas estantes. Estes que vos referi...

A.P.P.

Robinson Crusoe

— um caso extremo no seio da natureza

«A vida social e histórica é um conjunto estruturado de comportamentos de indivíduos agindo de maneira consciente — quer esta consciência seja verdadeira ou falsa, quer adequada ou não adequada — em (ou sob) certas condições do meio natural e social» — assim se expressa o sociólogo Lucien Goldmann. Um dos seus postulados é o seguinte: *O homem faz parte da sociedade que se propõe estudar. Mas se atentarmos num caso extremo, no homem só, naufragado, por exemplo, numa ilha deserta...*

Por economia de espaço, exponhamos um caso em dezassete pontos.

I — Imaginemos Robinson Crusoe na ilha em que, após o naufrágio, se encontrou sozinho de qualquer semelhança. Uma vez que, nessa ilha, não existe qualquer sociedade, Robinson não fará parte de nenhuma sociedade. Logo: *Robinson não se propõe estudar, por impossibilidade manifesta, nenhuma espécie de sociedade.*

II — Robinson não está inserido numa sociedade. Robinson está inserido na solidão da natureza da ilha que, por «x» tempo, lhe servirá de abrigo e de meio de sobrevivência.

III — Se não pode estudar uma sociedade, que não existe na ilha, o que é que Robinson poderá estudar de maneira que se situe no centro de um círculo que, como é óbvio, o cerca por todos os pontos?

IV — Robinson unicamente poderá estudar a natureza (do que, aliás, faz parte) avaliando, pela prática, as possibilidades que tem para a submeter aos seus desígnios, isto é, suplantando o «modus vivendi» que lhe foi imposto pelo acaso de um naufrágio.

V — Robinson encontra-se no interior de um círculo, constituído pela natureza, e tem de estudar, não homens como ele (o que implicaria relações sociais), mas um sem-número de pontos que precisamente constituem o círculo da natureza que o esmaga, o aperta, o truca.

VI — É no estudo desses pontos que constituem o círculo da natureza, e se lhe opõem criando os mais diversos problemas, que Robinson tem de se servir de *todas as suas potencialidades intelectuais*. Ou por outras palavras: construir um abrigo, angariar alimentação, aproveitar os tempos livres (o ócio), etc., de forma a que as suas estruturas mentais permaneçam vivas, com sangue, com inventiva, a fim de que ele, Robinson, não se acomode e não se transforme num mero autómato ou num simples abúlico.

VII — Aqui, neste caso «sui generis», Robinson não descuidará a memória dos tempos de antes do naufrágio. Assim, utilizará, por assim dizer, um simulacro das instituições e cerimónias do seu país de origem (a Inglaterra). Porque conservou a ordem do calendário (bastou-lhe fixar o dia e o ano em que naufragou no tronco de uma árvore), Robinson saberá comemorar, por exemplo, determinadas datas históricas, de festa nacional, de aniversário, de efemérides, de factos sociais. Neste ponto, poderemos dizer que Robinson, embora só situado no meio da natureza da ilha a que o naufrágio o trouxe, também se acha situado, através da memória, no meio humano em que anteriormente viveu. Há em Robinson, perdido na natureza e transformando a natureza, um pensamento sociológico.

VIII — Logo: a sociedade para Ro-



Daniel Defoe e a sua «criatura»
Robinson Crusoe

binson não é uma abstracção. Ele, naufrágio, sabe que existem outros indivíduos — e quando ele, Robinson, viveu entre esses outros indivíduos, «o conceito de consciência colectiva (para fora da época de D. Defoe, citar Lucien Goldmann) era uma noção que designava um conjunto de consciências individuais e das suas relações mútuas» — e que esse conceito não poderia porventura situar-se fora dessas consciências.

IX — Mesmo que Robinson não concebesse lapidadamente este juízo, a verdade é que a sua actuação na solidão da ilha, quer através da sua coragem e vontade com base num mundo habitado que ele sabia existir (e que, portanto, se não resumia a uma pura reminiscência), quer através de representações humanas (uma data histórica, o dia do aniversário, o hastear da bandeira inglesa, um fogo de artifício, etc.), quer ainda na antropomorfização, via ócio, via necessidade e via jogos, de gestos e actos impostos pela solidão do naufrágio (por exemplo: a masturbação num canteiro de flores como acto de «puro» amor e como acto também de urgente necessidade fisiológica), proporciona-nos um Robinson que (ousemo-lo dizer) é um aglomerado de heterónimos: há o Robinson que constrói a casa, o Robinson que caça, o Robinson que pesca, o Robinson que celebra aniversários (o seu ou oficiais), o Robinson que constrói defesas contra possíveis ataques, o Robinson que (pelo fogo ou por outros sinais), assinala face ao mar a sua presença na ilha deserta, o Robinson que «faz amor» num canteiro de flores, etc. Ora que significam tantos Robinsons...

X — Significa que «o indivíduo é um ser social», como diz Marx, antecedendo este juízo pelas seguintes palavras: *É preciso evitar antes de tudo fixar a «sociedade» como abstracção relativamente aos indivíduos.*

XI — Robinson, pois, com as suas atitudes, mostra que, apesar de abandonado numa ilha, sem (até certa altura)

qualquer contacto humano, não prescindindo, como indivíduo, de ser «um ser social». Ele realiza o esforço de «evitar (...) fixar a «sociedade» como abstracção» relativamente a si — até porque, muito concretamente, veio de uma «sociedade» de que o naufrágio o separou. Numa palavra: ele recusa-se a estar só, fora dos outros indivíduos, fora de uma «sociedade». Nega-se a que a sociedade seja para ele uma mera «abstracção».

XII — O seu comportamento na ilha (e citando agora Lucien Goldmann) «é uma exteriorização e uma confirmação da vida social».

XIII — Robinson (por civilização adquirida, por inteligência, por instinto, por animalidade até) sabe, sente, acredita que faz parte de um todo. Atentemos em Piaget («Psychologie de l'Intelligence»): «É necessário à sociologia considerar a sociedade como um todo ainda que esse todo, bem distinto da soma dos indivíduos, não seja senão o conjunto das relações ou das interacções entre esses mesmos indivíduos». Este juízo de Piaget, em «Robinson Crusoe», é concretizado quando dois homens (um branco, o outro negro) passam a viver na ilha: Robinson e Sexta-Feira. A aproximação entre os dois é toda uma cadeia de interacções, de desconhecimento e conhecimento mútuos de desconfiança, de amizade, etc.: uma civilização e outra civilização. Choque e apaziguamento, fúria e riso, agressão e abraço. Um todo, enfim, de duas parcelas distintas.

XIV — Quanto ao juízo já acima transcrito («A vida social e histórica é um conjunto estruturado de comportamentos de indivíduos agindo de maneira consciente — quer esta consciência seja verdadeira ou falsa quer adequada ou não adequada — em (ou sob) certas condições do meio natural e social»), talvez se possa afirmar que, na ilha deserta a que nos temos vindo a referir, tal

a) Primeiro, na ilha, é só Robinson; e, mais tarde, Robinson e Sexta-Feira.

b) Robinson, quando isolado, limita-se a jogar com representações (ou melhor: memórias de uma vida em sociedade que conheceu, quer embarcado, quer desembarcado).

c) Robinson, isolado na ilha, limita-se a representar aquilo que sabe existir em sociedade, seja esta uma cidade (muitos) ou seja um pequeno grupo de indivíduos (a tripulação de um barco).

d) Quando do encontro de Robinson e Sexta-Feira esboça-se, sem dúvida, «um conjunto estruturado de comportamentos de indivíduos agindo de maneira consciente (...).

Só que, no contexto do romance («Robinson Crusoe»), há uma superioridade do primeiro (Robinson) sobre o segundo (Sexta-Feira). O primeiro é um homem «civilizado» (isto é, pertence a uma sociedade que tem o poder na mão, sabe construir barcos de grande porte e atingir (naufrague ou não), pontos longínquos do Globo; o segundo, pelo contrário, desfruta de uma civilização muito localizada, ausente de barcos de grande porte, atingindo somente pequenas distâncias. Significa isto que o primeiro (Robinson) se encontra apto a colonizar Sexta-Feira. Em certa medida, é o que se verifica na obra literária em referência, muito embora (porque são dois homens frente a frente face à mais ampla solidão) ocorram momentos de verdadeira amizade, de grande companheirismo, de mútuo entendimento, etc. Evidentemente que, nas «condições do meio natural» em que se encontram, haverá sempre duas reacções (e, se duas, logo diferentes) perante determinados fenómenos: Robinson, por exemplo, sob uma trovoadas, não patenteará o comportamento que, sob o mesmo fenómeno, Sexta-Feira exhibirá. Nada de pejorativo na diferença entre os dois homens: ambas representam duas civilizações — uma, a de Robinson, mais apetrechada (ou mais impura); a outra, a de Sexta-Feira, mais escassa em expedientes empíricos (ou menos impura).

XV — Se nos debruçarmos sobre o ponto de uma outra tese de Lucien Goldmann, segundo o qual *a estruturação resulta do facto dos indivíduos — e dos grupos sociais que os indivíduos constituem (grupos formados por indivíduos que se encontram em relação mútua e, sob outros ângulos mais ou menos importantes, em situação análoga) procurarem dar respostas unitárias e coerentes ao conjunto de problemas que as suas relações põem ao meio ambiente, ou, por outras palavras, estabelecerem pela sua prática um equilíbrio entre eles a esse meio ambiente* — temos de concordar que, nos casos extremos de Robinson Crusoe, há, no entanto, uma busca de «respostas unitárias e coerentes ao conjunto de problemas que as suas relações colocam ao meio ambiente». Há um equilíbrio que ambos, pela prática, tentam estabelecer (ou estabelecerem) entre eles e o meio ambiente. Para já, uma coisa é comum a ambos: quer Robinson, quer Sexta-Feira «fazem amor» (individualmente) sobre um canteiro de flores. Isto mostra que o que o que é verdadeiramente humano, animal, fisiológico, ultrapassa em muito a origem de Robinson e a origem de Sexta-Feira. Digamos que são dois puros reagindo num meio ambiente que não satisfaz as suas necessidades (no caso, fisiológicas). Logo: são dois homens, são o Homem. E por isso mesmo reagem sobre um meio ambiente escasso, utilizando processos adequados e inadequados.

XVI — Face ao ponto da tese de Goldmann, de acordo com o qual «a existência de qualquer (ou todo) grupo social constitui um processo de equilíbrio entre um sujeito colectivo e o meio social natural», temos de concluir que só dois homens (Robinson e Sexta-Feira) não constituem verdadeiramente um grupo social, pelo que concluiremos afirmando que nos propusemos tratar um exemplo (ou caso) extremo de dois pontos da Tese de Goldmann («Points de Départ», in «Épistémologie de la Sociologie»).

XVII — Mas precisamente por ser um caso extremo, um caso de escassez de homens (primeiro um, mais tarde dois) perante a Natureza, ou no seio da Natureza de uma ilha perdida algures no mar, é que sobressai o estudo da Natureza por esses homens, por esses dois homens — e também a transformação da natureza nomeadamente pelo primeiro (o segundo já é «ensinado» ou, então, «colonizado», o que se verifica, por exemplo, por parte de Robinson, quando este constrói um abrigo, quando levanta defesas, quando caça, quando pesca, etc. Quando, enfim, procura, assinalando a sua presença aos barcos que passam ao largo, integrar-se em sociedade, a fim de, adequada ou inadequadamente, consciente ou inconscientemente, saber enfrentar o meio ambiente através de um colectivo consciente, isto é, através de uma mistura de indivíduos. Dos quais, como é óbvio, se virão a destacar aqueles que, através das classes sociais, saberão programar o devido processo de luta. Parafraseando Lucien Goldmann: esses indivíduos virão a constituir «aqueles grupos cuja práxis é orientada para uma estruturação global da sociedade e entre esta e o mundo físico (...)». Nós diríamos ainda: até porem o pé na Lua. Como, aliás, já puseram.

Pedro Alvim



Livros dos Sakharov anunciados em Frankfurt



E.U.A. o lançamento simultâneo desta autobiografia em quase todas as línguas europeias, previsto para 1990.

O genro dos Sakharov, Efrem Yankelevitch, que representa oficialmente o casal no Ocidente, viajou de Boston para a R.F.A. para fornecer, na Feira, dados sobre o texto, que esteve para quase não conseguir sair da U.R.S.S. e que foi, o longo de anos, e segundo disse, roubado, apreendido, etc. O manuscrito poderia chamar-se «O livro que nunca devia ter sido escrito» ou então «Diário de um desaparecido», disse Yankelevitch.

Estas memórias de Sakharov, que vêm até 1983, deverão ser publicadas no ano que vem simultaneamente por dez editores. Uma edição russa está também prevista, da responsabilidade de Chekhov, de Nova Iorque. Há indícios de que editores portugueses estão também a tentar comprar os direitos do livro. Além disso, sai este mês na Knopf, também americana, *Together alone*, o livro deixado por Elena Bonner no Ocidente, em relação ao qual também existe uma corrida para compra de direitos. Aparentemente, o livro de Elena Bonne, retoma o texto do marido no momento em que este termina, abrangendo a vida do casal em Gorki até 1985.

No domingo passado, a Feira de Frankfurt homenageou o laureado deste ano com o Prémio da Paz, o historiador polaco Wladislaw Bartoczewski.

Inédito de Sartre editado no Brasil

A Conferência de Jean-Paul Sartre em Araraquara, pronunciada quando da estada do escritor e filósofo no Brasil, entre Agosto e Novembro de 1960, acaba de ser publicada por iniciativa de Universidade do Estado de São Paulo.

O texto tinha-se mantido inédito, embora apenas resume o pensamento sartreano da época, inteiramente sintetizada nas *Questions de Méthode* (originalmente publicado na *Temps Modernes* em 1957) e na *Critique de La Raison Dialectique* (de Abril de 1960). Trata-se de um período crucial na evolução de Sartre: ele estava a testar a antropologia sintética que defendeu nessa conferência a propósito do seu estudo sobre Flaubert (*O idiota da família*, que apenas será publicado dez anos depois).

Nessa conferência, Sartre responde a duas perguntas de um professor de filosofia brasileiro, Fausto Castilho: «Como pode alguém dizer-se ideólogo? Pode-se ultrapassar a filosofia sem a realizar?»

Depois de recordar que «a ideia da realização da filosofia é uma ideia marxista», Sartre sublinha que «nunca houve filosofia verdadeiramente contemplativa». «O filósofo é um homem (...) que deve poder responder diante de todos pela sua filosofia como pelos seus actos». Essa noção terá sido «escamoteada no marxismo, pela ideia da realização da filosofia».

Depois, Sartre explica que a filosofia de Descartes «não se realizou na filoso-



fia de Kant, nem foi ultrapassada pela filosofia de Kant (...): morreu, e outra nasceu».

A conclusão que Sartre daqui extrai é a de que «não pode, neste momento, haver filosofia», porque são filósofos «os homens que têm a sorte (...) de serem, em dado momento, a expressão de uma sociedade que se conhece a si própria na sua profundidade».

Como aconteceu com as outras filosofias, diz Sartre, «o sistema marxista reventará» e será substituído pela «filosofia da liberdade». A condição de surgimento dessa filosofia é a abundância. O marxismo poderá ser, poderá em parte ser, recuperado por uma sociedade em que o homem estará desalienado, e, portanto, livre. O marxismo é mortal, mas actualmente tem coisas de sobra para fazer. No seu seio, «o existencialismo é uma ideologia», e aqueles a que se chama «filósofos da existência» deviam antes ser chamados «ideólogos da existência».

Segundo Sartre, o marxismo não foi capaz de lidar com a antropologia, a qual deve ser dado um fundamento. «Temos por um lado antropologias estruturais e por outro históricas», e tratar-se-ia — como pedem a situação e a época — «de fundar uma antropologia estrutural e histórica».

Misericórdias, livro e jornal

O livro «Misericórdias, Ontem, Hoje e Amanhã», 400 páginas de comunicações, notícias e imagens do II Congresso Internacional das Misericórdias, realizado há um ano, está praticamente concluído e em vias de lançamento.

Entretanto, o jornal *A Voz das Misericórdias*, que conta actualmente cerca de 9000 assinantes regulares, vai passar a ser posto à venda em 3500 postos públicos em todo o País, distribuído pela Electroliber.

Communio, novo número

Está em distribuição o quarto número deste ano da revista internacional *Communio*, dedicado ao tema **novas realidades eclesiais**.

O fascículo inclui colaboração de Carlos Silva (Visão Cristã do Homem num Ambiente Cultural Secularizante); Bento Domingues (A Igreja em África: alguns problemas); Johannes Hermans (Celebração da Eucaristia com crianças); Walker Kasper (A Igreja como *Communio*); Peter Stilwell (Consciência da Igreja); José Leitão (Uma nova realidade eclesial); Manuel Pinto (Metanoia — Um movimento novo para os meios profissionais).



Urbano traduzido na Roménia

O escritor Urbano Tavares Rodrigues fechou contrato com a editora Univers, de Bucareste (Roménia), para a tradução dos seus romances «*Exílio Perturbado*» e «*Dissolução*». As edições serão de 35 000 exemplares cada e as traduções estão a cargo de Micaela Ghiteanu.

Urbano Tavares Rodrigues, vai lançar ainda este ano, em edição da Europa-América, na Coleção Século XX, um novo romance seu, intitulado «*A Vaga de Calor*».

Novas colecções nas editoras

Ficção para jovens e economia e gestão vão «alimentar» duas novas colecções editoriais portuguesas, uma já lançada no mercado e outra prestes a sair.

A colecção de ficção a cargo da editorial Caminho, intitula-se «Caminho Jovens» e o livro inaugural chama-se «*Trovão, ouve o meu grito*» da escritora norte-americana Mildred D. Taylor.

«Biblioteca de Economia e Gestão» foi o nome escolhido pelas publicações Dom Quixote para a segunda colecção, cujo primeiro título, «As empresas portuguesas e a CEE», de John Drew, aparecerá em breve nas livrarias.

Galardoado em 1977, com o prémio Newberry, o mais importante da literatura infantil, e juvenil dos Estados Unidos, «*Trovão, ouve o meu grito*», tem como cenário o Sul dos Estados Unidos, nos tempos da depressão económica, anos 30.

Em cena, agricultores negros, «que procuram conservar a sua terra e o seu orgulho».

A autora é negra, nasceu no Mississippi e ensina jornalismo na Universidade de Colorado.

Manuel Ruas assina a tradução e Rui M. Filipe as ilustrações do livro.

«As empresas portuguesas e a CEE» tem por base um outro livro do autor, «como negociar com a CEE», e foi «escrito especialmente — refere a editora — para as empresas e empresários portugueses, cujos projectos pretende estimular (...)».

Faz-se no livro a análise de «todos os aspectos das consequências da entrada de Portugal para a CEE que são de importância quer para os empresários quer para as autoridades que com eles contactam sobre questões comerciais».

John Drew participará na segunda quinzena de Outubro em seminários no Porto e em Lisboa organizados pelo CIFAG.

A tradução de «As empresas portuguesas e a CEE» foi feita por Margarida Cruz.

Na terça-feira

Sete Ponto Sete

O ESSENCIAL DOS TEMAS ESSENCIAIS ESTÁ NA COLECÇÃO ESSENCIAL

Em breves mas substanciais ensaios, reconhecidas autoridades dizem-lhe o essencial sobre grandes temas e grandes personalidades das artes, da história, das ciências e da cultura. Cada volume 100\$00!

Colecção Essencial — a mini-enciclopédia ao tamanho da sua bolsa.

cada número
- essencial!
não deixe nenhum
em falta na
sua biblioteca

Um é Outros

Jrupe Emigrilian
Exclusivo LerEscrever

Capítulo XII

O enigma de Arezzo

Conhecia razoavelmente bem os frescos de Piero na Chiesa de San Francesco em Arezzo, o suficiente, pelo menos, para saber que a distribuição da Legenda da Vera Croce era diferente da normalmente praticada. Por razões que ainda permanecem por explicar inteiramente, Piero não pintara a história de uma forma linear, de cima para baixo e da esquerda para a direita, mas optara por dispor os frescos num trajecto sinuoso e distinto, que só o conhecimento prévio da história permitia identificar. O enigma de Arezzo era o da cegueira, e tinha razão A.T. ao dizer que as imagens estavam lá para significarem coisas diferentes daquilo que os olhos viam.

Nos rápidos quarenta quilómetros que separam Florença de Arezzo, recapitulei mentalmente os episódios da Legenda Aurea, a história da descoberta e glorificação da verdadeira cruz de Cristo, demandada por Elena e Constantino, na ânsia de derrotar os sempre turcos e sempre infiéis. E se Piero tivesse ali pintado toda a história do Ocidente, todo o drama desta cultura, que não soube nunca escapar à inutilidade das suas questões? Seria essa a razão do Deus, ao encaminhar-me para esse teatro de Arezzo, onde o homem ocidental se expunha assim, num coro humilde e quadrado?

Acelerei a fundo, guiado pelo luar que acentuava a silhueta daquelas colinas toscanas, polvilhadas de ciprestes que, noutros olhos e noutros tempos, tinham ajudado a marcar a construção das primeiras profundidades. Até ali, pensei, os sinais da morte se mantinham indeléveis e ignorantes, erectos e obscenos. «Deste buraco não se sai».

Quando cheguei a Arezzo, o relógio da igreja batia as 10 horas. Decidi estacionar o carro no início da vila e subir a pé o áspero declive que lhe marca o perfil, de baixo até cima, sem nunca se deter, o que faz as torturas dos muitos que por ali passam, nos primeiros sábados de cada mês, em busca de um «achado» no maior mercado de antiguidade de toda a Itália, onde facilmente se podem reconstituir retábulos inteiros de igrejas saqueadas ou, até mesmo, com um pouco de sorte, recheios razoavelmente sumptuosos de palacetes burgueses meio abandonados. Mas a esta hora as ruas da vila estavam já desertas, que nem hoje era dia de mercado e os Arentinos são gente rural de poucas falas e muito descanso.

Lembrei-me então que nada comeria depois do almoço e optei por entrar numa «távola calda» junto à casa de Vasari, do outro lado do largo da igreja. Havia pouca gente no restaurante; um viajante mal humorado que comia o seu «latte portoghese» e um casal jovem, decerto em lua-de-mel, numa mesa menos exposta. Sentei-me e encomendei um prato de «spaghetti al pomodoro» e uma «braccietta al ferri», um enorme naco de carne posta no churrasco e deixada curar até o suco lhe correr das entranhas. Afinal de contas, em lugar destes eram mais do que escusadas as urgências.

Seriam umas onze horas, quando saí do restaurante e me encaminhei para a Igreja de San Francesco. O ar estava fresco e seco, e o vento prenunciava já os rigores do Inverno toscano, especialmente desagradável para quem está habituado às doces tempestades da costa atlântica.

Parei um momento no centro do largo e olhei a massa imponente e rude da fachada da igreja. Acendi um cigarro, puxei para cima a gola do casaco e atravessei o largo em passos largos e furtivos, sem que eu próprio pudesse explicar a razão de tanta pressa ou susto.

Como A.T. me comunicara, a porta da igreja estava apenas encostada e, sem qualquer esforço, empurrei-a suavemente, até que a abertura me permitiu deslizar para o interior. Mal fechei a porta atrás de mim, acendi a lanterna. Colocado, como estava, no eixo geométrico da

nave da igreja, verifiquei, com surpresa, a extraordinária semelhança daquele espaço «real» com o que ainda há poucas horas contemplara no fresco de Santa Maria Novella. Embora sem protagonistas, também a enorme cruz suspensa sobre o altar, violentamente recortada pela luz da lanterna, deixava entrever, por detrás, a ameaçadora garganta do coro, em cujas paredes Piero dispusera as suas formas e a sua luz ao serviço da «istória» dos outros. O trompe-l'oeil cumpria assim o seu destino, quer dizer, lançava-me na sua (minha) realidade. Iria então conhecer a verdade?

Iluminei as paredes da igreja. Por todo o lado estavam dispostos grandes andaimes, que supus servirem ao restauro dos belíssimos frescos laterais. Encaminhei-me então lentamente para o coro. Quase por instinto, levei a mão à algibeira das calças. Tranquilizou-me o contacto com o aço frio do bisturi.

Propositadamente, desliguei a lanterna mal entrei no coro. A pouca luz que se coava pela janela, mal dava para notar a presença dos frescos, muito embora lhes sentisse as formas e os volumes, numa opressão tenebrosa e irresistível. Apontei então a lanterna para a parede da esquerda, voltada para leste. O jacto luminoso esbarrou contra um mundo de cores tão sólidas e puras que quase pareciam ultrapassar em potência a força da luz branca e crua. Sorri, um instante, pensando naquele meu velho professor de estética, grande apologista da submissa e apaixonada mancha nórdica, desdenhoso do apuro destas formas e do rigor cruel desta verdade. Afinal de contas, Piero realizara ali aquilo que, só quatrocentos anos depois, Cézanne compreenderia inteiramente: que a luz era coisa da cor. Para o artista italiano, tratava-se de fazer perdurar não apenas a história mas a luz, na própria matéria (no muro, na madeira e, finalmente, na tela) pela combinação subtil e rigorosa das cores. Como num cristal do tempo ou um laboratório fotográfico, os muros de Arezzo devolviam-me, nesse instante mágico, não apenas uma luz, mas a ideia de luz: Piero trabalhara ali para a revelação e não para a impressão.

Propositadamente, desliguei a lanterna mal entrei no coro. A pouca luz que se coava pela janela, mal dava para notar a presença dos frescos, muito embora lhes sentisse as formas e os volumes, numa opressão tenebrosa e irresistível. Apontei então a lanterna para a parede da esquerda, voltada para leste. O jacto luminoso esbarrou contra um mundo de cores tão sólidas e puras que quase pareciam ultrapassar em potência a força da luz branca e crua. Sorri, um instante, pensando naquele meu velho professor de estética, grande apologista da submissa e apaixonada mancha nórdica, desdenhoso do apuro destas formas e do rigor cruel desta verdade. Afinal de contas, Piero realizara ali aquilo que, só quatrocentos anos depois, Cézanne compreenderia inteiramente: que a luz era coisa da cor. Para o artista italiano, tratava-se de fazer perdurar não apenas a história mas a luz, na própria matéria (no muro, na madeira e, finalmente, na tela) pela combinação subtil e rigorosa das cores. Como num cristal do tempo ou um laboratório fotográfico, os muros de Arezzo devolviam-me, nesse instante mágico, não apenas uma luz, mas a ideia de luz: Piero trabalhara ali para a revelação e não para a impressão.

O círculo luminoso da lanterna percorria agora, um a um, cada detalhe dos frescos, em busca dos olhos fechados que a missiva me indicara. Seria decerto tarefa fácil, ainda que paradoxal. Em cada um daqueles rostos, era primeiro o olhar que feria a pedra, ferindo-me o corpo. Não eram homens e mulheres que se olhavam, mas estátuas. Também estas figuras

nunca tinham abandonado a pedra, parecendo antes terem emergido de um perpétuo sepulcro, como se o pintor não tivesse realmente juntado a tinta ao muro mas, qual arqueólogo, tivesse esgravatado a cal até deixar a descoberto este texto milenário que, no simples coro desta igreja, a mão divina decidira esconder do olhar impuro dos homens.

Ponho-me assim a seguir a linha dos olhares mudos que, mutuamente, se sussurram infundáveis segredos e vergonhosos mistérios: dos rostos de agonia da morte de Adão aos de serenidade do encontro da vidente rainha de Saba com a sabedoria de Salomão; da inquietação de Constantino em vigília à exaltação dos corpos de homens e animais na prodigiosa representação da batalha de Maqsenzio e Constantino, que este haveria de vencer, empunhando a milagrosa cruz de ouro.

Ilumino agora a Anunciação e as labirínticas deformações da cruz que a sábia perspectiva de Piero soube construir, por debaixo do suplicio do Hebreu, sujeito aos horrores do poço, por se escusar a revelar o verdadeiro sítio da Cruz. O muro permanecia fechado sobre si mesmo, nenhum olhar trespassara a prisão daquela narrativa. Todos olham todos, excluindo-me daquela história, reduzindo-me à condição de mero espectador de uma grande História que não posso impedir de acontecer, cada vez que acontece. Onde estavam pois os olhos que me olhavam sem me olharem?

Aponto agora a lanterna para o célebre fresco da batalha de Eraclio contra o persa Cosroe, que profanara a Cruz, colocando-a à direita do seu trono, na posição do Filho do Deus-Pai. O fresco está à altura dos meus olhos, na parede oeste do coro; à direita do fresco, o trono vazio de Cosroe, com a Cruz à direita e o galo sacrílego, no lugar do Espírito Santo, à sua esquerda; nos restantes 3/4 do fresco, a vigorosa representação da batalha, sob a mancha dos três estandartes vitoriosos de Eraclio, que ocupam a metade superior do fresco, na sua zona central. As batalhas de Piero! Em quase tudo superiores às de Uccello, tal o desprendimento de um mais baixo realismo e a total entrega às virtudes da geometria, onde as leis da física se submetem a uma muito mais precisa ordenação matemática do espaço. O contorno não marca aqui a individualidade dos corpos, mas a dimensão lírica da batalha, totalidade dinâmica, sincrética, dramática, onde os corpos não começam nem acabam, onde apenas o gesto singulariza a figura, num baile abstracto de cavalos violeta, rostos suspensos e corpos desencontrados.

E é ali, na batalha de Eraclio e Cosroe, no canto inferior esquerdo do fresco, ao nível da linha de terra, que olho o olhar da história, depositado numa cabeça anónima e decapitada, morta, fria, os olhos semicerrados que me olham sem me verem, o fim de um corpo para sempre desaparecido. Sufoco um grito. A lanterna cai-me ao chão; parte-se-lhe a lâmpada. Regresso ao escuro. Quero correr, fugir daquele lugar, mas os meus olhos, até aí habituados à prótese solar da lanterna recusam-se a devolver-me a vista. Tactio a parede, também eu prisioneiro da minha cegueira.

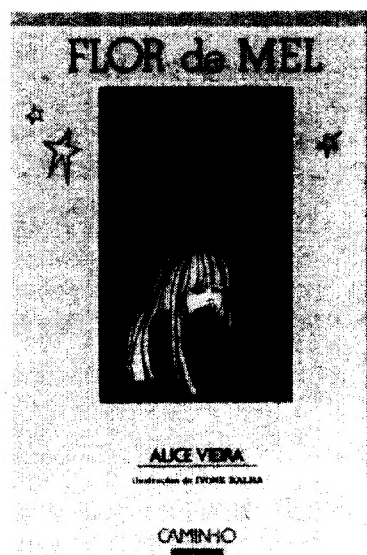
Ouçõ riscar um fósforo, mas não lhe vejo a chama. Terá sido junto à Anunciação, quase sob a janela voltada a sul. Esforço mais a vista, e vejo o desenho alaranjado da ponta de um cigarro. Levo a mão ao bisturi. Uma voz de mulher que, por momentos julgo reconhecer, murmura, uma, duas, inúmeras vezes, como numa cantilena de escola: «once upon a time... once upon a time...».

Empunho o bisturi. Uma luz branca, insuportavelmente branca e incandescente, irrompeu de todo o lado. De súbito, tudo desapareceu: o espaço do coro, os frescos de Piero, as cores. Apenas aquela luz que me cegava, mortífera. E à minha frente, o rosto de Kathy Buckman tomava forma, saindo do muro, tomado branco pela força indomável daquela luz.

(Continua)

CAMINHO NOVIDADES

SETEMBRO



Alice Vieira
Flor de Mel

E se a nossa mãe fosse rainha das Dioneias?
E se a nossa mãe tivesse sido raptada pelos piratas?
Histórias destas enchem a imaginação de Melinda, que os vai contando às crianças com quem vive em casa de Mãe-Joana.
A história de um quarto que se enche de estrelas quando a noite vem e há uma fada madrinha a velar por nós.

Ilustrações de Ivone Ralha

Preço: 400\$00

Bernardo Santareno
Obras Completas
de
Bernardo Santareno
3.º volume

Este volume inclui as seguintes peças: **O Judeu**, **O Infante**, **A Traição do Padre Martinho**.
Organização, prefácio e notas de Luis Francisco Rebello.

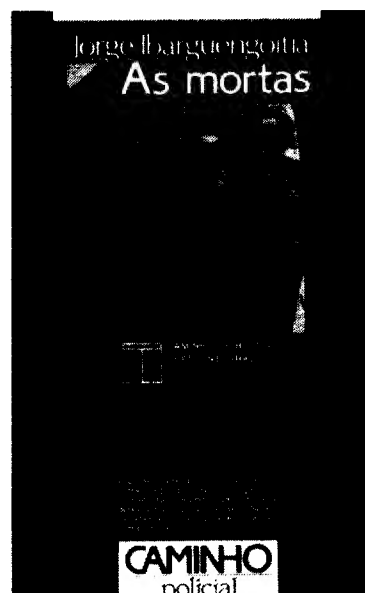
Preço: 900\$00



A. e B. Strugatski
O Miúdo

Os leitores portugueses amantes da ficção científica, e não só, já conhecem Arkadi e Boris Strugatski, já sabem que os seus livros são apaixonantes e insólitos. Na Caminho de Bolso o n.º 19 **Stalker**, da sua autoria, provou mais uma vez a sua alta qualidade. Agora, **O Miúdo** mostrará outra faceta e surpreenderá, estamos certos, os admiradores da obra dos Strugatski.

Preço: 200\$00



Jorge Ibarguengoitia
As Mortas

Jorge Ibarguengoitia (recentemente falecido num desastre de viação) foi um consagrado dramaturgo e romancista, que ganhou o Prémio Casa de las Américas e o Prémio Novela México. Em **As Mortas**, o terror e o humor misturam-se e deixam uma marca indelével no leitor. Não perca, portanto, este romance ao mesmo tempo subtil e directo, terrível e hilariante.

Preço: 200\$00



Mildred D. Taylor
Trovão, Ouve o Meu Grito

Este romance para jovens, com que se inicia a colecção Caminho Jovens, passa-se no sul dos Estados Unidos durante a grande depressão económica dos anos 30. É a história de uma família de agricultores negros que se esforça por conservar a sua terra — e o seu orgulho.

O livro foi distinguido com o Prémio Newberry de 1977, o mais importante galardão da literatura infantil e juvenil dos Estados Unidos.

Ilustrações de Rui M. Filipe

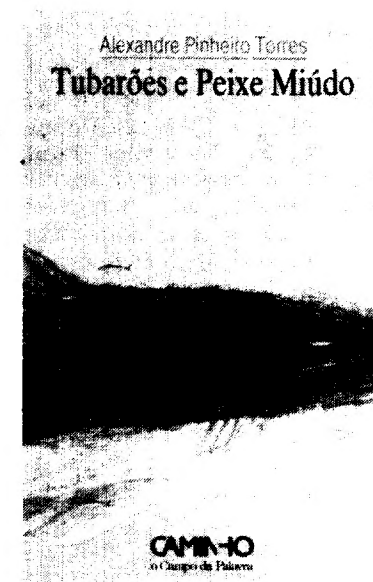
Preço: 350\$00

Alexandre Pinheiro Torres
Tubarões e Peixe Miúdo

Livro festemunho de um certo tempo português, nele vemos também as instituições inglesas ridicularizadas, ajustadas à sua verdadeira dimensão. Enquanto isso, Sacatrapo, o Renegado, Tina Maria, Zé Quitolas, etc., tentam adaptar-se à Terra dos Fetos.

Parece, todavia, que a Terra dos Fetos (simbólica doutrinas terras) não oferece possibilidades de encaixe social verdadeiro a corpos estranhos. **Tubarões e Peixe Miúdo** é o processo dessa rejeição e de um futuro português, que já sobra da própria história.

Preço: 750\$00



E DE NOVA VENDA

Frei Betto
Fidel e a Religião
2.ª edição
10 000 exps.

José Saramago
Memorial do Convento
16.ª edição
70 000 exps.

o prazer de ter bons livros para ler

CDL a distribuição

Apelo aos trabalhadores linguísticos especializados vulgo tradutores

A profissão de tradutor é das poucas actividades produtivas que a inflação não tocou no que se refere a salários, ordenados, preços. Ou foi pela inflação só levemente desidratada. O tradutor ganha a preços do século XIII...

Traduzir? Que óptimo.

Arte e ofício, qualificação assalariada industrial?

A peça, como as *new draperies* do séc. XVII, indústria a domicílio? Na fábrica, ao mês, como os metalúrgicos?

Uns poucos pretendem-na profissão liberal com deontologia e tudo, outros funcionam nos escritórios editoriais, nas empresas de comércio e indústria, instituições. Outros ainda tomam-na como simples *after-taste* cultural-literário, *tricot* ocupacional, sublimação de vocações literárias falhadas que os respectivos papás lhes inculcaram numa distante, irremível infância. Enfim...

Estamos todos no mesmo saco, o esteta distante, o viajado, o profissional rotinado que traduz a metro, a estudante de germânicas que quer agradar, o cabotino chefe de empresa soletizador costumaz de relatórios CEE e que passou sempre com deficiência a francês (e sobretudo a português!), o correspondente de línguas estrangeiras (estrangeiras, Santo Deus!) que não é Pessoa nem gente, o investigador especializado em asteca, o colega da cibernética, o decifrador de telexes, a senhora que quer fazer o *British* com aproveitamentos vários e possui cartão de visita impresso a dizer tradutora e até traduz umas coisas de passageiros de modelos e ementas de restaurante... toda esta fauna vive na mais desgostante promiscuidade linguística.

Bolas, mas é, colegas!

Nós, os tradutores profissionais, somos mas é mal pagos e abaixo do salário mínimo nacional!

Colegas!

A nossa profissão é das poucas actividades produtivas que a inflação não tocou no que se refere a salários, ordenados, preços ou como quise-rem chamar-lhes, ou foi por ela só levemente desidratada. Ganhamos a preços do séc. XIII, colegas!

Tudo sobre, minha gente, menos o preço do nosso trabalho. Qualquer portuço comprador de serviços de tradução calcula o nosso preço (corpo incluído) pelo do arroz de quinze e com direito a corrigir-nos a prosa — e a não a aceitar se achar que. Olha se faziam o mesmo com o alfaiate ou com o barbeiro. É o fazes. É que estes souberam defender-se a tempo.

Sim, todos sabemos que a classe é numerosíssima, pretensiosíssima, talentosíssima, capaz... de tudo e hierárquica até ao infinito. Abaixo dum tradutor português existem milhões de outros tradutores não menos portugueses cobrando mais barato (e traduzindo melhor na opinião pelo menos do próprio e de quem lhe paga), ávidos, sem escrúpulos, prostituindo-se pelas migalhas quer do prestígio da profissão quer as propriamente ditas de pão seco que sobre eles aspergem os seus exploradores tradicionais e inimigos de classe, os super, os arqui falhos de escrúpulos, os sedentos de lucro, os mafiosos do *status quo* cultural, quando não

são os tradutores *eux-mêmes* que se prestam ao ignóbil papel de sugas, negreiros da miséria linguística do País, chulos das letras, etc., etc., etc.

Afirmção 1:

Tudo o português jeitoso (ou não) traduz sempre qualquer coisa, dado que tudo nos chega lá de fora e também porque pelo menos uns leves rudimentos das «línguas» — do Platini, da Lady Di, do divino Reagan, do Rosenkavalier, dos Tutti Frutti, do Iglesias, doutros — lhe são congenitamente uma segunda língua (primáriazinha) e ele é, reconhecidamente, um autor maior da língua-mátria, um eficiente uniformizador do estilo de Vieira, Eça, Pessoa, Lobo Antunes, tão-só capaz de, abnegadamente, singelamente, anonimamente, verter escorreitamente para o português bonito actual os mais diversos estilos e modos, textos, assuntos do «estrangeiro» que sem eles jamais conheçariam o esplendor dum novo rosto (o português, *bien sûr*) que os imortalize.

Afirmção 2:

Fá-lo assumidamente e tãoboa-conscientemente melhor que o vizinho (e *incontinenti* corrige-o em três penadas), temse analfabeto pedante que não tem mais que a quarta classe feita na tropa e declara para todos os efeitos e aos quatro ventos que só lhe faltam três cadeiras do ciclo preparatório da Conchichina para ser cardeal-tradutor (estava em causa uma tradução do conchinchinês demótico via francês).

Consequências:

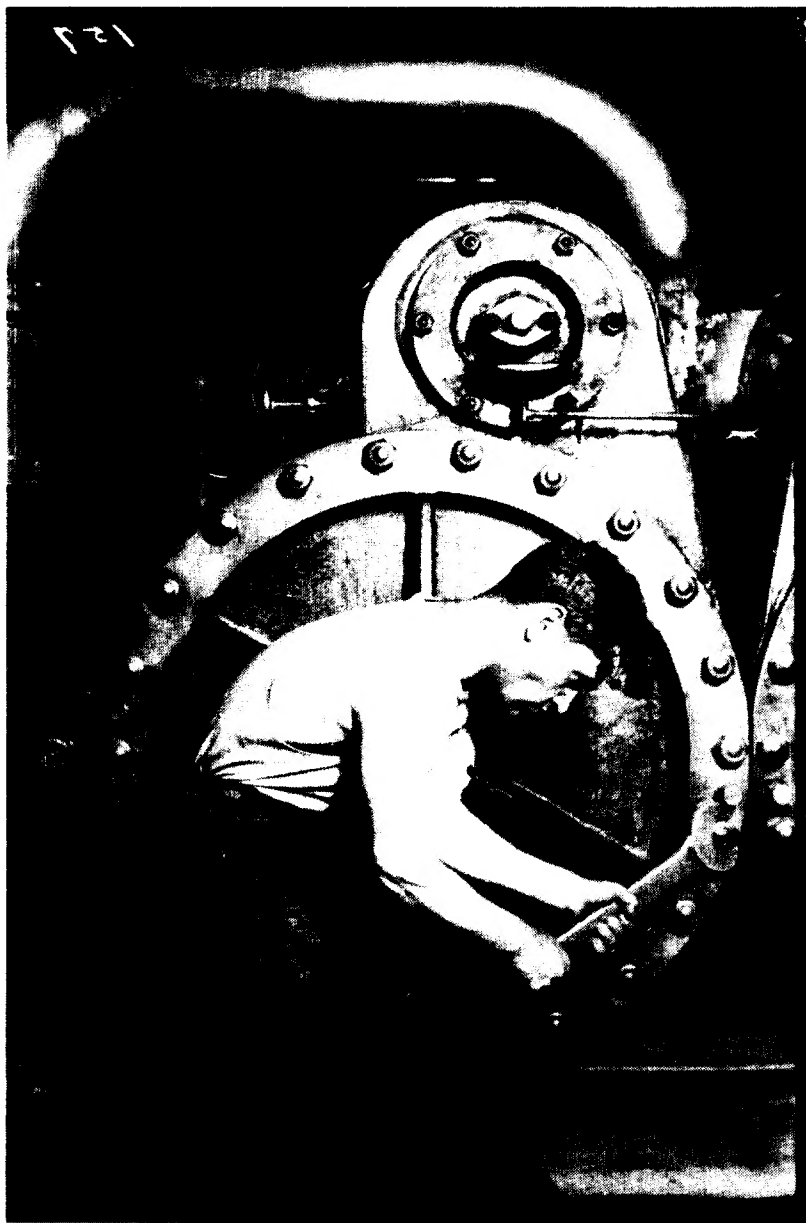
Para todo e qualquer portuço comprador de serviços de tradução, traduzir não é uma profissão, nem sequer uma habilidade, capacidade (*skill*) válida, honesta, reconhecível legalmente. O melhor tradutor é sem dúvida o que cavalheirescamente menos cobrar, dado que o preço de um qualquer tradutor do *sanscrito* é equiparado ao óbulo estendido a um arrumador de automóveis (profissão inexistente) ou quando muito tarifável pela qualidade da dactilografia. Também há que não considerar o volume global de tradução produzida no PNB do País, obviamente.

Ora eu pergunto-me:

Será suficiente incluírem o nosso nome ao lado do do autor (às vezes até vem mesmo na capa do livro!) e reconhecerem-nos, de vez em quando, a título gracioso, o estatuto de artistas em comentários de marketing jornalístico, para tudo ir pelo melhor?

A mim, ao lado do nome a responsabilizar-me (na nota editorial) falta-me a nota na carteira, uma tabela de preços justos, públicos, nacionais, assistência na doença e na velhice, um cartãozinho sindical ou afim, meios de formação e de actualização de conhecimentos, enfim, que tudo fosse como deve ser, a sério, sem ervas daninhas nem ciganos. É que até pago impostos por trabalhar nisto, pá!

Também todos sabemos que pouco ou nada se lê neste país, que as traduções são más (e quase tudo neste país é traduzido), que o papel está caro, as



Dir-se-ia que este ainda está na moda

tipografias não trabalham com cheques carecas, as distribuidoras comem tudo e não deixam nada, os bancos, etc., etc. Mas o facto de sermos assim tão cultos, o facto de estarmos assim tão bem informados, o facto de sermos assim tão compreensivos para com os problemas graves da cultura, não melhora em nada a nossa situação, antes pelo contrário: quando recusamos um trabalho por acharmos indigno o preço que nos querem fazer ou quando achamos esse trabalho fora ou além da nossa competência, sabemos que há sempre outro mais miserável e sem escrúpulos que dará graças e o lambe por metade.

Ora, isto não pode ser!

Falta-nos a tal Associação que faça frente à oligarquia patronal! Uma associação corporativa ou ortodoxamente classicista, vermelha ou pepêdê, tanto faz. Os idiolectos, para o caso pouco pesam; não sejam eles que nos dividam.

Você sabe quanto ganha o seu colega? E é capaz de dizer publicamente quanto lhe pagam pelas suas peçazinhas sem sentir que está a trair (traduttore, traditore...) a alma do negócio? Sabia que X paga a Y duas ou três vezes mais que a si e que, no entanto, lhe pisca o olho sempre que lhe entrega o esquelético cheque para que você pense que é o mais

bem pago da profissão? Gosta de receber a más horas e só quando todos os restantes encargos do seu patrão já foram satisfeitos e sobrou dinheiro para si? Aceita ser *coolie labor*, *travail noir*, *achwarzarbeiter*? Consente que lhe corrijam os quês e lhe ponham as vírgulas ao contrário no seu texto, por mais doutor, engenheiro ou advogado que o seu patrão seja. Não acha que a qualidade de uma tradução se relaciona de facto com a qualidade de vida do tradutor (embora não necessariamente, claro).

Não está de acordo que, na cultura portuguesa, quando se fala em dinheiro todos coram? Acha que há que sacar primeiro? Prefere então fiar-se no seu conhecimento do caminho das pedras?

Se acham que isto, até aqui, é só banha da cobra, adeusinho. Se não, leia-me só isto:

Determinada instituição musical do nosso país contactou-me tendo em vista contratar-me para «traduzir» para português uma ópera de Brecht. Após recomendação do meu nome como tradutor capacitado e interessado em Brecht/Weil pelo director duma instituição cultural alemã a funcionar neste país e depois de outro tradutor, eminentíssimo, se ter declarado não interessado na mesma, fiquei de apresentar um orça-

mento para a partitura (100 páginas) que me foi entregue para o efeito. Passei um mês com o estudo da obra. Tratava-se não duma simples tradução de poemas de Brecht, mas da realização da adaptação dos mesmos, em língua portuguesa, à música de Kurt Weil. Iria precisar de discos, cassetes, consultar traduções existentes de alguns dos poemas, eventualmente testar as letras das canções com um pianista. Em resumo: tratava-se de ser o autor das letras em português da ópera de Brecht/Weil, apresentável tanto no São Carlos, como no Parque Mayer ou ainda numa recita de alunos de canto. Estimado o orçamento — cem contos —, comunicado à instituição, vi o contrato fugir-me no ar. Nem metade. Talvez um terço? A instituição alegou não dispor de verbas. Compreendia e aceitava os meus argumentos, mas... Alternativa que a instituição pensava seguir (pelo menos foi o que me comunicou): dar a obra a traduzir a uma cantora que tinha tirado um curso de canto na Alemanha. A solução caseira, à portuguesa, típica. Nem menos. Por que não pensaram nisso logo de início? Não sei como se resolveu o caso. Ora, cem contos é menos que dois meses de ordenado dum professor de liceu e eu previa no mínimo dois meses de trabalho para me desencumbrir da missão.

Confuso? Ainda vai ficar mais depois de ler outro episódio da mesma saga:

Outra instituição, governamental esta, sondou-me quanto à tradução para francês, inglês e alemão do texto-comentário a incorporar num filme realizado por essa instituição. Setenta escudos à linha, respondi. Recusado, iriam tentar com o tradutor da casa de que dispunham. Afinal, até tinham tradutor... mas pelos vistos só passou a ser competente depois de conhecido o meu preço.

Dados estes preços, o mês de Setembro assistiu ao voo de dois contratos (quais pássaros) para longe das minhas mãos, ao mesmo tempo que, com igual rapidez, o número de galões e torradas que terei de consumir aumentou, que é para não ser burro e me deixar de pedir preços dignos e compatíveis com a importância de quem encomenda os trabalhos.

Colegas:

Estou muito desiludido com a profissão que escolhi. Escaramentado? Também. Mas com raiva. Penso que isto não pode continuar assim, que é possível fazer qualquer coisa. E para já, os que quiserem, escrevam-me: para a Praça da República, 32-4.º Esq., 4000 PORTO. O objectivo é acabarmos de vez com o segredo profissional que faz de nós invisíveis e invisíveis (*ghost writers* especiais, à portuguesa).

E para terminar, apenas mais duas questões: 1.ª Não acham que as segundas edições dum livro traduzido deviam ser pagas — de cada vez e por inteiro — ao tradutor? Pois é. 2.ª Acha que qualidade é o nome do tradutor apenas? Não seria então possível acertar um nível de qualidade, padrões de qualidade?

Saudações à linha,

Carlos Leite

No Prelo

Bestiário de Cortázar

Pronto a sair (dentro de dias o livro está na rua): **Bestiário**, de Julio Cortázar, editado na Biblioteca de Bolso da Dom Quixote. O **LerEscrever** oferece um dos contos em estreia absoluta, aos seus leitores: **A casa ocupada**

Gostávamos da casa porque, além de espaçosa e antiga (hoje as casas antigas sucumbem à mais vantajosa liquidação dos seus materiais), guardava as recordações dos nossos bisavós, avô paterno, nossos pais e toda a infância.

Irene e eu habituámo-nos a persistir nela sozinhos, o que era uma loucura, pois nessa casa podiam viver oito pessoas sem estorvo. Fazíamos a limpeza de manhã, levantando-nos às sete, e por volta das onze deixava a Irene os últimos minutos para arrumar e ia para a cozinha. Almoçávamos ao meio-dia, sempre pontuais; já não havia mais nada para fazer além de lavar alguns pratos sujos. Era agradável almoçar pensando na casa profunda e silenciosa e como conseguíamos mantê-la limpa. Por vezes, chegávamos a crer que fora ela que não nos deixou casar. Irene correu com dois pretendentes sem grande motivo; quanto a mim, Maria Ester morreu antes que chegassemos a estar comprometidos. Entramos nos quarenta anos com a imprensa ideia de que o nosso simples e silencioso casal de irmãos era o necessário encerro da genealogia instituída pelos bisavós em nossa casa. Morreríamos ali um dia, vagos e fugidios primos ficariam com a casa e haveriam de deixá-la ao chão para enriquecerem com o terreno e os azulejos; ou seríamos nós a demolí-la justicilmente antes que fosse demasiado tarde.

Irene era uma rapariga nascida para não incomodar ninguém. Além da sua actividade matinal, passava o resto do dia no sofá do quarto a fazer malha. Não sei porque fazia tanta, julgo que as mulheres fazem malha quando encontram nessa actividade o grande pretexto para não fazerem nada. Irene não era assim, fazia sempre coisas necessárias, camisolas para usar no Inverno, meias para mim, mantas e coletes para ela. Às vezes fazia um colete e depois desfazia-o num instante porque não lhe agradava um pormenor; era engraçado ver no cesto o monte de lá encrespada que resistia a perder a sua forma de algumas horas. Aos sábados ia eu ao centro comprar lá; Irene confiava no meu gosto, concordava com as cores e nunca tive de devolver meadas. Aproveitava essas saídas para dar uma volta pelas livrarias e perguntar vagamente se havia novidades da literatura francesa. Desde 1939 que não chegava nada de importante à Argentina.

Mas é da casa que me interessa falar, da casa e de Irene, porque eu não tenho importância. Pergunto-me o que teria feito Irene sem a malha. Pode-se referir um livro, mas quando uma camisola está acabada não se pode refazê-la sem espanto. Um dia encontrei o último gavetão da cómoda de cânfora cheio de lençóis brancos, verdes, lilases. Estavam com naftalina, empilhados como na mercearia; não tive coragem de perguntar a Irene o que pensava fazer deles. Não precisávamos de ganhar a vida; todos os meses chegava a renda das propriedades e o dinheiro aumentava. Mas Irene apenas se entretinha a fazer malha, mostrava uma destreza maravilhosa, e eu deixava passar as horas a ver-lhe as mãos como ouriços prateados, agulhas que iam e vinham e um ou dois cestinhos no chão onde os novelos se agitavam continuamente. Era lindo.

Como não recordar-me da distribuição da casa. A sala de jantar adornada com figuras, a biblioteca e os três

quartos grandes ficavam na parte mais retirada, voltada para a Rodríguez Peña. Apenas um corredor com uma porta maciça de carvalho isolava essa parte da ala dianteira, onde havia um quarto de banho, a cozinha, os nossos quartos e a sala de estar, com que comunicavam os quartos e o corredor. Entrava-se na casa por um saguão de ladrilhos trabalhados e uma porta de guarda-vento dava para a sala de estar. De modo que se entrava pelo saguão, abria-se o guarda-vento e passava-se à sala de estar; dos lados estavam as portas dos nossos quartos e à frente o corredor que conduzia à parte mais retirada; avançando pelo corredor passava-se pela porta de carvalho e mais além começava o outro lado da casa, ou então podia-se voltar à esquerda precisamente antes da porta e continuar por um corredor mais estreito que levava à cozinha e à casa de banho. Quando a porta estava aberta, percebia-se que a casa era muito grande; caso contrário, dava a impressão dum apartamento desses que se constroem agora, onde se anda com dificuldade; Irene e eu vivíamos sempre nesta parte da casa, quase nunca íamos para lá da porta de carvalho, salvo para fazer a limpeza, pois é incrível como o pó se junta nos móveis. Buenos Aires será uma cidade limpa, mas isso deve-se aos seus habitantes e a mais nada. Há demasiada terra no ar, mal sopra uma brisa vê-se o pó nas cómodas e nos losangos das toalhas de macramé; dá trabalho tirá-lo completamente com o espanador, voa e suspende-se no ar, um minuto depois volta a poisar nos móveis e nos pianos.

Lembrar-me-ei sempre com nitidez, porque foi simples e sem circunstâncias inúteis. Irene estava a fazer malha no seu quarto, eram oito da noite, e de repente lembrei-me de pôr ao lume a vasilha para o chá-mate. Fui pelo corredor até encostar com a porta de carvalho, e dava a volta ao cotovelo quando ouvi qualquer coisa na sala de jantar ou na biblioteca. O som chegava impreciso e surdo, como um tombar de cadeira no tapete ou um abafado sussurro de conversação. Também o ouvi, ao mesmo tempo ou um segundo depois, no fundo do corredor que conduzia daquelas divisões até à porta. Encostei-me à porta antes que fosse demasiado tarde, fechei-a depressa apoiando o corpo; felizmente a chave estava posta do nosso lado e além disso corri o grande ferrolho para mais segurança.

Fui à cozinha, aqueci a água e, quando regressiei com a bandeja de mate, disse a Irene:

— Tive de fechar a porta do corredor. Ocuparam a parte do fundo. Deixou cair a malha e olhou-me com os seus graves

olhos cansados.

— Tens a certeza?

Assenti.

— Então — disse apanhando as agulhas — vamos ter de viver deste lado.

Eu fazia o mate com muito cuidado, mas ela demorou um pouco até recomçar o seu trabalho. Recordo-me de que fazia um colete cinzento, eu gostava muito desse colete.

Nos primeiros dias custou-nos, porque ambos tínhamos deixado muitas coisas de que gostávamos na parte ocupada. Os meus livros de literatura francesa, por exemplo, estavam todos na biblioteca. Irene tinha saudades dumas toalhas e dum par de pantufas que tanto a agasalhavam no Inverno. Eu tinha pena do meu cachimbo de ébano, e julgo que Irene pensou numa garrafa de hesperidina com muitos anos. Frequentemente (mas isto só aconteceu nos primeiros dias) fechávamos qualquer gavetão das cómodas e olhávamos um para o outro com tristeza.

— Não está aqui.

E era outra coisa a juntar ao que tínhamos perdido no outro lado da casa.

Mas também tivemos vantagens. A limpeza simplificou-se tanto que, mesmo levantando-nos tardissimo, às nove e meia, por exemplo, não tinham dado as onze e já estávamos de braços cruzados. Irene acostumou-se a ir comigo à cozinha e ajudava-me a preparar o almoço. Pensámo-nos muito e decidimos isto: enquanto eu preparava o almoço, Irene cozinhava pratos frios para comer de noite. Ficámos contentes, porque é sempre desagradável ter de se abandonar os quartos a altas horas e pôr-se a cozinhar. Agora resolvia-se com a mesa no quarto de Irene e a reserva de comida fria.

Irene estava feliz porque tinha mais tempo para fazer malha. Eu andava um pouco perdido por causa dos livros, mas, para não afligir a minha irmã, pus-me a rever a colecção de selos do papá, e isso serviu-me para matar o tempo. Divertimo-nos muito, cada um com as suas coisas, quase sempre reunidos no quarto de Irene, que era o mais cómodo. Às vezes Irene dizia:

— Repara neste ponto de que me lembrei. Não faz lembrar o desenho de um trevo?

Minutos depois era eu que lhe punha à frente dos olhos um quadrado de papel para que apreciase o valor de algum selo de Eupen e Malmédy. Estávamos bem e, pouco a pouco, começámos a não pensar. Pode-se viver sem pensar.

(Quando Irene sonhava em voz alta eu acordava logo. Nunca pude habituar-me a essa voz de estátua ou papagaio, voz que vem dos sonhos, e não da garganta. Irene dizia que os meus sonhos consistiam em grandes sacalões que às vezes faziam cair o cobertor. Os nossos quartos tinham a sala entre eles, mas de noite ouviam-se todos os ruídos da casa. Ouvíamos-nos respirar, tossir, pressentíamos o gesto que leva ao botão do candeeiro, as mútuas e frequentes insónias.)

A parte isso estava tudo calado na casa. De dia eram os ruídos domésticos, o raspar metálico das agulhas de fazer malha, um ranger ao virar as folhas do álbum filatélico. A porta de carvalho, creio tê-lo dito, era maciça. Na cozinha ou no quarto de banho, que ficavam ao lado da parte ocupada, púnhamo-nos a falar em voz alta, ou Irene cantava canções de embalar. Numa cozinha há demasiado ruído de louça e vidros para que outros sons a invadam. Muito poucas vezes nos permitíamos ali o silêncio, mas quando regressávamos aos quartos e à sala de estar, então a casa ficava calada e à média luz, até caminhávamos mais devagar para não nos incomodarmos. Julgo que era por isso que de noite, quando Irene começava a sonhar em voz alta, eu acordava logo.)

É quase repetir o mesmo, salvo as consequências. De noite tenho sede e, antes de nos deitarmos, disse a Irene que ia à cozinha buscar um copo de água. Da porta do quarto (ela fazia malha), ouvi ruído na cozinha; talvez na cozinha ou talvez no quarto de banho, porque a esquina do corredor abafava o som. A brusca maneira de me deter chamou a atenção de Irene, e veio até ao meu lado sem dizer nada. Ficámos a ouvir os ruídos, notando perfeitamente que eram deste lado da porta de carvalho, na cozinha ou no quarto de banho, ou no próprio corredor onde começava o cotovelo, quase ao nosso lado.

Nem sequer nos olhámos. Apertei o braço de Irene e fi-la correr comigo até à porta do guarda-vento, sem olharmos para trás. Os ruídos ouviam-se mais fortes, mas sempre abafados, nas nossas costas. Fechei rapidamente o guarda-vento e ficámos no saguão. Agora não se ouvia nada.

— Ocuparam esta parte — disse Irene. Tinha a malha pendurada nas mãos e os fios iam até à porta e perdiam-se debaixo dela. Quando viu que os novelos tinham ficado do outro lado, soltou a malha sem a olhar.

— Tiveste tempo de trazer alguma coisa? — perguntei, inutilmente.

— Não, nada.

Estávamos com o que levávamos vestido. Recordei-me dos quinze mil pesos no armário do meu quarto. Agora já era tarde.

Como me restava o relógio de pulso, vi que eram onze da noite. Rodeei com o braço a cintura de Irene (creio que ela estava a chorar) e fomos assim para a rua. Antes de nos afastarmos tive pena, fechei bem a porta de entrada e atirei a chave ao esgoto. Não fosse algum pobre diabo ter a ideia de roubar e entrasse na casa àquelas horas, com a casa ocupada.

O eu nos outros

À procura da ternura perdida

Sente-se, sente-se aí, que eu já lhe falo. Já lhe dou uma palavrinha... É só arrumar estes livros, sou eu quem os desarruma. devia ter mais um pouco de ordem... Mas nem sempre há tempo para tudo, sabe...? Sabe que leio livros que já li há muitos anos...?

Não, não é precisamente uma volta aos tempos passados. Não sei se acontece consigo, mas comigo acontece sentir, de quando em quando, o desejo de saborear certas passagens, de me encontrar com esta aquela personagem. Por exemplo, com o Hans Castorp da 'Montanha Mágica', ou com o Príncipe Leon Muichkoina do 'Idiota', ou ainda com o Julien Sorel do 'Vermelho e Negro'. Foram leituras que me marcaram, que me deram um certo rosto, uma determinada maneira de agir... Há quem me chame antiquada, e eu até concordo, por que não?, mas não sou, não... Não sou antiquada, pode crer. Necessito é de ter a certeza de que essas personagens não envelheceram. Aí é que está o problema. Que eu envelheça, muito bem, aceito. É uma lei a que todos temos de obedecer... Agora que essa personagens envelheçam, que percam a sua força, a sua beleza, as suas palavras, ah!, isso é que não! Fico doente só de pensar nisso, caio numa grande melancolia... Por vezes, digo para mim: 'Certamente a Madame Chauchat, está agora numa cadeira de rodas...' Sabe quem é a Madame Chauchat, pois não sabe...? A mulher por quem Hans Castorp se apaixona no Sanatório, isso mesmo... Pois bem: abro o livro de Thomas Mann, percorro umas páginas, passo um capítulo, e eis que ela me surge em toda a sua beleza, em todo o seu mistério, com aquele magnífico rosto de asiática... Se soubesse como me sinto feliz, como fico contente, como... Nem sei dizer! Claro, eu sei o que está a pensar... Ou não sei...? Sei, pois claro que sei... O senhor está a pensar mais ou menos o seguinte: mas se ela é assim, tão agarrada aos clássicos, como é que ela escreve coisas tão

diferentes, de um tempo futuro, com naves espaciais a velocidades supersónicas, com desembarques em planetas estranhos... Bem, essa é que é a minha verdadeira história. A minha verdadeira angústia... Aqui é que terá matéria, não é assim como os senhores dizem?, para a sua entrevista... Olá se não é! Mas antes vamos tomar um chá... Ah, perdão! Certamente prefere uma bebida qualquer, talvez um «whisky», um Porto, sei lá... Diga o que deseja tomar. Para mim é um chá... Maria!

Sérgio Tavares adiantou-se antes que a criada aparecesse:

— Tomo também chá.

Mexendo o açúcar na chávena, lentamente, com um olhar muito atirado para longe, a velha escritora continuou:

— Como jornalista que é, seja jornalista. Mas com um pouco de sensibilidade... Pode ser...? Pois bem... Eu penso que a angústia flutua, como uma grande ave, entre o passado e o futuro. É uma ave, talvez uma águia, que nos ensombra o presente... Vou tornar mais claras as minhas palavras... Eu, como escritora, tenho de ser do tempo que corre. Mais: de percorrer os caminhos do futuro... Há todo um cosmo a desvendas em literatura. Um outro tempo, enfim, que é preciso conquistar... Todos os meus livros, pelo menos até aqui, têm seguido essa trajectória... Alguns até me pareceram ter sido escritos em estado de imponderabilidade, veja lá... Não são coisas arbitrárias, esses meus livros, pois que me debruço, e a crítica tem-no mencionado, sobre as ciências exactas. O futuro, pois. Mas...

Sérgio Tavares pediu licença para fumar.

— Por quem é! — disse a escritora. — Eu também fumo... Não, agora não... O futuro, pois, como ia dizendo. Mas há o apelo do passado. Está a ver, não está...? Os longos soalhos encerrados, as grandes salas, as compridas cortinas quase translúcidas, os pianos

de cauda, os lustres nos tectos altos, uma atmosfera de relva lá por fora... Pensa que estou a ser sentimental, não é...? Mas olhe que não estou. É que essas coisas existiram mesmo, são as nossas raízes, e mesmo que as não tenhamos vivido pessoalmente, vivêmo-las nos livros que outros escreveram... É aqui, meu amigo, que reside a verdadeira angústia de nosso tempo presente. É a tal ave que esvoaça sobre nós...

— Talvez um grande terramoto nos fizesse retroceder a esse tempo antigo... — atreveu-se a dizer Sérgio Tavares, um tanto irónico, enquanto mudava a cassete no gravador.

A velha escritora sorriu:

— Oh, não! Não é preciso tanto... Basta a nossa memória neste tempo de autómatos e computadores. O que é essencial é conservar a ternura antiga... Procurar essa ternura perdida no tempo... Sabe o que estou a ver agora...? Pedro Bezukhov, o da 'Guerra e Paz', de Tolstói, a descobrir que ama Natasha sob o céu estrelado... Lá estou eu com as minhas personagens clássicas! Mas, meu caro jornalista, são esses personagens que subitamente vêm ter comigo... E amam, e dançam, e cantam... Ora como conciliar essa ternura, esse leite quente do sangue humano, com a descoberta de outros mundos no maos íntimo do Universo...? Olhe: há um conto de Tchekov, muito breve, em que um garotito, aprendiz de qualquer coisa em Moscovo, escreve uma carta ao avô, perdido na terra natal, a muitos quilómetros de distância. Sabe o senhor que endereço, na sua ingenuidade, o garotito põe na carta...? Este só: «Ao avô, na aldeia». Que ternura em busca da ternura perdida! Pois muitas vezes quando procuro um título, é essa a minha vontade, a minha ideia: «A todos os homens, lá da aldeia...»

Pedro Alvim